

John Stott

FIRMADOS NA FÉ



FIRMADOS NA FÉ

“Continuem alicerçados e firmes na fé, sem se afastarem da esperança do evangelho.”

(Colossenses 1.23)

Este clássico de John Stott é, reconhecidamente, uma das mais consistentes introduções à fé cristã. Segundo o autor, ele foi escrito para:

- aqueles que aceitaram Jesus Cristo há pouco tempo e buscam diretrizes para vivenciar a fé cristã.
- aqueles que estão se preparando para tornar-se membros de uma igreja e querem consolidar sua fé.
- aqueles que aceitaram a Cristo há muito tempo e desejam renovar seu compromisso.

Firmados na Fé responde a três perguntas básicas:

O que é ser cristão?

A essência da fé cristã não é um credo, nem um código de conduta ou um conjunto de cerimônias. O autor mostra que a fé cristã consiste, acima de tudo, em conhecer a pessoa de Jesus Cristo e relacionar-se com ele.

Em que crêem os cristãos?

Firmados na Fé apresenta uma síntese das convicções cristãs estruturando-as em torno da afirmação das três pessoas da Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

Como se pode ser cristão em um mundo tão complexo?

Jesus resumiu a lei de Deus em termos de amor – não um sentimentalismo egoísta, mas um amor robusto e sacrificial. *Firmados na Fé* explica como encontrar vigor espiritual no cultivo de uma vida disciplinada no Espírito.



ISBN 85-86936-20-0



9 788586 936203

JOHN STOTT

FIRMADOS NA FÉ

*com Guia de Estudo
elaborado por Lance Pierson*



Todos os direitos reservados. Copyright © 2004 Encontro Publicações

Coordenação Editorial

Sandro J. Bier

Tradução

Marcos Davi S. Steuernagel e

Silêda S. Steuernagel

Revisão

Silêda S. Steuernagel

Capa e Diagramação

Aline G. S. Scheffler

Imagem da capa

Farol de Santa Marta, Laguna, SC

fotografado por Ismael Scheffler

S888c Stott, John.

Firmados na fé / JohnStott, tradução: Marcos Davi S. Steuernagel e Silêda S. Steuernagel. – Curitiba : Encontro, 2004. 248 p.; 21 cm. - (Princípios da fé cristã)

ISBN 85-86936-23-5.

1. Fé. Vida cristã. I. Título.

CDD 248.4

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sem o consentimento prévio, por escrito.

Os textos bíblicos citados neste livro são da BIBLIA SAGRADA - Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional, exceto quando outra versão é indicada.

ENCONTRO PUBLICAÇÕES

- Movimento Encontro -

Caixa Postal 18120

80311-970 – Curitiba, PR.

Tel: (41) 352.5030

encontro@me.org.br

www.me.org.br/encontro

MAZINHO RODRIGUES

Crédito: Mazinho Rodrigues.

Doação Exclusiva para:

<http://entretextosteologicos.blogspot.com.br/>



MAZINHO RODRIGUES

*“Continuem alicerçados e firmes na fé,
sem se afastarem da esperança do evangelho”*

Colossenses 1.23

ÍNDICE

Prefácio.....	09
Orientações para uso do Guia de Estudo	11
Introdução	15
O Começo da Vida Cristã	
1. Como se tornar um cristão	25
2. Como ter certeza de que se é cristão.....	45
3. Como crescer na vida cristã.....	63
Em Que Crêem os Cristãos?	
4. “Creio em Deus Pai”	83
5. “Creio em Jesus Cristo”	103
6. “Creio no Espírito Santo”	121
A Conduta do Cristão	
7. Os valores morais.....	141
8. A leitura da Bíblia e a oração.....	169
9. A vida em Comunhão e a Ceia do Senhor.....	189
10. Servindo a Cristo	213
Conclusão	231
Orações	233
Notas	243

PREFÁCIO

A primeira edição deste livro apareceu na Grã-Bretanha em 1958, com o propósito de ajudar as pessoas que estavam se preparando para se tornarem membros da Igreja Episcopal. Mas acabou sendo usado, nos dois lados do Atlântico, por outras denominações evangélicas em cursos de preparação de novos membros.

Muitas vezes, durante esse período, os editores originais insistiram comigo para que revisasse o texto e fizesse uma segunda edição; e eu prometi que o faria. Mas, ao tentar cumprir a promessa, descobri que não dava; seria preciso reescrever todo o texto. Ou melhor, teria de produzir um novo livro.

A razão disso é que no último terço de século tudo parece ter mudado. O mundo (pelo menos no Ocidente) tornou-se mais secular, mais cético e mais crítico, e as igrejas sentiram-se na obrigação (com diferentes graus de sucesso) de ir ao encontro dos desafios da modernidade. Além disso, para falar a verdade, o que mudou não foi só o mundo e a igreja. Eu mesmo mudei, especialmente no sentido de reconhecer a necessidade urgente de estabelecer uma relação entre a antiga fé e o mundo moderno, de forma a demonstrar a sua relevância para os dias de hoje.

Ao adaptar este livro para um público mais amplo, procurei fazer uma abordagem interdenominacional, concentrando-me nas verdades e práticas cristãs fundamentais que unem as igrejas protestantes históricas. Sou profundamente grato a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que isso fosse possível, e particularmente a Lance Pierson por haver elaborado o Guia de Estudo.

John Stott

Natal de 1991

ORIENTAÇÕES PARA O USO DO GUIA DE ESTUDO

ELEMENTOS BÁSICOS

Um esboço simples para um estudo curto, baseado inteiramente no capítulo que se acabou de ver. Pode ser utilizado tanto para estudo pessoal como por um grupo que esteja estudando junto. Deve levar entre trinta e sessenta minutos, dependendo do nível de aprofundamento desejado e do tempo disponível.

Perguntas

São baseadas no capítulo estudado. Compare suas respostas com o que John Stott escreveu; ou, se você não consegue ir adiante, use as palavras do autor para ajudá-lo a formular sua resposta.

Se estiver estudando sozinho, escreva as suas respostas, talvez em forma de notas.

No caso de estudo coletivo, o grupo deve analisar as perguntas em conjunto e depois reservar algum tempo para estudo individual, comparando em seguida as respostas. Às vezes é me-

lhor fazer isso em duplas, ou em grupos de três ou quatro pessoas, ao invés de discutir no grupo inteiro. Quando se pergunta como você responderia ou explicaria algo a alguém, pode-se tentar discutir o assunto com alguém que realmente pense dessa forma, ou então simular a situação.

Promessa

Retirada da lista encontrada na página 60. Decore um dos versículos indicados para ajudá-lo em ocasiões de dúvida ou tentação.

Oração

Retirada da seleção encontrada no final do livro (pp. 233-241).

Faça a oração escolhida como uma forma de responder a Deus sobre o tema do capítulo estudado. Não deixe de acrescentar suas próprias orações.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Sugerimos aqui outras maneiras de se estudar o tema do capítulo. Pode-se adicioná-las aos itens acima, se houver tempo, ou então substituí-los por uma das formas a seguir:

Estudo bíblico

Aqui se encontra uma passagem bíblica mais extensa que ajuda a aprofundar o tema do capítulo. Se não houver tempo para estudá-la agora, pode ser lida mais adiante, antes de prosseguir com o capítulo seguinte.

Estudo em grupo

No caso de o livro estar sendo estudado em grupo, aqui está uma idéia para ajudar os participantes a compartilharem idéias e experiências juntos. Pode se encaixar bem no início do encontro, ou talvez no final.

Resposta

Esta é outra maneira de responder a Deus, para ser feita junto com o conjunto de orações das páginas 233-241.

Confirmação

Uma pergunta pessoal e desafiadora, resumindo o propósito principal do capítulo. Coloque-a diante de Deus em uma atitude de oração e tente respondê-la honestamente. Se a sua resposta for “não” ou “não tenho certeza”, com quem você poderia conversar sobre isso, ou que atitude deveria tomar? Quem sabe o líder do curso possa colocar-se à disposição para discutir essa pergunta pessoalmente com cada membro do grupo.

INTRODUÇÃO

Antes de ler um livro eu sempre procuro saber para quem o autor está escrevendo e o que o motivou a escrever. Talvez seja isso mesmo que você pensou ao pegar este aqui. Então, permita-me responder as suas perguntas não formuladas.

Eu escrevi tendo em mente três grupos de pessoas.

Primeiro, *aqueles que aceitaram Jesus Cristo há pouco tempo*. Talvez você pertença a esta categoria. Faz pouco tempo que tomou o passo decisivo de ir pessoalmente a Cristo em uma atitude de arrependimento e fé, e de submeter-se a ele como seu Salvador e Senhor. Este é um primeiro passo, indispensável para a vida cristã. Mas é apenas o começo. Agora se abre à sua frente o longo caminho da peregrinação cristã. Você quer seguir a Cristo no caminho. Mas como pode se equipar para a viagem? No que deve acreditar? Como deve se comportar? O que pode fazer para crescer? Estas são algumas das perguntas que tento responder nestas páginas.

Em segundo lugar, tenho em mente *aqueles que estão se preparando para tornar-se membros de uma igreja*, seja através do batismo ou de alguma outra forma. Toda igreja tem alguma espé-

cie de filiação e certos procedimentos que são exigidos de quem deseja tornar-se membro. O que se requer para isso é que varia. Em alguns casos, uma simples confissão de fé em Jesus Cristo é considerada suficiente. Em outros, oferece-se um curso de estudos um tanto elaborado. Aliás, existe muita sabedoria nisso. O fato é que o período de preparação para tornar-se membro de uma igreja é uma oportunidade para se pensar com seriedade no que significa ser cristão no mundo hoje.

O terceiro grupo compreende *aqueles que são cristãos há muito tempo*. Conheceram a Cristo e se integraram a uma igreja há muitos anos, mas guardam apenas uma vaga lembrança da orientação que receberam a fim de se tornarem membros. Por isso sentem a necessidade de um curso para resgatar na memória e no coração os aspectos fundamentais da fé cristã.

Mas então, de que é mesmo que trata este livro? Antes de sair para um passeio de carro ou a pé pelo campo, geralmente é sábio consultar um mapa para se ter clareza quanto ao lugar aonde se pretende ir e o que existe para ver. Ajuda bastante se tivermos uma visão geral da área que vamos percorrer, antes de começar nossa expedição.

O mapa do discipulado cristão que eu tento desenhar inclui três áreas, que chamei de “O começo da vida cristã”, “Em que crêem os cristãos” e “A conduta do cristão”.

O COMEÇO

Todo início é crucial. Antes de podermos crescer, nós temos de nascer; precisamos colocar um alicerce firme antes de construir um prédio; e temos de dominar o alfabeto antes de podermos ler e escrever com eficiência. Em se tratando do começo da vida cristã, há três perguntas básicas que me preocupam.

A primeira é: como a gente se torna cristão? Há tanta confusão em torno desta pergunta que não dá para omiti-la. Algumas pessoas acham que estão garantidas porque foram criadas em um lar cristão; outras se fiam no seu batismo; outras, no fato de irem regularmente à igreja; e outras, baseiam-se na sua conduta correta. Mas, embora todas estas coisas tenham a sua devida importância, elas não são substitutos para o próprio Jesus Cristo e a relação pessoal com ele. É nisso que reside a ênfase dos autores do Novo Testamento.

A segunda pergunta é: como podemos saber ao certo se somos cristãos? Vivemos em uma era de incerteza e insegurança. As pessoas têm cada vez menos certeza de cada vez mais coisas. De fato, quem ousa dizer que “sabe” alguma coisa tende a ser tachado de presunçoso e até mesmo fanático. Mas neste capítulo eu tento mostrar que Deus nos deu uma base firme em que podemos alicerçar a nossa certeza.

A terceira questão é: como podemos crescer na vida cristã? É incrível o número de pessoas que ficam estagnadas em seu desenvolvimento. Podem até ter nascido de novo, mas nunca amadureceram espiritualmente. Continuam “bebês”. Neste capítulo

eu analiso tanto as esferas nas quais Deus quer que crescamos (sabedoria, fé, amor e semelhança com Cristo) quanto as maneiras pelas quais podemos crescer. Pois, uma vez cumpridas as condições necessárias, o crescimento cristão é um processo natural e gradual.

EM QUE NÓS CREMOS

Depois de considerarmos “O começo da vida cristã”, veremos, na segunda seção deste livro, “Em que crêem os cristãos” e a razão por que o fazem. O antiintelectualismo que voga em nossos dias torna esta questão particularmente importante. É triste dizer, mas o fato é que muitos cristãos nunca usam a mente que Deus lhes deu quando se trata de sua fé. Em vez disso contentam-se com crenças de segunda mão, que receberam de seus pais ou pastores ou das tradições da igreja, assumindo-as sem nenhum questionamento. Ou então se apóiam em experiências emocionais como base para o seu discipulado. Negligenciar a nossa mente, no entanto, é insultar a Deus, que nos fez seres racionais à sua própria imagem, e empobrecer a nossa própria vida. Fé e razão, longe de serem mutuamente incompatíveis, apóiam-se mutuamente. Se não crescermos no nosso entendimento (como Paulo acen-tua em 1 Coríntios 14.20), nunca vamos crescer na fé.

Quando paramos para pensar a respeito do cristianismo somos, de imediato, confrontados com o fato de que a fé cristã é uma fé trinitária. O Credo Apostólico foi construído deliberadamente com uma estrutura trinitária. Isto é, ele expressa a

deliberadamente com uma estrutura trinitária. Isto é, ele expressa a nossa confiança igualmente em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Isso também é de importância vital, uma vez que muitos afirmam ter uma vaga crença em “Deus”, mas sem a mínima percepção da necessidade de Jesus Cristo. Outros se preocupam tanto com Jesus Cristo que quase nunca se referem ao Pai ou ao Espírito. Outros ainda dão atenção exclusiva ao Espírito Santo, esquecendo que o ministério deste é essencialmente de testemunho, ao nos permitir dizer tanto “*Aba, Pai*” como “Jesus é Senhor” (Romanos 8.15-16; 1 Coríntios 12.3). Portanto, uma crença e uma vida cristã equilibradas implicam em gozarmos de acesso ao Pai através do Filho e pelo Espírito Santo.

Assim, primeiro nós cremos em Deus Pai, aquele que criou e sustenta o universo e tudo o que nele há. Nós mesmos somos criaturas suas; nossa vida e saúde dependem dele. Por meio de Cristo somos também seus filhos e dependemos de sua graça para perdão e renovação constantes.

Em segundo lugar, cremos em Jesus Cristo, na sua verdadeira humanidade e verdadeira divindade - não há como negar as fortes evidências destas verdades. Igualmente sólidas são as evidências que nos levam a crer no seu nascimento virginal, na sua morte expiatória e na sua ressurreição corporal. Agora esperamos ansiosamente que ele volte em poder e glória para consumir todas as coisas.

Terceiro, cremos no Espírito Santo, pois ele também é Deus e é totalmente pessoal. Ele não apenas participou ativamente no

processo da criação e revelação, mas também compartilha na tarefa de sustentar o universo. E, de maneira particular, ele nos conduz a Cristo, capacita-nos a crer em Cristo, forma em nós a pessoa de Cristo e estabelece a igreja, que é o corpo de Cristo. Acima de tudo, ele se deleita em dar testemunho de Cristo de todas essas formas.

NOSSO PROCEDIMENTO

A terceira seção do livro focaliza “A conduta do cristão”, começando com os nossos valores morais. Uma nova análise dos Dez Mandamentos à luz do Sermão do Monte nos permite descobrir o quanto eles são relevantes para a nossa vida nos dias de hoje. Os padrões cristãos não mudaram.

Depois vêm dois capítulos sobre o que é tradicionalmente chamado de “os meios da graça”, isto é, os meios que Deus usa para refinar, fortalecer e desenvolver o nosso discipulado cristão. O primeiro se intitula “A leitura da Bíblia e a oração” e se concentra no lugar vital que estes elementos devem ocupar em nossa vida devocional privada. O segundo, “A vida em comunhão e a Ceia do Senhor”, aborda a necessidade de sermos membros de uma igreja, a importância do culto público e de participarmos regularmente da Ceia do Senhor.

O último capítulo chama-se “Servindo a Cristo”. Depois de enfatizar que *todo* cristão é chamado a dar sua vida em forma

de serviço, assim como Jesus, o Servo que “não veio para ser servido, mas para servir” (Marcos 10.45), eu sugiro cinco esferas principais do serviço cristão, que, como círculos concêntricos, a começar do nosso lar e do nosso trabalho, vão se voltando para fora, atingindo a nossa igreja e a nossa comunidade local, para finalmente chegar à necessidade de uma preocupação global.

Qualquer que seja o estágio em que você se encontre na sua jornada espiritual, minha esperança e oração é que alguma coisa deste pequeno manual possa ajudá-lo a “crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3.18).

O COMEÇO DA VIDA CRISTÃ

Ao procurarmos definir o que é um cristão, precisamos fazer uma distinção entre cristãos nominais e cristãos comprometidos. Isso pode parecer ofensivo, e certamente é desagradável. Mas, ao fazê-lo, estamos seguindo os autores bíblicos, que colocam muita ênfase na diferença entre uma profissão de fé exterior e a realidade interior. É possível ser cristão de nome, sem que o seja no coração.

COMO SE TORNAR UM CRISTÃO

O QUE O CRISTIANISMO NÃO É

Tantas e tão disseminadas são as concepções errôneas a respeito do cristianismo hoje em dia que primeiro eu preciso abordar esta questão. Muitas vezes é necessário demolir antes de se poder construir. Qual é, então, a essência do cristianismo?

Primeiro, o cristianismo não é, em sua essência, um *credo*. Muitas pessoas pensam assim. Elas acham que se puderem recitar o Credo Apostólico do começo ao fim sem nenhuma reserva mental, isso irá torná-las cristãs. Ao conversar com um médico alguns anos atrás, perguntei o que ele achava que era um cristão. Depois de pensar alguns instantes, ele respondeu: “Um cristão é alguém que aceita certos dogmas”. Mas esta é uma resposta imprecisa e, portanto, inadequada. É claro que o cristianismo possui um credo, e a crença cristã é muito importante; mas é possível alguém aceitar todos os quesitos da fé cristã e ainda assim não ser cristão. A melhor prova disso é o diabo. Conforme escreveu Tiago: “Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios crêem – e tremem!” (Tiago 2.19).

Segundo, o cristianismo não é essencialmente um *código de conduta*. Muitos, porém, acreditam nisso, e chegam até a contradizer os que pertencem à primeira categoria. “Na verdade não importa realmente no que você crê”, eles dizem, “contanto que viva uma vida decente”. Então se esforçam para obedecer aos Dez Mandamentos, ou viver de acordo com os padrões do Sermão do Monte, ou seguir a Regra de Ouro... Tudo isso é ótimo e é louvável – só que a essência do cristianismo não é a ética. De fato, ele tem uma ética – aliás, a mais elevada que o mundo já conheceu, com sua lei suprema do amor. Mas pode-se muito bem viver uma vida correta sem ser cristão, como é o caso de muitos agnósticos.

Terceiro, o cristianismo não é, em sua essência, um *culto*, usando a palavra no sentido de “um sistema de adoração religiosa” e um conjunto de cerimônias. É claro que o cristianismo possui certos preceitos. Os sacramentos do Batismo e da Santa Ceia, por exemplo, foram instituídos pelo próprio Jesus, e foram executados pela Igreja desde então. Os dois são preciosos e proveitosos. Além disso, ser membro de uma igreja e freqüentar os cultos são partes importantes da vida cristã, assim como a oração e a leitura da Bíblia. Mas é possível engajar-se nessas práticas exteriores e ainda assim não chegar ao cerne do cristianismo. Os profetas do Antigo Testamento viviam denunciando os israelitas por causa de sua religião vazia, e Jesus criticou os fariseus pelo mesmo motivo.

Portanto, o cristianismo não é nem um credo, nem um código, nem um culto, se bem que cada uma destas coisas tenha a sua devida importância. Ele não é, em sua essência, um sistema

intelectual, nem ético, nem cerimonial, nem mesmo os três juntos. É perfeitamente possível (embora raro, devido à dificuldade) ser ortodoxo na crença, correto na conduta e escrupuloso na observância da religião, e ainda assim não captar o cerne do cristianismo.

O CLUBE SANTO DE JOHN WESLEY

Talvez o melhor exemplo histórico disso seja John Wesley durante o seu tempo em Oxford, antes de sua conversão. Em 1729, ele, seu irmão Charles e alguns amigos fundaram uma sociedade religiosa que ficou conhecida como “o Clube Santo”. À primeira vista, os seus membros eram admiráveis em todos os aspectos. Em primeiro lugar, eles eram ortodoxos em sua fé. Acreditavam não só no Credo Apostólico, no Credo Niceno e no Credo de Atanásio, mas também nos Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana, à qual pertenciam.

Em segundo lugar, eles levavam uma vida impecável. Reuniam-se várias noites por semana, estudavam uma literatura proveitosa e tentavam tornar perfeito o seu cronograma, de modo que cada minuto de seu dia tivesse uma tarefa estabelecida. Então começaram a visitar os prisioneiros do Castelo de Oxford e do Bocado (para devedores). Depois fundaram uma escola em um bairro pobre, pagando os professores e as roupas das crianças de seu próprio bolso. Eles estavam cheios de boas obras.

Em terceiro lugar, eram muito religiosos. Participavam da Santa Ceia toda semana, jejuavam nas quartas e sextas-feiras, seguiam as horas canônicas de oração, guardavam o sábado como dia de descanso, assim como o domingo, e seguiam a disciplina austera de Tertuliano, um dos primeiros Pais da Igreja.

Mesmo assim, apesar dessa combinação extraordinária de ortodoxia, filantropia e piedade, John Wesley iria concluir posteriormente que durante todo esse tempo ele não era de fato cristão. Ao escrever para sua mãe ele confessou que, embora sua fé talvez tivesse sido uma fé “de servo”, com certeza não era uma fé “de filho”. Religião para ele significava escravidão, não liberdade.

Em 1735 ele viajou para os Estados Unidos para servir de capelão aos colonizadores e missionário entre os índios na Geórgia. Mas dois anos depois, profundamente desiludido, voltou. Ele escreveu em seu diário: “Fui para a América a fim de converter os índios; mas, e eu, quem vai me converter?” E, mais adiante: “O que eu aprendi nesse tempo? O fato é que descobri aquilo que eu menos suspeitava: que eu, que fui para a América converter os outros, nunca havia me convertido a Deus!”¹ Nós vamos voltar a John Wesley posteriormente.

O QUE O CRISTIANISMO É

Mas então, o que estava faltando? Se a essência do cristianismo não é nem um credo, nem um código, nem um culto, qual é, então? É Cristo! O cristianismo não é primordialmente um sistema, qualquer que seja a sua natureza; mas é uma pessoa, e uma relação pessoal com essa pessoa. Aí, sim, as outras coisas se encaixam: as nossas crenças e a nossa conduta, o fato de sermos membros de uma igreja e de irmos ao culto, assim como a nossa vida devocional privada e o nosso culto público. Mas cristianismo sem Cristo é uma moldura sem quadro, um corpo sem respiração. O apóstolo Paulo coloca isso sucintamente em sua carta aos Filipenses. Depois de dizer, ao descrever os cristãos, que “nos gloriamos em Cristo Jesus e não temos confiança alguma na carne”, ele continua:

Mas o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo. Mais do que isso, considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, por quem perdi todas as coisas. Eu as considero como esterco para poder ganhar Cristo e ser encontrado nele, não tendo a minha própria justiça que procede da Lei, mas a que vem mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus e se baseia na fé.

Filipenses 3.7-9

Essa grande declaração pessoal de Paulo nos ensina que, antes de tudo, ser cristão é *ter a Cristo como amigo*. Talvez “amigo” soe familiar demais. Mas o próprio Jesus usou esta palavra quando disse “eu os tenho chamado amigos” (João 15.15). E todos os au-

tores do Novo Testamento falam de uma relação íntima com ele. Pedro diz que “mesmo não o tendo visto, vocês o amam” (1 Pedro 1.8). João escreve que “nós estamos naquele que é o Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo” (1 João 5.20). E Paulo testemunha da “suprema grandeza do conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor” (Filipenses 3.8). Ele não está se referindo a um conhecimento intelectual a respeito de Cristo, mas a um conhecimento pessoal de Cristo. Todos nós sabemos quem foi Cristo – seu nascimento e infância, a troca que ele fez, suas palavras e suas obras, sua morte e ressurreição. A pergunta é se podemos dizer com integridade que o conhecemos, que ele é a realidade suprema em nossas vidas.

Paulo expressou isso de uma maneira bastante apelativa para quem lida com negócios, ao desenhar uma espécie de contabilização de lucros e perdas. Ele anotou em uma coluna tudo o que antes havia sido lucro para ele – sua descendência, herança, criação, educação, justiça e zelo religioso. Na outra coluna ele escreveu simplesmente: “O conhecimento de Jesus Cristo”. Então efetuou um cálculo minucioso e concluiu que, comparando com “o ganho maravilhoso de conhecer Jesus Cristo meu Senhor” (J. B. Phillips), tudo o mais era perda. Com isso ele está dizendo que conhecer a Cristo é uma experiência de um valor tão fenomenal que, comparadas a ela, até mesmo as coisas mais preciosas na nossa vida parecem lixo. É uma afirmação surpreendente e desafiadora.

GANHAR CRISTO

Segundo, ser cristão é *confiar em Cristo como nosso Salvador*. Paulo refere-se não somente a “conhecer a Cristo”, mas fala também de “ganhar Cristo” e “ser encontrado nele”. E explica o que está dizendo por meio de um importante contraste: “não tendo a minha própria justiça que procede da Lei (i.e., da obediência à Lei), mas a que vem de Deus e se baseia na fé” em Cristo. Isso parece complicado, mas pode ser desvendado sem muita dificuldade. Paulo está falando de “justiça”. O que ele quis dizer com isso?

Já que Deus é justo, faz sentido dizer que, se quisermos entrar em sua presença, nós também temos de ser justos. Mas onde podemos esperar obter uma justiça que nos capacite a entrar na presença de Deus? Só existem duas respostas possíveis para esta pergunta. A primeira é tentarmos estabelecer a nossa própria justiça através das boas obras e da observância religiosa. Muitos tentam isso. Mas essa tentativa está fadada ao fracasso, porque diante de Deus “todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64.6). Todos aqueles que chegaram a vislumbrar por um mínimo momento a glória de Deus ficaram atônitos com o que viram e com a percepção de sua própria pecaminosidade. Portanto, é impossível chegarmos a ser suficientemente bons para Deus. Se achamos que podemos, ou é porque temos um conceito muito reduzido de Deus, ou por termos uma imagem muito exagerada de nós mesmos – ou provavelmente as duas coisas.

CONFIAR EM CRISTO

A única possibilidade de alcançarmos uma posição justa diante de Deus é recebendo-a como um presente gratuito dele ao colocarmos a nossa confiança em Jesus Cristo, o único que viveu uma vida perfeitamente justa. Ele não tinha pecados pelos quais precisasse de expiação. No entanto, na cruz ele se identificou com a nossa injustiça. Ele tomou o nosso lugar, levou o nosso pecado, pagou o nosso castigo, morreu a nossa morte. De fato, “Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2 Coríntios 5.21). Se, portanto, vamos a Cristo e depositamos a nossa confiança nele, aí se dá uma troca maravilhosa e misteriosa: ele remove nossos pecados e, em lugar destes, nos veste com a sua justiça. Em consequência, nós podemos apresentar-nos diante de Deus confiando, não na nossa própria justiça, mas nas múltiplas e grandiosas misericórdias de Deus; não nos trapos esfarrapados de nossa própria moralidade, mas no manto imaculado da justiça de Cristo. E Deus nos aceita, não porque sejamos justos, mas porque o Cristo justo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou da morte.

Essa é a verdade que finalmente atingiu John Wesley quando, no dia 24 de maio de 1738, ele visitou uma reunião dos irmãos morávios na rua Aldersgate, em Londres. Ao ouvir alguém ler o prefácio do comentário de Lutero à Carta aos Romanos, no qual o autor explica o significado da “justificação somente pela fé”, uma fé pessoal em Cristo nasceu no coração de Wesley. Ele escreveu em seu diário: “Eu senti um calor estranho aquecer o

meu coração. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e recebi a certeza de que ele havia tirado meus pecados, até os meus próprios pecados, e me salvado da lei do pecado e da morte.”² A afirmação chave, aqui, é que agora ele confiava “somente em Cristo para a salvação”. Durante anos ele havia confiado em si mesmo (na ortodoxia da sua crença, nas suas obras caridosas e no seu zelo religioso); mas agora finalmente colocara a sua confiança em Cristo como seu Salvador. É isso que nós também devemos fazer.

Terceiro, ser cristão é *obedecer a Cristo como nosso Senhor*. Paulo escreveu sobre isso: conhecer “Cristo Jesus, meu Senhor”. O senhorio de Jesus é uma verdade muito negligenciada hoje em dia. Nós continuamos declarando isso da boca para fora, e muitas vezes nos referimos respeitosa e modestamente a Jesus como sendo “nosso Senhor”. Mas ainda assim ele continua perguntando, como fez no Sermão do Monte: “Por que vocês me chamam ‘Senhor, Senhor’ e não fazem o que eu digo?” (Lucas 6.46). “Jesus é Senhor” foi a primeira de todas as confissões cristãs (ver Romanos 10.9; 1 Coríntios 12.3; Filipenses 2.11), e ela possui enormes implicações. Pois quando Jesus é verdadeiramente nosso Senhor, ele dirige a nossa vida e nós obedecemos com toda alegria. Quando isso acontece de fato, nós submetemos cada parte de nossa vida ao seu senhorio – nossa casa e família, nossa sexualidade e casamento, nosso trabalho ou desemprego, nosso dinheiro e posses, nossas ambições e nosso lazer.

COMPROMISSO COM CRISTO

Vimos que, em sua essência, o cristianismo é o próprio Cristo. É um relacionamento pessoal com Cristo como nosso Salvador, Senhor e Amigo. Mas como alguém pode se comprometer assim com ele? Vou sugerir quatro passos que devemos tomar: *admitir, crer, considerar e fazer*.

ALGO A ADMITIR

Admitir. O nosso primeiríssimo passo deve ser admitir que (para usar o vocabulário tradicional) nós somos “pecadores” e precisamos de um “Salvador”. Por “pecado” a Bíblia quer dizer egocentrismo. A ordem de Deus é que O amemos em primeiro lugar, depois o nosso próximo e, por último, a nós mesmos. O pecado consiste precisamente em se inverter esta ordem. Pecado é colocar a nós em primeiro lugar, depois o nosso próximo (quando nos convier), e Deus em algum lugar remoto. Em vez de amar a Deus com todo o nosso ser, nós nos rebelamos contra Ele e seguimos o nosso próprio caminho. Em vez de amar e servir ao nosso próximo, nós, por egoísmo, alimentamos os nossos próprios interesses. E quando vêm os nossos melhores momentos e nos damos consciência disso, nós ficamos profundamente envergonhados.

Além do mais, o nosso pecado nos separa de Deus, pois Ele é absolutamente puro e santo. Deus não pode conviver com o

mal, nem olhar para ele, nem aquiescer com ele. A Bíblia descreve Deus como uma luz ofuscante e um fogo consumidor. Então a sua “ira” (que, longe de ser uma espécie de malícia pessoal, consiste na sua justa hostilidade em relação ao pecado) cai sobre nós. Como consequência, o que nós mais necessitamos é de um “Salvador” que possa vencer o abismo que existe entre nós e Deus, já que as pontes que nós mesmos tentamos construir não alcançam a outra margem. Nós precisamos do perdão de Deus e de um novo começo.

Dos quatro passos, o primeiro é provavelmente o mais difícil de tomar, porque nós o consideramos humilhante. Preferimos confiar em nós mesmos, consolidar nossa auto-estima e insistir em tentar dar conta de tudo sozinhos. Com essa atitude, nunca chegaremos a Cristo. Como ele mesmo disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar justos [i.e., os que se consideram justos], mas pecadores” (Marcos 2.17). Em outras palavras, assim como não vamos ao médico a não ser que estejamos doentes e admitamos isso, também não iremos a Cristo a não ser que sejamos pecadores e admitamos essa realidade. A recusa orgulhosa de reconhecer isso já manteve mais gente fora do Reino de Deus do que qualquer outra coisa. Nós temos de humilhar-nos e admitir que salvar a nós mesmos é algo impossível.

ALGO PARA CRER

Precisamos *crer* que Jesus Cristo é justamente o Salvador que nós acabamos de admitir que precisávamos. De fato, ele é o único que tem as condições necessárias para salvar pecadores, em virtude de quem ele é e do que ele fez. Quem é ele? Ele é o eterno Filho de Deus que se tornou humano em Jesus de Nazaré, e é o único e exclusivo Deus-homem. O que ele fez? Depois de um ministério público caracterizado por um serviço abnegado, foi por vontade própria a Jerusalém e à cruz. Ele havia dito anteriormente que iria, por sua própria vontade, “dar a sua vida” por nós (ver João 10.11, 18) e que iria “dar a sua vida em resgate” por nós (Marcos 10.45). Com isso ele implicava que nós éramos prisioneiros sem a mínima possibilidade de escapar e também que o preço que ele pagaria pelo nosso resgate seria o sacrifício de sua própria vida. Ele se tornaria nosso substituto, morrendo em nosso lugar. Da mesma forma como assumiu a nossa natureza humana ao nascer, assim também ele assumiria o nosso pecado e a nossa culpa, com a sua morte. E foi isso que ele fez. Na cruz ele suportou, embora fosse inocente, a temível penalidade que os nossos pecados mereciam, isto é, a morte, que é a separação de Deus.

É claro que a fé cristã abrange muito mais do que a pessoa e a obra de Cristo. Mas essas duas verdades são essenciais. É claro, também, que a pessoa divino-humana de Jesus, bem como a sua morte, carregando os nossos pecados (a encarnação e a expiação, se quisermos usar os termos teológicos), vão além da nossa compreensão. Passaríamos a vida inteira, e provavelmente toda a eter-

nidade, tentando penetrar nas profundezas desses mistérios. Mas mesmo assim os fatos narrados nos Evangelhos são evidências suficientes para nós: o Filho de Deus se tornou humano em Jesus de Nazaré, morreu pelos nossos pecados na cruz e ressuscitou da morte para pagar o preço devido por eles. São essas verdades que o qualificam para salvar a nós, pecadores; jamais houve algum outro que reunisse tais condições.

ALGO A CONSIDERAR

O terceiro passo é *considerar* que, além de nosso Salvador, Jesus Cristo quer ser o nosso Senhor. Ele é, de fato, “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (exemplo, 2 Pedro 3.18), e nós não temos a mínima autoridade de reparti-lo em dois, respondendo somente a uma metade e rejeitando a outra. Pois o fato é que ele faz ofertas, mas também exigências. Ele nos oferece a salvação (o perdão e o poder libertador do seu Espírito) e exige a nossa lealdade total e consciente.

Cristo também nos chama ao arrependimento. E isso não significa apenas remorso, um vago sentimento de culpa e de vergonha; trata-se de uma virada decisiva, de um repúdio total a tudo que sabemos desagradar a Deus. Nem é somente negativo e referente ao passado. Inclui uma determinação de seguir o caminho de Cristo daqui em diante, de tornar-nos seus discípulos e de aprendermos a obedecer aos seus ensinamentos (cf. Mateus 11.28-30).

Ele disse aos seus contemporâneos que eles deveriam considerar os custos de segui-lo. E acrescentou que se não estivermos dispostos a colocá-lo em primeiro lugar, antes mesmo de nossos relacionamentos, nossas ambições, nossas posses, não podemos ser seus discípulos (Lucas 14.25-25). Ele nos chama a uma lealdade irrestrita, de coração inteiro – nada menos do que isso.

ALGO A FAZER

Os três primeiros passos foram uma atividade mental. Nós *admitimos* que somos pecadores e que precisamos de um Salvador. *Creemos* que Jesus Cristo veio e morreu para ser nosso Salvador. *Consideramos* que ele quer ser também nosso Senhor. Mas ainda não fizemos nada a respeito. Então agora nós precisamos fazer a pergunta que a multidão fez a Pedro no dia de Pentecostes: “Irmãos, que faremos?” (Atos 2.37). Ou mais ainda, a pergunta que o carcereiro de Filipos fez a Paulo e Silas: “Senhores, que devo fazer para ser salvo?” (Atos 16.30). A resposta é: cada um de nós precisa ir pessoalmente a Jesus Cristo e implorar por sua misericórdia. Uma coisa é admitir que precisamos de um Salvador; outra é afunilar a nossa necessidade de Cristo e crer que ele veio e morreu para ser o Salvador do qual precisamos. Mas então temos *algo a fazer*: pedir-lhe para ser *nosso* Salvador e *nosso* Senhor. É esse ato de compromisso pessoal que falta a muitas pessoas.

O versículo que deixou isso claro para mim (lamentavelmente, quase dezoito meses *depois* de ter dado testemunho público da minha fé) é com justiça um favorito de muitos cristãos. Nele é Jesus mesmo quem está falando, e é isso que ele diz: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo” (Apocalipse 3.20). Jesus se descreve como se estivesse parado do lado de fora da porta fechada de nossa personalidade. Ele está batendo para chamar a nossa atenção para a sua presença e para expressar o seu desejo de entrar. Então acrescenta uma promessa: se abrirmos a porta, ele vai entrar e nós cearemos juntos. Ou seja: a alegria da comunhão que teremos um com o outro será tão imensa que pode ser comparada a um banquete!

ABRINDO A PORTA

Aqui, então, está a pergunta crucial para a qual vínhamos caminhando. Nós já abrimos a porta para Cristo? Alguma vez já o convidamos para entrar? Era exatamente esta a pergunta que eu precisava encarar. Pois, intelectualmente falando, eu havia acreditado em Jesus a vida inteira – do outro lado da porta. Sempre me esforcei para fazer minhas orações pelo buraco da fechadura. Eu até empurrava algumas moedas por baixo da porta, em uma vã tentativa de pacificá-lo. Eu tinha sido batizado, tinha declarado publicamente a minha fé em Jesus, ia à igreja, lia a Bíblia, possuía

ideais elevados, me esforçava para ser bom e fazer o bem. Mas o tempo todo, muitas vezes sem perceber, eu estava mantendo Cristo à distância, segurando-o do lado de fora. Eu sabia que abrir a porta poderia ter conseqüências imediatas.

Sou profundamente grato a ele por ter me capacitado a abrir a porta. Olhando para trás agora, depois de mais de cinquenta anos, eu percebo que aquele simples passo mudou completamente o rumo, o curso e a qualidade da minha vida. Ao mesmo tempo, para evitar que alguém distorça o que eu escrevi, devo fazer três esclarecimentos.

Primeiro, não é necessário que a “conversão” ou o compromisso com Cristo seja acompanhado de uma forte emoção. Como nossos temperamentos e situações são diferentes, as nossas experiências também variam, e devemos evitar estereotipá-las. Eu, por exemplo, não vi nenhum raio de luz nem ouvi qualquer ressoar de trovão. Nenhum choque elétrico perpassou meu corpo. Eu não *senti* nada. Mas no dia seguinte eu *sabia* que alguma coisa inexplicável havia acontecido comigo. E à medida que os dias foram se passando e se fazendo semanas, meses, anos e até décadas, o meu relacionamento com Cristo foi se aprofundando e amadurecendo cada vez mais.

Segundo, o compromisso com Cristo não é o fim. Depois disso vem muito mais, à medida que buscamos a maturidade em Cristo. Mas é um começo indispensável, algo de que testificamos ao dizermos publicamente “eu aceito a Cristo, arrependo-me de meus pecados, renuncio ao mal”.

Em terceiro lugar, não tem a mínima importância se, embora saibamos que aceitamos a Cristo, não soubermos especificar o dia exato em que isso aconteceu. Alguns sabem a data; outros, não. O que importa não é *quando*, mas *se* colocamos a nossa confiança em Cristo. Jesus chamou o começo de nossa vida cristã de “novo nascimento” – e esta analogia ajuda muito, em vários aspectos. Por exemplo, ninguém tem consciência do dia do seu próprio nascimento físico; nunca saberíamos a data de nosso aniversário se nossos pais não tivessem nos contado. A razão pela qual sabemos que nascemos, embora não nos lembremos do nascimento em si, é que hoje estamos vivos, e essa vida só pode ter começado com um nascimento. Com o “novo nascimento” ocorre algo muito semelhante.

Com estes esclarecimentos, volto à pergunta básica: de que lado da porta está Jesus Cristo, na sua vida: do lado de dentro, ou do lado de fora? Se você não tiver certeza, eu o aconselho a certificar-se agora. Pode ser, como alguém disse certa vez, que você tenha de passar a limpo com caneta aquilo que já havia rabiscado a lápis. Mas essa questão é importante demais para permanecer na dúvida. Quem sabe seja bom você se retirar para algum lugar onde possa ficar sozinho, sem que ninguém o atrapalhe. Sugiro que releia esta seção sobre o “Compromisso com Cristo”. Então, se estiver pronto para tomar os passos que foram apresentados aqui – *admitir, crer, considerar e fazer* –, esta é uma oração que poderia fazer:

Senhor Jesus Cristo, reconheço que tenho pecado contra Deus e contra os outros e seguido o meu próprio caminho. Eu me arrependo do meu egocentrismo.

Agradeço-te pelo teu grande amor ao morrer por mim, por teres assumido em meu lugar o castigo pelos meus pecados.

Agora eu abro a porta do meu coração a ti. Entra, Senhor Jesus. Entra como meu Salvador, para me limpar e renovar. Entra como meu Senhor, para controlar a minha vida.

E pela tua graça eu te servirei fielmente por toda a minha vida, em comunhão com os teus outros discípulos. Amém.

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 1

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Embora o cristianismo não seja, em sua essência, um credo, nem um código ou um culto, é possível ser cristão sem essas coisas?
2. Como você explicaria a um amigo que não é cristão qual é a essência do cristianismo?
3. Como e quando você acha que se comprometeu com Cristo? Você tinha plena consciência deste fato na ocasião, ou só o percebeu posteriormente?

Promessa

Cristo nos aceita – João 6.37; Apocalipse 3.20.

Oração

Faça a Oração nº 5, encontrada na p. 236 – por perseverança na vida cristã.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

Filipenses 3.4-14

Estudo em grupo

Cada pessoa deve apresentar-se aos outros dando algumas informações básicas que completem de três maneiras diferentes a frase “Eu sou...”. Tente incluir fatos a respeito de si mesmo que a maioria dos outros ainda não saiba.

Resposta

Silenciosamente, leia de novo a oração que se encontra na página 42, no final deste capítulo. Faça uma pausa depois de cada parágrafo; não passe para o próximo até que tenha certeza de que compreendeu o conteúdo deste e possa expressá-lo de oração. Pode ser que você já tenha dito essas palavras (ou algo similar) a Jesus antes; mas não faz mal confirmá-las e dizê-las de novo.

Verificação

Você se considera um cristão comprometido?

LEITURA RECOMENDADA:

ACEITEI JESUS! O QUE FAÇO AGORA? – Eldo Schreiber, 56 pp. – Encontro Publicações
SEM DEUS NO MUNDO – Kristina Roy, 109 pp. – Encontro Publicações

2

COMO TER CERTEZA DE QUE SE É CRISTÃO

Uma vez que abrimos a porta para Jesus Cristo e lhe pedimos que entrasse, é possível ter certeza de que ele entrou? Nós já o aceitamos, mas será que ele nos aceitou? Certas pessoas insistem que nunca se pode saber, e que o máximo que se pode esperar é que o melhor aconteça. Outros advertem que afirmar estar certo disso é pecado de orgulho e presunção. No entanto, saber é muito importante, conforme diz um velho provérbio árabe:

*Aquele que não sabe, e não sabe que não sabe,
é um tolo: evita-o.*

*Aquele que não sabe, e sabe que não sabe,
é um ignorante: ensina-o.*

*Aquele que sabe, e não sabe que sabe,
está dormindo: acorda-o.*

*Mas aquele que sabe, e sabe que sabe,
é um homem sábio: segue-o.*

O Novo Testamento nos promete claramente uma certeza que não é em nada incompatível com a humildade. Onde quer que se abra, ele deixa transparecer um ar de confiança serena e prazerosa que infelizmente está em falta em muitas igrejas cristãs hoje. “Sei em quem tenho crido”, escreveu Paulo a Timóteo, “e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (2 Timóteo 1.12). As cartas de João, em particular, estão cheias de afirmações sobre o que “sabemos”. Por exemplo: “Sabemos que somos de Deus” (1 João 5.19). De fato, João diz que o seu principal propósito ao escrever a sua primeira carta era dar aos seus leitores bases sólidas sobre as quais pudessem fundamentar sua certeza: “Escrevi-lhes estas coisas, a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna” (1 João 5.13). Isso vai parecer muito estranho para quem pensa que vida eterna é um sinônimo de céu. Mas “vida eterna” significa a vida do novo tempo que Jesus inaugurou. Consiste essencialmente em conhecer a Deus através de Jesus Cristo (João 17.3). Ela começa agora e será aperfeiçoada no céu. A certeza cristã refere-se às duas coisas.

Existem muitas razões pelas quais precisamos ter essa certeza. Primeiro, se Deus quer que tenhamos e gozemos a vida eterna agora (o que Jesus inegavelmente ensinou), então Ele também deve querer que saibamos que a recebemos; afinal, não podemos gozar alguma coisa que não sabemos se temos. Em segundo lugar, as Escrituras muitas vezes nos prometem paz de espírito. Mas se a

nossa consciência ficar nos acusando, e não tivermos certeza do perdão de Deus, nós nunca poderemos estar em paz. Em terceiro, a certeza cristã é uma condição para que ajudemos outras pessoas. Como podemos mostrar o caminho a outros se nós mesmos não o conhecemos?

Considerando então que, como filhos nascidos de Deus, temos o direito não só de receber a vida eterna, mas também de saber que a recebemos, como podemos chegar a essa convicção? Assim como o tripé de uma máquina fotográfica, essa segurança se apóia em três suportes, e todos eles precisam estar bem firmes.

A OBRA DE DEUS FILHO

A primeira base para a nossa segurança cristã é a obra salvadora que Jesus Cristo executou quando morreu na cruz. Uma pergunta que devemos fazer-nos é: qual é o objeto da nossa fé? Se cremos que fomos perdoados, e se esperamos ir para o céu quando morrermos, em que se baseia a nossa certeza quanto a essas coisas? Se respondermos, como alguns o fazem, “Bem, eu levo uma vida decente, eu vou à igreja regularmente, eu...,” nem precisamos ir adiante. A primeira palavra de nossa resposta foi “eu”. Exatamente! É evidente que ainda estamos confiando em nós mesmos. Mas assim não pode haver certeza de salvação, só de julgamento. Se, por outro lado, nós respondermos a essa pergunta com a simples palavra “Cristo”, isto é, “o Salvador que morreu por mim é a mi-

nha única esperança”, então podemos saber que fomos “resgatados, curados, restaurados, perdoados”. Há um hino que expressa isso muito bem:

Em nada ponho a minha fé

Senão na graça de Jesus,

No sacrifício remidor,

No sangue do bom Redentor.

A minha fé e o meu amor

Estão firmados no Senhor!

No texto original deste conhecido hino o autor faz uma clara referência a Cristo como “a rocha firme”, diante da qual “qualquer outro fundamento é areia movediça”. Uma razão pela qual as nossas próprias obras são como “areia movediça” é que podemos praticá-las até morrer sem nunca sabermos se fizemos o suficiente; ou melhor, vamos morrer sabendo que não fizemos, e nunca poderíamos fazer, o suficiente. Jesus Cristo, pelo contrário, é como uma “rocha firme”, porque a sua obra foi completa. Quando ele tomou sobre si os nossos pecados, bradou em alta voz: “Está consumado” (João 19.30). De fato, quando “acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados” Jesus “assentou-se à direita de Deus” (Hebreus 10.12). Sentar é a postura do descanso, e a direita de Deus é o lugar de honra; os dois são atribuídos a Cristo por ele ter completado o trabalho que veio fazer.

“*ESTÁ CONSUMADO*”

Essa é a verdade que irrompeu na mente de um jovem chamado Hudson Taylor, que posteriormente se formaria como médico e fundaria a Missão para o Interior da China (*China Inland Mission*, hoje *Overseas Missionary Fellowship*). Ele tinha dezessete anos na época e estava de férias. Sua mãe não se encontrava em casa e, embora ele não o soubesse na ocasião, ela orava intensamente pela sua conversão. Dando uma olhadela na biblioteca de seu pai para distrair-se, ele apanhou um folheto e resolveu ler. Aqui está o seu próprio relato do que aconteceu:

Eu... fui atingido por uma frase, “a obra consumada de Cristo”. ... Imediatamente me vieram à mente as palavras “está consumado”. O que estava consumado? E eu imediatamente respondi: “A expiação e a satisfação completa e perfeita do pecado! O débito dos nossos pecados foi pago, e não somente dos nossos, mas também os pecados do mundo inteiro.” Então me veio outro pensamento: “Se toda a obra foi consumada e todo o débito pago, o que sobrou para *eu* fazer?” E foi assim, quando a luz do Espírito Santo inundou a minha alma, que eu fui tomado da feliz convicção de que não existia nada no mundo a fazer a não ser cair de joelhos e, aceitando esse Salvador e sua salvação, louvá-lo para todo o sempre.¹

Portanto, a primeira base para a nossa certeza – aliás, a primordial, pois é o fundamento da nossa salvação – é “a obra consumada de Cristo”. Sempre que a nossa consciência nos acusar e nos sentirmos sobrecarregados de sentimentos de culpa, temos

de afastar o nosso olhar de nós mesmos e voltá-lo para o Cristo crucificado. Então teremos paz de novo. Pois, para aceitar-nos, Deus não depende de nós e daquilo que possamos fazer, mas inteiramente de Cristo e do que ele fez de uma vez por todas na cruz.

A PALAVRA DE DEUS PAI

Considerando que a base essencial da convicção cristã é a obra consumada de Deus Filho, como podemos saber que quando colocamos a nossa confiança em Cristo crucificado recebemos perdão e uma nova vida? Nós sabemos porque Deus disse. A palavra certa de Deus Pai endossa e garante a obra consumada de Deus Filho. João coloca isso da seguinte maneira: “Nós aceitamos o testemunho dos homens, mas o testemunho de Deus tem maior valor, pois é o testemunho de Deus, que ele dá acerca de seu Filho... Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida” (1 João 5.9, 12). O Pai aceitou o sacrifício do Filho pelos nossos pecados. Ele demonstrou publicamente a sua aprovação por esse sacrifício ao ressuscitar Cristo dos mortos e colocá-lo à sua direita. E agora promete dar a vida eterna àqueles que confiarem nele. Não é presunção acreditar na palavra de Deus. Aliás, presunção seria duvidar dela! “Quem não crê em Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca de seu Filho. E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho” (1 João 5.10-11).

Se, pois, a nossa certeza estiver baseada acima de tudo no que Deus diz acerca da obra de Cristo, ela não dependerá dos nossos sentimentos. Sentimentos não são um indicador confiável da nossa verdadeira condição espiritual. Eles sobem e descem como uma gangorra, e vão para frente e para trás como um balanço. Levantam e caem como um barômetro e enchem e vazam como a maré. Nós somos criaturas tão psicossomáticas que o nosso estado de espírito é afetado pelos órgãos do nosso corpo. De igual maneira, os nossos sentimentos refletem a situação de nosso balanço bancário, a proximidade de nossas férias e o peso de nossas preocupações e responsabilidades. É por isso que a Bíblia e as biografias de cristãos trazem muitas histórias de servos de Deus que aprenderam a desconfiar dos seus próprios sentimentos e, ao invés disso, confiar nas promessas de Deus. Os nossos sentimentos flutuam, “mas a palavra do Senhor permanece para sempre” (1 Pedro 1.25, citando Isaías 40.8).

AS PROMESSAS DE DEUS

O cristão que é sábio aprende de cor o máximo possível das “grandiosas e preciosas promessas” (2 Pedro 1.4) de Deus, e as guarda na memória. Assim, em épocas de ansiedade, indecisão, solidão ou tentação, ele é capaz de relembrar uma promessa apropriada, agarrar-se a ela e concentrar nela os seus pensamentos. No final deste capítulo eu apresento uma lista de algumas das promessas de Deus; quem sabe você possa começar decorando estas.

É muito importante, no entanto, estarmos conscientes das circunstâncias nas quais Deus fez cada promessa, e não arrancá-la de seu contexto. Este é um problema que envolve, por exemplo, as velhas e conhecidas “caixinhas de promessas”, tão apreciadas por tantos cristãos: cada promessa é apanhada aleatoriamente, sem considerar a situação original em que ela foi feita. Em contraste com esse método aleatório, devemos assegurar-nos de que uma promessa possa ser legitimamente aplicada à nossa situação. Aí, sim, podemos, humilde e confiantemente, afirmá-la para nós mesmos e assim imitar “aqueles que, por meio da fé e da paciência, herdaram as promessas” (Hebreus 6.12).

Essa é a lição que aprendemos na ótima alegoria de Bunyan no famoso clássico *O Peregrino*. Um dia Cristão e seu companheiro Esperança estavam no Castelo da Dúvida, prisioneiros do cruel e impiedoso Gigante Desespero. Os dias se passavam e não parecia haver possibilidade de escaparem. Até que uma noite, enquanto eles oravam, Cristão fez uma maravilhosa descoberta que imediatamente compartilhou com Esperança: “Que tolo eu sou de permanecer em um fétido calabouço, quando poderia muito bem andar por aí em liberdade! Eu tenho no peito uma chave chamada Promessa que irá, estou certo, abrir qualquer fechadura no Castelo da Dúvida.” Usando essa chave, “a porta se abriu com facilidade” e os prisioneiros “escaparam rapidamente”.

Conhecendo a fragilidade da nossa fé, Deus não nos deu as promessas do evangelho de uma forma pura, ou “despidas”; ele as “vestiu” com sinais visíveis, tangíveis, que são comumente cha-

mados de “sacramentos”. Um dos principais propósitos desses sinais é despertar, educar e fortalecer a nossa fé. As definições para “sacramento” podem variar um pouco, dependendo da tradição eclesiástica. Eu, por exemplo, na minha igreja aprendi que “sacramento é um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual dada a nós, ordenado pelo próprio Cristo, como um meio pelo qual nós a recebemos, e um pedido para que ele assim nos assegure”. Ou, simplificando, diríamos que sacramento é “um sinal externo e visível de um dom interno e espiritual de Deus”. De semelhante modo, uma das homilias (sermões que eram dados aos clérigos como exemplos) do século dezesseis chama os sacramentos de “sinais visíveis aos quais estão anexadas promessas”. Para tornar ainda mais simples, diríamos como Agostinho: os sacramentos são “palavras visíveis”, promessas dramatizadas.

Nós, seres humanos, também utilizamos sinais para transmitir e confirmar nossas promessas. “Eu perdoo todo o passado e serei seu amigo”, alguém diz a seu antigo inimigo, estendendo-lhe a mão como sinal de sua oferta de reconciliação. “Eu te amo”, um marido diz à sua mulher e a cobre de beijos. “Eu sempre servirei ao meu país”, um soldado diz a si mesmo enquanto saúda a bandeira. A nossa vida diária é enriquecida por uma variedade desses sinais exteriores e visíveis. Nós selamos a nossa amizade com um aperto de mão, o nosso amor com um beijo, a nossa lealdade com uma saudação.

DOIS GRANDES SACRAMENTOS

De semelhante modo, os dois grandes sacramentos do evangelho – o batismo e a Santa Ceia – são assim chamados porque dramatizam (“tornam visíveis”) as promessas do evangelho e visam incentivar-nos a apoderar-nos delas pela fé. No batismo o sinal externo e visível é a água. Ela representa a “lavagem celestial”, ou a purificação interior do pecado através do sangue de Cristo, da qual todos nós precisamos e que nos é oferecida no evangelho, junto com a promessa do Espírito Santo. O batismo é também uma manifestação pública de que compartilhamos a morte e a ressurreição de Jesus (Romanos 6.3-4). De fato, uma das principais razões pelas quais algumas igrejas preferem batizar por imersão é que isso simboliza claramente o fato de descermos à morte e sermos sepultados com Cristo e de ressuscitarmos com ele para uma nova vida. Na realidade, as pinturas mais antigas de Jesus sendo batizado por João Batista retratam os dois de pé no rio Jordão, com água até a cintura, enquanto João derrama água sobre a cabeça de Jesus. Eu, pessoalmente, gostaria que pudéssemos recuperar essa combinação de imersão e aspersão, pois estas duas coisas, juntas, simbolizariam visivelmente (1) a nossa morte e ressurreição com Cristo; (2) o fato de termos sido purificados do pecado; e (3) o nosso batismo pelo Espírito Santo que é derramado em nós. A água representa todas estas promessas do evangelho e assim estimula a nossa fé a reivindicá-las para a nossa vida.

No caso de batismo de crianças² (nas igrejas protestantes que o praticam), a água é um sinal e selo visível dessas mesmas bênçãos. O batismo não as confere às crianças automaticamente,

assim como também não o faz com os adultos. O que ele faz é sinalizar a promessa do perdão e do dom do Espírito Santo sobre elas, representadas no culto pelos respectivos padrinhos mediante a declaração de fé e arrependimento destes, e somente na compreensão de que um dia elas mesmas venham a se arrepender e a crer em Jesus. Só então elas poderão gozar da salvação que lhes foi prometida no seu batismo.

Na Santa Ceia, o segundo sacramento ou “sinal visível” do evangelho, os sinais externos e visíveis são o pão e o vinho. Eles são emblemas tangíveis da morte de Jesus Cristo. O pão é partido e o vinho derramado para demonstrar a entrega do seu corpo e o derramamento de seu sangue através de sua morte na cruz. Então o pão partido é comido e o vinho derramado é bebido para indicar nossa participação pessoal naquilo que ele fez por nós ao morrer na cruz.

DE UMA VEZ POR TODAS

“E quando eu pecar?”, pergunta às vezes o cristão, confuso. “Se eu pecar, tenho de receber Cristo de novo?” Não, na verdade, não. No momento em que abrimos a porta para Cristo, e Cristo entrou, Deus nos aceitou (“nos justificou” é o termo bíblico) e nos deu o seu Espírito de uma vez por todas. É por isso que só somos batizados uma vez. Ao mesmo tempo, embora tenhamos sido justificados de uma vez por todas, nós precisamos ser perdoados todo

dia. É por isso que sempre participamos da Ceia do Senhor. Jesus provavelmente tinha essa distinção em mente quando lavou os pés dos apóstolos. Quando Pedro lhe disse “Senhor, não apenas os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça!”, Jesus respondeu: “Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo” (João 13.9-10). Em outras palavras, quando vamos a Cristo pela primeira vez, nós recebemos o “banho” da justificação. Somos lavados por inteiro. Mas no dia-a-dia nossos pés ficam sujos, e nós precisamos que eles sejam lavados com o perdão diário. Se cairmos, então, precisamos cair de joelhos e pedir o perdão de Deus imediatamente. Não há necessidade de esperar até a próxima vez que formos à igreja, nem até orarmos antes de dormir. Antes, devemos confessar nosso pecado imediatamente, lembrando e apropriando-nos com fé da sua maravilhosa promessa: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” (1 João 1.9). Nisso também o pão e o vinho da comunhão nos trarão sempre de novo uma certeza visível de nosso perdão através da morte de Cristo, tal como o nosso batismo nos afirmou de uma vez por todas que fomos justificados.

Graças a Deus pelas suas promessas de salvação e pelos sinais que as simbolizam para nós; eles são beijos que nos asseguram de seu amor.

O TESTEMUNHO DE DEUS ESPÍRITO SANTO

Se a nossa certeza cristã se baseia principalmente na obra consumada de Deus Filho, que morreu pelos nossos pecados, e na palavra de Deus Pai, que promete a salvação àqueles que confiarem no Cristo crucificado, o seu terceiro fundamento é o testemunho – tanto interior quanto exterior – de Deus Espírito Santo.

Consideremos primeiro o seu testemunho interior. Já falamos anteriormente que não é sábio confiar em nossos sentimentos. Por serem flutuantes, eles não são um indicador confiável do nosso estado espiritual. Os sentimentos, contudo, têm o seu lugar na nossa segurança cristã – não os abalos caprichosos de uma emoção rasa, mas o crescente estável de uma convicção cada vez mais profunda. Disso o Novo Testamento fala. Trata-se da atuação do Espírito que habita em nós. Algumas vezes nós superenfatizamos a sua função de acusar a nossa consciência e convencer-nos do nosso pecado. Ele certamente o faz. Mas é também sua a tarefa de, pela graça de Deus, pacificar a nossa consciência, acalmar os nossos temores e contrabalançar as nossas dúvidas com a sua gentil afirmação.

Paulo se refere duas vezes, na sua Carta aos Romanos, a essa obra interior do Espírito. Em Romanos 5.5 ele escreve que “Deus derramou seu amor em nossos corações, pelo Espírito Santo que ele nos concedeu”; e em Romanos diz 8.16 que “o próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus”, especialmente quando Ele nos permite clamar “Aba, Pai” (versículo 15). Não é fato que às vezes somos tomados de uma profunda

consciência de que Deus derramou o seu amor sobre nós, que a antiga tensão e atrito entre nós e Ele deu lugar à reconciliação e que os seus braços estão nos envolvendo e sustentando? É o testemunho do Espírito. E quando, ao orarmos, sentimos que estamos vivendo uma relação gostosa com Deus, que Ele está sorrindo para nós, que Ele é nosso Pai e nós, os seus filhos? De novo, é o testemunho do Espírito. Ele derrama o amor de Deus em nossos corações e torna a paternidade de Deus em realidade para nós. Algumas vezes o seu testemunho é calmo e reservado. Outras vezes, conforme testificam cristãos em diferentes eras e culturas, ele pode converter-se numa experiência maravilhosa da sua presença e misericórdia.

CARÁTER E CONDUTA

Se o testemunho interior do Espírito se dá em nossos corações, já o seu testemunho exterior se manifesta no nosso caráter e conduta. Quando Paulo enumerou nove das principais características de quem é semelhante a Cristo (“amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”), ele as chamou de “frutos do Espírito”, que o Espírito faz amadurecer em nossas vidas (Gálatas 5.22-23). Assim ele compara o Espírito a um jardineiro e nós a um jardim. Se o jardim estiver cheio de ervas daninhas, podemos ter certeza de que o jardineiro divino está ausente; mas se os bons frutos da santidade cristã aparecerem, poderemos saber que é Ele que os está fazendo cres-

cer. “Vocês os reconhecerão por seus frutos”, disse Jesus (Mateus 7.16).

João defende o mesmo ponto com outras palavras. Vimos anteriormente que o seu propósito ao escrever a sua primeira carta era fortalecer a convicção dos verdadeiros cristãos, como também minar as certezas falsas ou simuladas. Isso ele fez juntando três testes e aplicando-os repetidamente, com todo rigor. Nós sabemos que conhecemos a Deus, ele escreveu, porque cremos no seu Filho Jesus Cristo, porque obedecemos aos seus mandamentos e porque amamos uns aos outros. Aí está a prova, manifesta em verdade, obediência e amor. A recíproca também é verdadeira: se nós alegamos conhecer a Deus, mas negamos a Cristo, desobedecemos aos seus mandamentos e odiamos nosso irmão, somos “mentirosos”, afirma o apóstolo sem a mínima misericórdia (1 João 1.6; 2.4, 22; 4.20).

Fica claro, então, que Deus quer que seus filhos tenham certeza de que pertencem a Ele e não quer nos deixar na dúvida e na incerteza. Tanto isso é verdade que cada uma das três pessoas da Trindade contribui para nos dar essa certeza. O testemunho de Deus Espírito Santo confirma a palavra de Deus Pai a respeito da obra de Deus Filho. Com três suportes tão firmes assim, este é um tripé realmente seguro e confiável.

AS PROMESSAS DE DEUS

<i>Cristo nos aceita</i>	<i>João 6.37; Apocalipse 3.20</i>
<i>Vida eterna</i>	<i>João 5.24; 6.47; 10.28</i>
<i>Perdão diário</i>	<i>1 João 1.9</i>
<i>Cristo está sempre conosco</i>	<i>Mateus 28.20; Hebreus 13.5-6</i>
<i>Sabedoria divina</i>	<i>Tiago 1.5</i>
<i>Força em meio à tentação</i>	<i>1 Coríntios 10.13</i>
<i>Resposta de oração</i>	<i>João 15.7</i>
<i>Paz de espírito</i>	<i>Filipenses 4.6-7</i>
<i>Fidelidade de Deus</i>	<i>Josué 1.9; Isaías 41.10</i>
<i>Orientação de Deus</i>	<i>Salmo 32.8-9</i>
<i>Como ajudar os outros</i>	<i>João 7.38</i>

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 2

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

OUTRAS POSSIBILIDADES

Perguntas

1. Diante da afirmação de que “é arrogância dizer que se sabe que tem a vida eterna e vai para o céu”, o que você responderia?
2. Que resposta você daria a alguém que dissesse: “Eu acho que sou cristão, mas (a) não sou de fato um bom cristão; e (b) às vezes tenho dúvidas quanto à veracidade disso tudo”?
3. Até que ponto você tem consciência do testemunho do Espírito Santo (tanto interior quanto exterior, conforme as páginas 57 - 59 na sua vida?

Promessa

Vida eterna – João 5.24; 6.47; 10.28

Oração

Para quem está em busca de certeza: Oração nº 4, na página 235.

Estudo bíblico

1 João 3.11-24

Estudo em grupo

Cada pessoa do grupo deve completar com apenas uma razão a seguinte frase: “Sou feliz em ser cristão porque...”. Não faz mal se alguém repetir o que outro já disse. Então compartilhar no grupo: Como você se sente ao ouvir as respostas dos outros? Se surgirem ainda mais respostas, pode-se repetir o exercício.

Resposta

Em uma folha de papel escreva cinco das coisas das quais você tem mais certeza na vida. (Exemplos: que você está vivo ou que seus pais o amam.) Reflita em silêncio sobre cada uma por alguns instantes (como tem certeza disso, e por quê?) e então dê graças a Deus.

Verificação

Você tem certeza de que é cristão? Por quê? Você acha que está pronto para preparar-se para se tornar membro da igreja?

LEITURA RECOMENDADA:

QUESTÕES DA VIDA – Nick Gumbel, 236 pp. – Encontro Publicações

Essa certeza profundamente gratificante de que Deus nos acolheu, perdoou e nos deu o seu Espírito não pode, de maneira alguma, ser uma desculpa para nos acomodarmos. Bem pelo contrário, é uma motivação para prosseguir, crescer na vida cristã e buscar a maturidade em Cristo.

A NECESSIDADE DE CRESCIMENTO

O crescimento cristão é ilustrado no Novo Testamento através de muitas e diferentes metáforas. Uma das mais importantes utiliza as palavras “justificação” e “santificação” e estabelece uma distinção muito clara entre elas.

O termo *justificação* nos diz que somos aceitos por Deus. Ele nos dá essa condição quando confiamos em Cristo como nosso Salvador. Justificação é na verdade um termo legal, emprestado dos tribunais, e o seu oposto é a condenação. Justificar é absolver, declarar que a pessoa acusada é justa, inocente. No nosso caso, o Juiz divino, já que seu Filho arcou com a nossa condenação, nos

justifica, declarando-nos inocentes diante dele: “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8.1).

Santificação, por outro lado, descreve o processo pelo qual os cristãos justificados são transformados, tornando-se semelhantes a Cristo. Quando nos justifica, Deus nos *declara* justos através da morte de Cristo por nós; quando nos santifica, Ele nos *faz* justos pelo poder do seu Espírito Santo que habita em nós. A justificação tem a ver com a nossa condição exterior como aceitos por Deus; a santificação tem a ver com o nosso crescimento interior em santidade de caráter. Além disso, enquanto a nossa justificação é repentina e completa, de modo que nunca seremos mais justificados do que o fomos no dia da nossa conversão, a nossa santificação é gradual e incompleta. No tribunal, leva apenas alguns minutos para o juiz pronunciar o seu veredicto e absolver o acusado; já para chegarmos pelo menos perto de nos tornarmos semelhantes a Cristo leva uma vida inteira.

NASCIDOS DE NOVO

Os autores do Novo Testamento têm outra maneira de nos ensinar essa distinção entre o começo e a continuação da nossa vida cristã. Eles dizem que quando Jesus Cristo se torna nosso Salvador e Senhor, nós somos, não só justificados, mas também regenerados ou “nascidos de novo”.

A metáfora mudou. Saímos do tribunal de justiça e entramos numa maternidade. O que vemos diante de nós não é um prisioneiro que foi absolvido, mas um bebê que acaba de nascer. Quanto tempo leva para um bebê nascer? Somente alguns minutos. É claro que meses de preparação precedem o nascimento, e o trabalho de parto pode durar várias horas; mas o nascimento em si é uma crise repentina e quase instantânea. Uma vida nova e independente surge no mundo. No entanto, embora um bebê leve apenas alguns minutos para nascer, pode levar uns vinte e cinco anos para que uma pessoa alcance a maturidade física e emocional completa. A crise dramática do nascimento é seguida pelo laborioso processo do crescimento. Sendo assim, o que a santificação é para a justificação, o crescimento é para o nascimento. A justificação e o novo nascimento acontecem ao mesmo tempo, no momento em que nos unimos a Cristo pela fé, quer estejamos conscientes do que está acontecendo, quer não; a santificação e o crescimento, por outro lado, levam tempo.

O propósito geral de Deus é que todos os seres humanos cresçam física, mental e emocionalmente. É muito triste quando uma pessoa apresenta um retardamento em alguma dessas áreas. Igualmente triste é um crescimento espiritual limitado. Na igreja há centenas de pessoas que nunca saíram da “creche espiritual”; espiritualmente, elas sofrem (para emprestar um termo freudiano) de “regressão infantil”. Paulo chama essas pessoas de “meras crianças em Cristo” (1 Coríntios 3.1), enquanto o seu desejo era que “apresentemos todo homem perfeito [ou melhor, ‘maduro’] em Cristo” (Colossenses 1.28).

Normalmente, crescer é uma questão de orgulho para uma criança. Eu ainda me lembro da euforia que senti no dia em que meus pais me deixaram sair do carrinho e andar sozinho na calçada; e o meu orgulho, então, a primeira vez que usei calças compridas (“roupa de gente grande!”), esse não dá para calcular! É um sinal muito saudável quando cristãos recém-nascidos demonstram a mesma ansiedade em crescer e chegar à maturidade. O ingresso na igreja é um importante marco para todos nós, especialmente se o considerarmos como um novo começo, e não um fim. Isso me faz lembrar as famosas palavras de Winston Churchill em 1942, logo depois da conclusão vitoriosa da Batalha de *El Alamein* no Egito. Rommel e o *Afrika Korps* tinham sido derrotados; trinta mil prisioneiros haviam sido levados; e a primeira vitória da guerra fora conquistada. Convidado para comparecer ao banquete do novo intendente de Londres na Mansion House, Churchill disse: “Cavalheiros, isto não é o fim. Não é nem o começo do fim. Mas talvez seja o fim do começo.” Altos brados saudaram a sua memorável afirmação. Quer estejamos pensando em nossa conversão, nosso batismo, ou nossa filiação à igreja, eu espero que possamos estar igualmente empolgados ao celebrar esse momento como o começo de uma nova vida.

AS ÁREAS DE CRESCIMENTO

Os autores do Novo Testamento são bastante precisos ao se referirem às áreas nas quais se dá o crescimento cristão. Eles especificam quatro áreas principais.

FÉ

Em primeiro lugar, nós devemos *crescer na fé*. Obviamente a fé é uma característica indispensável para os cristãos. Muitas vezes eles são identificados como “crentes”, e Jesus chamou o discípulo de “aquele que crê em mim”. Mas o que é fé? Não é nem credulidade nem superstição. Fé é confiança. Os cristãos são crentes porque eles colocaram a sua confiança em Jesus Cristo como seu Salvador e porque aceitam a palavra de Deus e confiam nas suas promessas. Isso mostra por que a fé, ainda que vá além da razão, nunca está contra a razão. A racionalidade da confiança depende da confiabilidade da pessoa em quem se confia, e não existe pessoa mais confiável do que o Deus que se revelou em Cristo.

A fé não é, no entanto, algo estático; ela deve ser viva e crescente. Uma vez Jesus repreendeu seus apóstolos por serem “homens de pequena fé”, se bem que depois acrescentou que se eles tivessem a fé “do tamanho de um grão de mostarda” poderiam realizar grandes coisas para Deus (Mateus 16.8, 17.20). Em outra ocasião eles vieram a Jesus e disseram: “Aumenta a nossa fé”

(Lucas 17.5). E duas vezes ele falou da “tamanho fé” mostrada até mesmo por gentios (Mateus 8.10; 15.28). Fica claro a partir destes textos que existem níveis diferentes de fé. Ela é pequena no início, mas pode crescer e se fortalecer. Ao lermos a Bíblia, meditarmos na integridade absoluta do caráter de Deus e colocarmos as suas promessas à prova, a nossa fé vai amadurecendo. O que Paulo escreveu aos tessalonicenses deveria ser uma verdade com relação a todos nós: “a fé que vocês têm cresce cada vez mais” (2 Tessalonicenses 1.3).

AMOR

Em segundo lugar, nós devemos *crescer no amor*. Jesus resumiu a lei de Deus juntando dois mandamentos do Antigo Testamento: amar a Deus com todo o nosso ser e amar o nosso próximo como a nós mesmos (Levítico 19.18; Deuteronômio 6.5; Marcos 12.28-31); e Paulo declara que o amor é “o cumprimento da lei” (Romanos 13.10). Ele acrescentou que o amor é maior do que a fé e a esperança, de fato a maior de todas as virtudes (1 Coríntios 13.13). E a razão para isso é que Deus é amor e derramou sobre nós o seu amor. De fato, “nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 João 4.7-12, 19).

Mesmo assim temos de confessar que nem sempre os cristãos nem as igrejas são conhecidos pela qualidade de seu amor. Paulo teve de chamar os coríntios de mundanos e infantis porque havia inveja e contenda entre eles (1 Coríntios 3.1-3). Imagine qual seria a avaliação que ele faria das nossas igrejas hoje! Em ter-

mos gerais, existe entre nós afabilidade e um certo grau de *bonomia*, mas essas coisas geralmente escondem rivalidades e facções; e existe, comparativamente, pouco amor sacrificial, disposto a servir e amparar uns aos outros, quanto menos o mundo necessitado à nossa volta. Sem dúvida precisamos ouvir e dar atenção a outra das exortações de Paulo aos tessalonicenses: “...de fato, vocês amam a todos os irmãos... Contudo, irmãos, insistimos com vocês que cada vez mais assim o façam” (1 Tessalonicenses 4.10). Ele também orou pedindo que o amor deles pudesse “crescer e transbordar” (1 Tessalonicenses 3.12).

CONHECIMENTO

Em terceiro lugar, devemos *crescer em conhecimento*. O cristianismo põe bastante ênfase na importância do conhecimento, repreende o antiintelectualismo por ser uma atitude negativa e paralisante e atribui muitos de nossos problemas à nossa ignorância. Sempre que o coração está cheio e a cabeça vazia, surge um fanatismo perigoso. Ninguém salientou isso mais do que Paulo. “Quanto ao modo de pensar, sejam adultos”, ele escreveu aos cristãos de Corinto (1 Coríntios 14.20). Muitas das suas exortações começavam com o refrão “Eu quero que vocês saibam” ou “Não quero que vocês sejam ignorantes” (exemplo, 1 Tessalonicenses 4.13), e algumas vezes ele admoestava: “Mas vocês não sabem ...?”, deixando implícito que, se os seus leitores *soubessem*, eles agiriam diferente. Não é de surpreender, então, que o desejo mais profundo expresso nas orações do apóstolo pelos seus convertidos é que

eles “possam conhecer” (por exemplo: Efésios 1.18; 3.19; Filipenses 1.10; Colossenses 1.9).

Ao mesmo tempo, devemos lembrar-nos de que o conceito hebreu de conhecimento nunca foi puramente intelectual. Ele ia além do “compreender”, abrangendo o “experimental”, principalmente em se tratando do conhecimento de Deus. Nós já vimos que conhecer a Deus em Jesus Cristo – a essência do que é ser cristão – implica num relacionamento vivo e pessoal com Ele. Assim como todos os relacionamentos, este também deve ser dinâmico e estar sempre crescendo. Se não for alimentado, vai definhando e morrer. É digno de nota, portanto, que na mesma passagem em que afirma “a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” Paulo escreve também que a sua principal ambição é “conhecer a Cristo e participar mais profundamente dos seus sentimentos, e do poder de sua ressurreição” (Filipenses 3.8, 10). O que o apóstolo deseja para si, é natural que deseje também para os outros; e ora para que eles possam estar continuamente “crescendo no conhecimento de Deus” (Colossenses 1.10). Pedro compartilha esse mesmo desejo. Ele roga a seus leitores que “cresçam, porém, na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 3.18).

SANTIDADE

Em quarto lugar, devemos *crescer em santidade*. Crescer em santidade é o processo chamado de “santificação” sobre o qual começamos a refletir no começo deste capítulo. Paulo nos dá uma

declaração muito esclarecedora do que isso significa: “E nós, todos os que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito” (2 Coríntios 3.18). Este versículo nos ensina pelo menos quatro lições vitais.

1 A santidade consiste em sermos semelhantes a Cristo; e a santificação é o processo pelo qual somos transformados (o verbo *metamorphoō* é utilizado na transfiguração de Jesus) à sua imagem. Há um corinho infantil que me fascina ao ouvir as crianças cantarem: “Como Jesus, como Jesus, eu quero ser como Jesus. Eu o amo tanto, eu quero tanto ser cada dia mais como Jesus”.

2 A santificação é um processo gradual. Isso fica claro, tanto a partir da construção gramatical com o gerúndio, o que expressa continuidade (“estamos *sendo transformados*”), quanto pela expressão “com glória *cada vez maior*”. Embora de fato alguns hábitos ruins desapareçam logo quando Cristo entra em nossa vida, ninguém amadurece num piscar de olhos. Temperamentos não são adestrados, nem paixões controladas, nem o egoísmo conquistado de um momento para outro. Antes, nós somos chamados a aprender a “agradar a Deus . . . cada vez mais” (1 Tessalonicenses 4.1).

3 A santidade é obra do Espírito Santo. Como ele mesmo é santo, preocupa-se em promover a nossa santidade. O segredo da santificação não é que nós nos esforçamos para viver como Cristo, mas que Cristo vem habitar em nós através do seu

Espírito. Como disse William Wand, “o caráter cristão não se adquire pela laboriosa aquisição de virtudes que vêm de fora, mas pela expressão da vida de Cristo a partir de dentro”.¹

4 Se ao Espírito Santo cabe agir em nós transformando-nos “com glória cada vez maior”, a parte que nos cabe é, “com a face descoberta”, contemplar e assim refletir a glória do Senhor. E como é nas Escrituras que essa glória é revelada com mais clareza, a nossa “contemplação” consiste em procurá-lo justamente ali, para podermos adorá-lo.

O OLEIRO DIVINO

Então, mudando de metáfora, nós devemos deixar que o Oleiro Divino faça o que quiser conosco, para que a partir da pobre argila de nossa natureza caída Ele possa moldar um lindo vaso que sirva para o seu uso. Ou, mudando de novo de metáfora, poderíamos dizer que o carpinteiro de Nazaré ainda está ocupado com as suas ferramentas. Uma vez pelo cinzel da dor, outra pelo martelo da aflição, outra ainda pela plaina das circunstâncias adversas, assim como através de experiências de alegria, Ele vai nos moldando até fazer de nós um instrumento de justiça. Há uma oração antiga que expressa isso de forma singular:

Ó Jesus, Mestre-Carpinteiro de Nazaré, que na cruz, com madeira e pregos, executaste a plena salvação dos homens, maneja bem tuas ferramentas nesta tua carpintaria, a fim de que nós, que chegamos a ti como madeira bruta, sejamos transformados em algo muito mais belo e verdadeiro, moldados pela tua mão, Tu que com o Pai e o Espírito Santo vives e reinas, um único Deus, no mundo sem fim.²

Portanto, caro leitor, eu me atrevo a lhe rogar que seja paciente, mas determinado. Não perca a esperança. Cuide da disciplina de sua vida cristã. Seja diligente na oração diária e na leitura da Bíblia, em ir à igreja e participar com freqüência da Ceia do Senhor. Faça bom uso de seus domingos. Leia livros úteis. Procure amigos cristãos. Empenhe-se em servir. Nunca deixe de confessar seus pecados, nem acumule pecados não perdoados. Nunca abrigue em seu coração raízes de resistência e amargura. Acima de tudo, renda-se sem reservas diariamente ao poder do Espírito Santo que está dentro de você. Então, passo a passo, você avançará pelo caminho da santidade e crescerá rumo a uma maturidade espiritual completa.

OS MEIOS DE CRESCIMENTO

Na Parte 3 deste livro consideraremos os principais “meios da graça”, isto é, os canais que Deus escolheu usar para nos transmitir sua graça e nos fortalecer. Agora eu vou apenas antecipar de forma resumida o que será elaborado mais detalhadamente ali.

Quais são os meios pelos quais podemos garantir o nosso crescimento cristão? Se tomarmos a analogia de uma criança em fase de crescimento (que é muito usada pelos autores do Novo Testamento), teremos a nossa resposta imediatamente. Embora muitos fatores se combinem para promover e salvaguardar o crescimento saudável de uma criança, há dois que se destacam em importância. A principal condição para o crescimento *físico* da criança é uma dieta adequada e disciplinada; e, para o seu desenvolvimento *psicológico*, a segurança de um lar feliz. Cada um destes exemplos tem seu paralelo no processo de amadurecimento daqueles que a Bíblia chama de “crianças em Cristo”.

Tomemos primeiramente a questão da dieta. Para os bebês isso obviamente significa leite, dado (pelo menos de acordo com a tradição antiga) de três em três ou de quatro em quatro horas. Hoje em dia as mães tendem a alimentar seus bebês menos de acordo com o relógio e mais de acordo com a necessidade e exigência. Florence Nightingale, considerada a pioneira da enfermagem moderna, pertencia à velha escola. Num livro escrito em 1859, o capítulo final, intitulado “Cuidando do Bebê”, ela escreveu par-

tualmente para a filha mais velha da família. Ali dá sete condições para o crescimento saudável da criança, sendo a quarta “ser alimentada com comida adequada em horários regulares”. Ela explica:

Você deve ter muito cuidado com a comida do bebê; ser extremamente pontual ao alimentá-lo; nunca lhe dar demais (se o bebê vomitar depois da comida, é porque você o alimentou em excesso). Ele também não deve ganhar muito pouca comida. Acima de tudo, nunca lhe dê qualquer comida insalubre... Depois de desmamado o bebê precisa ser alimentado freqüentemente, regularmente e em quantidades não muito grandes. Eu conheço uma mãe cujo filhinho, de cerca de um ano de idade, estava em grande perigo um dia, com convulsões. Ela disse que queria ir à igreja e por isso, antes de sair, tinha dado a ele três refeições de uma vez. Não era de se esperar que o pobrezinho tivesse convulsões?

LEITE ESPIRITUAL

Deixando a sabedoria prática de Florence Nightingale, vamos agora para uma instrução do apóstolo Pedro: “Como crianças recém-nascidas, desejem intensamente o leite espiritual puro, para que por meio dele cresçam para a salvação, agora que provaram que o Senhor é bom” (1 Pedro 2.2-3). O que é esse “leite puro” do qual os cristãos recém-nascidos precisam? Pedro o chama de *logikos*, que poderia significar “espiritual” (i.e., seria uma referência metafórica, e não literal) ou “racional” (comida para a mente, não para o corpo). Ele pode estar retomando o que havia

dito pouco antes quando se referiu à “palavra de Deus, viva e permanente” (1 Pedro 1.23-24), e afirmando que a mesma palavra de Deus que é o instrumento para o nascimento espiritual (1 Pedro 1.23) é também instrumento de crescimento espiritual (1 Pedro 2.2).

Muitas vezes a palavra de Deus é, bem acertadamente, comparada com comida para a alma. Seu ensinamento simples é como o leite e sua verdade mais profunda é como comida sólida (1 Coríntios 3.2; Hebreus 5.11-14). Seus preceitos e promessas são “mais doces do que o mel e o destilar dos favos” (Salmo 19.10; cf. 119.103). Quando os “comemos” eles se tornam gozo e alegria para os nossos corações (Jeremias 15.16). Deve ser por isso que devemos “ler, marcar, aprender e digerir” as Escrituras, como diz um dos meus livros de cabeceira; e na *Epístola de Barnabé*, um apócrifo de autor desconhecido, o povo de Deus é descrito que como “aqueles que sabem que meditar é uma atividade que traz satisfação e têm prazer em ficar ruminando a palavra do Senhor”!

Mais adiante vou falar sobre a importância de ler a Bíblia com regularidade; mas creio que aqui já dá para ressaltar a importância da disciplina diária dessa prática. Se quisermos ter um crescimento espiritual estável, a regularidade é um fator muito importante. Se nos banqueteamos da Escritura aos domingos, ou em algum congresso ou conferência cristã, mas dificilmente nos alimentarmos dela em outras ocasiões, com certeza acabaremos tendo “convulsões espirituais”, como o bebê da história de Florence Nightingale. Um bom apetite é um sinal confiável de saúde espiritual, tanto quanto na saúde física. Pelo menos é o que acontece

no caso das crianças. Quem já não viu o rosto rubro de um bebê berrando em protesto porque passou o horário de sua refeição? É isso que Pedro tem em mente quando recomenda que “desejemos intensamente” o nosso leite espiritual. Nós já “provamos” a bondade do Senhor (1 Pedro 2.3), ele escreve; comprovamos que “o Senhor é bom”! Agora isso deve motivar-nos a “sugar o leite espiritual puro” diretamente da fonte, que é a Palavra de Deus (1 Pedro 2.2). Somente então iremos “crescer para a salvação”. Por “salvação” aqui o apóstolo deve estar se referindo à santificação, e especialmente a nos livrarmos de sintomas de imaturidade como “maldade, engano, hipocrisia, inveja e maledicência”, aos quais ele acaba de se referir (1 Pedro 2.1).

LAR FELIZ

Tão importante quanto uma dieta adequada e sistemática é o sentimento de segurança proporcionado por um lar feliz. Psicólogos e psicoterapeutas falam muito da influência (para o bem ou para o mal) do ambiente familiar sobre o nosso desenvolvimento emocional na infância. O propósito de Deus é que toda criança nasça e seja alimentada em uma família estável e amorosa. Seu ideal para os cristãos recém-nascidos é o mesmo. Muitos de nós temos um conceito muito individualista da vida cristã. “Cristo morreu por mim”, dizemos. Isso é um fato comprovado pela Bíblia (Gálatas 2.20). Mas não é toda a verdade. Ele também morreu “por *nós* a fim de . . . purificar para si mesmo *um povo*

particularmente seu” (Tito 2.14). Ou seja: quando nós nascemos de novo, não nascemos num hospital de isolamento espiritual! Pelo contrário, nascemos no seio de uma família, a família de Deus. Ele se torna nosso pai celestial, Jesus Cristo o nosso irmão mais velho e todos os outros cristãos ao redor do mundo, independente de onde estejam e de qual seja a sua raça, nação ou denominação, passam a ser nossos irmãos e irmãs em Cristo. Se, portanto, esperamos crescer para atingir uma maturidade cristã saudável, isso só pode acontecer no contexto da família de Deus. Ser membro de uma igreja não é uma opção nem um luxo; é um dever e uma necessidade. Tentar prescindir disso é uma grande insensatez, além de ser pecado.

É claro que ao dizer isso estou pressupondo que a nossa igreja seja uma comunidade autêntica, cujos membros são unidos por laços de apoio e cuidado mútuo. Mas muito freqüentemente esse tipo de vida e amor não existe. Alguém que chamou a atenção para esse fato foi o Dr. Hobart Mowrer, professor emérito de Psiquiatria na Universidade de Illinois (EUA). Ele era um conhecido crítico de Freud, um defensor do que ele chamava de “grupos integrativos” e um pensador que defendia as obrigações contratuais implícitas em todos os nossos relacionamentos. Alguns anos atrás ele gentilmente concordou em dedicar algum tempo a um grupo de amigos (inclusive eu) que queriam fazer-lhe algumas perguntas. Disse-nos que não era cristão, nem mesmo teísta; tinha o que chamava de “uma briga de namorado com a igreja”. “O que o senhor quer dizer com isso?”, perguntamos. Sua queixa era que a igreja havia falhado com ele quando adolescente e ainda hoje con-

tinuava falhando com os seus pacientes. “Como assim?” “Porque”, respondeu, “a igreja nunca aprendeu o segredo da vida em comunidade.” Acho que, de todas as críticas que já ouvi com relação à igreja, esta é a mais nociva. Afinal, a igreja *é* uma comunidade, a nova comunidade de Jesus Cristo; e muitas igrejas *já* aprenderam o significado e as exigências de uma comunidade de amor. Mas o fato é que há outras que não descobriram isso. Nisso o professor Mowrer tinha razão. De qualquer modo, eu duvido que alguém consiga tornar-se um seguidor equilibrado ou maduro de Jesus Cristo sem participar regularmente dos cultos e da vida da igreja junto com outros crentes. Nós devemos nos tornar membros ativos e totalmente comprometidos com a nossa igreja.

Se, pois, quisermos crescer espiritualmente, estas são as principais condições. Se você está se preparando para entrar na igreja, ou o fez recentemente, aconselho-o a guardá-las em seu coração. Não se contente com uma vida cristã estática. Antes, tenha a firme determinação de crescer em fé e amor, em sabedoria e santidade. E, para fazê-lo, cultive a disciplina de buscar a Deus diariamente através da leitura de Bíblia e da oração e dedique-se de todo o coração a participar dos cultos, da vida comunitária e do testemunho de sua igreja. Estas coisas irão encorajá-lo e fortalecê-lo muito e farão do seu crescimento espiritual algo natural e constante.

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 3

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Que nota, de 0 a 10, você se daria em cada uma das quatro áreas de crescimento abordadas neste capítulo?
2. Como você poderia desenvolver uma “dieta” e um “lar” espiritual (ver p. 74-79) que ajudem a fortalecer a sua área (ou áreas) mais fraca(s) de crescimento?
3. Que conselho daria a novos cristãos para ajudá-los a crescer e não estagnar?

Promessa

Perdão cotidiano – 1 João 1.9

Oração

Nº 6 na p. 236 – por crescimento na compreensão da Palavra.

Nº 7 na p. 237 – por crescimento em santidade.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

2 Pedro 1.3-11

Estudo em grupo

Cada participante do grupo fale sobre “uma coisa que eu (re)aprendi ou (re)descobri na semana passada”. Não precisa ser algo profundo, nem tem de ser “espiritual”; qualquer nova faceta, verdade, experiência ou habilidade que o levou a melhorar de alguma maneira enquanto pessoa. Fale um pouco sobre como você descobriu isso e qual está sendo o efeito em sua vida.

Resposta

Compre uma plantinha, ou pense numa que você já tenha. Observando a maneira como cresce uma planta, que idéias podemos tirar para o crescimento cristão?

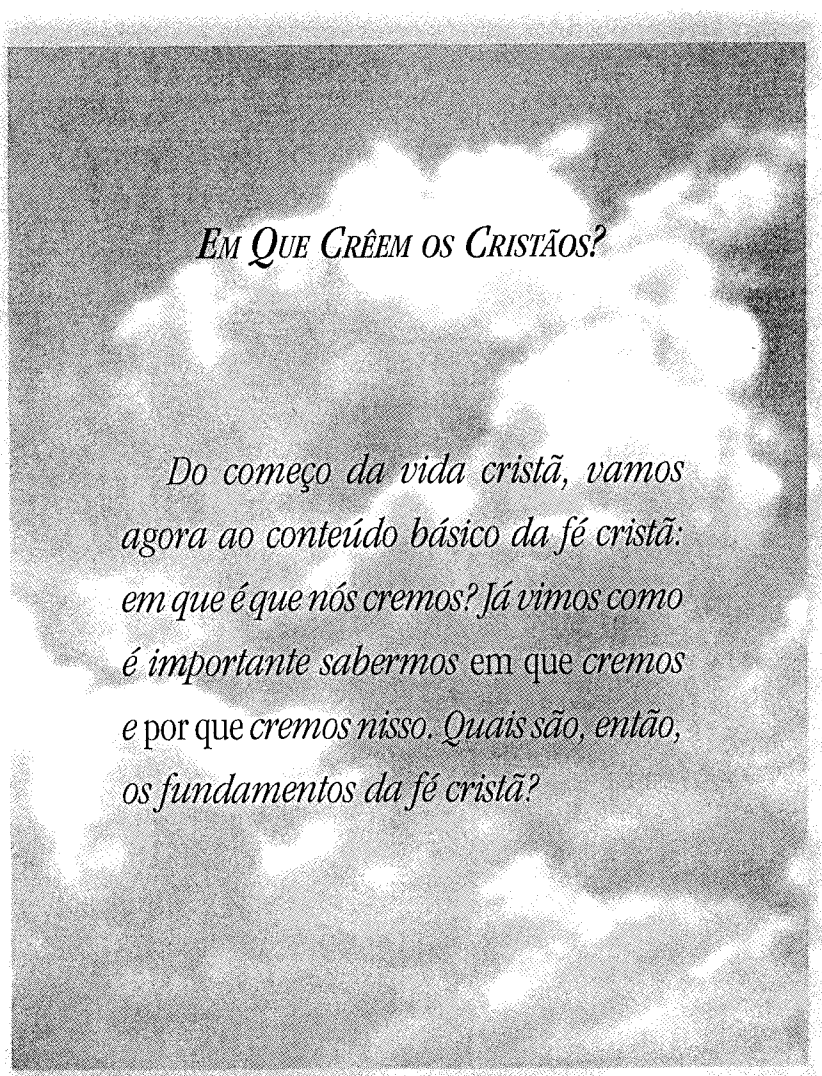
Verificação

Você está crescendo na vida cristã? Ou estagnou?

LEITURA RECOMENDADA:

O CAMINHO DO CORAÇÃO - ENSAIOS SOBRE A TRINDADE – Ricardo Barbosa, 212 pp. – Encontro Publicações.

JANELAS PARA A VIDA - ESPIRITUALIDADE DO COTIDIANO – Ricardo Barbosa, 172 pp. – Encontro Publicações.



EM QUE CRÊEM OS CRISTÃOS?

Do começo da vida cristã, vamos agora ao conteúdo básico da fé cristã: em que é que nós cremos? Já vimos como é importante sabermos em que cremos e por que cremos nisso. Quais são, então, os fundamentos da fé cristã?

4 “CREIO EM DEUS PAI”

A palavra “credo” vem do latim *credo*, que significa “creio”. De fato, o Credo começa com esta expressão. Os credos cristãos são, portanto, resumos da fé cristã e as pessoas começaram a desenvolvê-los muito cedo na história, principalmente para ajudar a instruir os novos convertidos. Existem até traços de pequenos credos no Novo Testamento (por exemplo, 1 Timóteo 3.16).

Há dois credos cristãos históricos que são conhecidos quase no mundo todo.

O primeiro é o *Credo Apostólico*. Geralmente, quando as pessoas falam em “o Credo”, é a este que estão se referindo. Ele não foi elaborado pelos doze apóstolos, e não atingiu sua forma definitiva até meados do século oitavo d.C.; mas muitas de suas cláusulas remontam ao século dois. Ele é corretamente chamado de Credo Apostólico porque afirma de modo conciso os ensinamentos que os apóstolos dão no Novo Testamento a respeito de Deus.

CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu filho Unigênito, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao mundo dos mortos, ressuscitou no terceiro dia, subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai, todo-poderoso, de onde virá para julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo, na santa Igreja cristã, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém.

O segundo é o *Credo Niceno*. Este é um pouco maior do que o Credo Apostólico e deve o seu nome ao fato de conter certas cláusulas sobre a pessoa divino-humana de Jesus Cristo que foram formuladas no Concílio de Nicéia, no ano 325 d.C.

CREDO NICENO

Creio em um só Deus, o Pai onipotente, criador do céu e da terra, de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por quem foram feitas todas as coisas; o qual, por amor de nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, e encarnou, pelo Espírito Santo, na Virgem Maria, e se fez homem; foi também crucificado em nosso favor sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras; e subiu aos céus; está sentado à destra do Pai, e virá pela segunda vez, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim.

E no Espírito Santo, Senhor e vivificador, o qual procede do Pai e do Filho; que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; que falou pelos profetas.

E a igreja, uma, santa, cristã e apostólica.

Confesso um só batismo, para remissão dos pecados, e espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro.
Amém

A EXISTÊNCIA DE DEUS

Assim como a Bíblia, os credos assumem como certa a existência de Deus e não a discutem. Em última instância, nós aceitamos a existência de Deus por fé e não por provas, porque Deus, sendo infinito, só pode ser conhecido por sua revelação e não pela nossa razão. Com isso eu não estou dizendo que a crença na existência de Deus é irracional. Pelo contrário, existem provas sólidas para se crer em sua existência. Não há aqui espaço para elaborar os cinco argumentos clássicos da existência de Deus expostos por Tomás de Aquino. Ao invés disso, tudo que eu posso fazer é sugerir três linhas de pensamento:

1 *O universo como fato*

Em toda a nossa volta há fenômenos que se tornam inexplicáveis se eliminarmos o conceito de Deus. É razoável supor que assim como toda construção tem o seu arquiteto, toda pintura o seu artista plástico e todo mecanismo o seu idealizador, assim também o universo, misterioso, belo e complexo, deve ter o seu Criador. Ele é a causa da qual, em última instância, todos os efeitos derivam. Ele é a Vida à qual toda vida deve a sua existência. Ele é a Energia da qual emana todo movimento. Estes pensamentos são expressos pelos autores bíblicos de diversas maneiras: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Salmo 19.1); “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio

das coisas criadas” (Romanos 1.20); “O Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há . . . não ficou sem testemunho: demonstrou sua bondade dando-lhes chuva do céu e colheitas no tempo certo, dando-lhes comida com fartura e corações cheios de alegria” (Atos 14.15-17).

Depois da destruição da antiga Catedral de São Paulo no grande incêndio de Londres, em 1666, Christopher Wren começou a planejar e construir a nova, que lá se encontra até hoje. Os visitantes muitas vezes se surpreendem por não existir ali nenhum memorial dedicado a ele. O seu túmulo, porém, está na cripta, perto dos de Nelson e Wellington, e sobre ele uma placa traz a inscrição em latim *si monumentum requiris, circumspice* (“se procuras um monumento, olha em volta”). Do mesmo modo, o mundo que Deus criou é sua melhor testemunha.

2 *A natureza dos seres humanos*

Se agora, depois de olhar para o universo, voltarmos o olhar para nós mesmos, encontraremos mais evidências de Deus. Ideais elevados e aspirações sublimes se agitam dentro de nós. Coisas bonitas aos nossos olhos, ouvidos e toque nos comovem profundamente. A nossa mente é insaciavelmente curiosa na sua busca de conhecimento. Somos impulsionados para diante e para cima por uma necessidade imperiosa de fazer o que “devemos”, a mesma que nos enche de vergonha sempre que falhamos. O amor também revela a nobreza única de nossa humanidade, o amor que inspirou as maiores façanhas de arte, heroísmo, sacrifício e serviço.

Será que esses sentimentos universais são uma piada vazia, uma miragem no deserto da ilusão? Ou existe alguma instância última de Beleza, Verdade, Bondade e Amor à qual a nossa personalidade responde? Ainda mais importante: como se explica a reverência inata que temos pelas coisas sublimes e sagradas, nosso senso de assombro e encantamento, nosso desejo intenso de adorar? Por que todos os seres humanos são criaturas que adoram, a ponto de fazerem seus próprios deuses quando nenhum deus lhes é revelado? Será que não existe um Deus a quem eles possam servir e assim satisfazer esse anseio de adoração? À luz destas verdades relativas a nossa própria experiência, parece ainda mais razoável acreditar em Deus do que negá-lo.

3 *A pessoa de Jesus Cristo*

Se Deus é infinito, ele está além de nós. Se ele está além de nós, nós não podemos conhecê-lo a não ser que ele mesmo decida tornar-se conhecido. E, se fosse para dar-se a conhecer, ele certamente o faria na forma mais nobre que nós teríamos condições de entender, isto é, através da personalidade humana. É exatamente isso que os cristãos crêem que ele fez. Deus não se contentou em se revelar somente através do universo que fez e da natureza que nos deu. Ele mesmo veio, em pessoa, ao nosso mundo. Em Jesus Cristo Deus se tornou um ser humano, sem deixar de ser Deus. Esse homem-Deus único viveu aqui e foi visto, ouvido e tocado. As provas da divindade de Jesus, eu deixo para o próximo capítulo. Aqui, basta dizer que o melhor e mais forte argumento para

acreditarmos na existência de Deus é o Jesus histórico. Se por acaso você estiver em dúvida quanto à existência de Deus, eu o aconselho a ler os Evangelhos de joelhos. “Busquem, e encontrarão”, disse Jesus (Mateus 7.7). Encare esse registro histórico daquele que alegou ser o Filho do Pai; faça-o com a mente aberta, humilde e sem preconceitos de uma criancinha. Jesus prometeu que é a pessoas assim que Deus se revela (Mateus 11.25).

O DEUS TRIÚNO

O Credo Apostólico e o Credo Niceno são divididos em três parágrafos que falam das três Pessoas da Trindade. Sem dúvida, a Trindade é o maior mistério da fé cristã. O termo em si é uma combinação do prefixo “tri” com a palavra “unidade”, e se refere ao fato de que Deus é tanto três quanto um: “Na unidade dessa Divindade há três Pessoas, uma só em substância, poder e eternidade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.¹

Certos pensadores ficam tão perplexos diante desse conceito que chegam ao ridículo. Thomas Jefferson, por exemplo, o gênio excêntrico que foi o terceiro presidente dos Estados Unidos, tentou reconstruir o cristianismo sem dogmas. Ele ansiava pelo dia, escreveu, em que “nos livraremos do jargão incompreensível da aritmética da Trindade, segundo o qual três são um, e um é três”.

¹ Artigo constante da Confissão Anglicana.

Uma das memórias mais vívidas e constrangedoras que eu tenho dos meus tempos de escola é a de uma conversa que tive com um pastor que nos visitava. Eu tinha cerca de quinze anos. Com a segurança imbatível característica de um adolescente, eu lhe disse: “Ninguém mais acredita na Trindade hoje em dia!” Mal acabara de dizer isso, e já me envergonhei de tê-lo feito. O fato é que eu nunca havia refletido sobre a questão da Trindade. Diante da impossibilidade de entendê-la, apressei-me a concluir que era uma superstição antiquada e burra que as pessoas inteligentes haviam descartado há muito tempo. E, talvez por ironia da providência divina, quando saí daquela escola fui justamente para a faculdade da Universidade de Cambridge que é dedicada à Santa Trindade!

A NOSSA FÉ TRINITÁRIA

É verdade que a palavra “Trindade” não aparece na Bíblia e que essa doutrina não foi claramente formulada pelos Pais da Igreja até o terceiro e o quarto séculos. Mesmo assim o Novo Testamento é trinitário de ponta a ponta. Note-se, por exemplo, como Jesus, quando foi batizado antes de iniciar seu ministério público, ouviu a voz do Pai e viu o Espírito descendo sobre ele na forma de uma pomba; e como, depois de sua ressurreição, ele encarregou sua igreja de fazer discípulos e batizá-los *no nome* (singular) do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mateus 3.16-17; 28.19). Considere-se também a declaração de Pedro de que nós fomos “escolhidos

de acordo com a presciência de Deus Pai, pela obra santificadora do Espírito, para a obediência a Jesus Cristo e a aspersão do seu sangue” (1 Pedro 1.2). E Paulo ora que “a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo” estejam com todos nós (2 Coríntios 13.14).

Existem três abordagens possíveis com relação à verdade da Trindade: a histórica, a teológica e a baseada na experiência. Juntas, elas constituem uma base sólida para a fé trinitária.

A HISTÓRIA

Em primeiro lugar, existe a abordagem *histórica*. A doutrina da Trindade não foi inventada por teólogos teóricos em torres de marfim, que nunca fizeram mais do que especular. Pelo contrário, foi uma revelação histórica que foi sendo desvendada aos poucos. Aconteceu assim. Os apóstolos eram todos judeus que haviam sido criados acreditando em um só Deus (em oposição ao politeísmo que os cercava), que era tanto o Criador do mundo como o Deus da aliança com Israel. Então eles conheceram Jesus. Ao passarem tempo na sua presença, ouvindo-o e observando-o, convenceram-se de que ele era o Messias – aliás, mais do que o Messias, pois perdoava os pecados das pessoas e até alegava ser o juiz do mundo. Instintivamente, eles se convenceram de que ele era digno de sua adoração – ou, em outras palavras, que ele era Deus. Só que não era o Pai, pois falava sobre o Pai e orava ao Pai.

Então ele começou a lhes falar de alguém outro, a quem ele chamava de “o Consolador”, ou “o Espírito da verdade”, que tomaria o seu lugar depois que ele os deixasse; e ele de fato veio no Dia de Pentecostes com a plenitude da graça e com poder divino. Assim, foram os fatos de sua própria observação que os compeliram a acreditar na Trindade. Esses eventos históricos e essas experiências não lhes deixavam outra alternativa.

A TEOLOGIA

Em segundo lugar, existe a abordagem *teológica*. A principal dificuldade que os Pais da igreja primitiva sentiam era como conciliar a unidade de Deus com o fato de Jesus ser ao mesmo tempo divino e distinto do Pai. Ou seja, como podiam crer que Jesus era simultaneamente um ser divino e uma pessoa distinta do Pai, sem se comprometerem com dois Deuses? Afinal, os dois partiam da unicidade de Deus! “O Senhor nosso Deus é o único Senhor”, eles afirmavam (Deuteronômio 6.4). Eles nunca haviam questionado seu monoteísmo. Mas agora se dividiram. Alguns insistiam em afirmar a divindade de Jesus. Mas se Deus é único e Jesus é divino, e não podemos ter dois Deuses, então Jesus não podia ser distinto do Pai. Ele devia ser a mesma pessoa que o Pai, mas revelada uma maneira diferente, de modo que Deus foi primeiro o Pai, depois o Filho, e então o Espírito Santo. Estes eram os sabelianos (seguidores de Sabélio, um presbítero romano do

terceiro século). O erro deles foi negar que Jesus e o Espírito eram eternamente distintos do Pai.

Outros seguiram um caminho diferente. Eles concluíram que se Deus é único e Jesus é eternamente distinto do Pai, já que não podemos ter dois Deuses, então Jesus não podia ser completamente divino. Ele deve ter sido um ser criado muito superior, mas não Deus. Estes eram os arianos (que seguiam Ário, um presbítero de Alexandria do começo do século quarto). O erro deles foi negar que Jesus era divino.

O problema dos Pais da Igreja, portanto, era como afirmar que Jesus era tanto divino quanto distinto, sem contradizer a unicidade de Deus. O professor Leonard Hodgson, no seu livro “A doutrina da Trindade” (*The Doctrine of Trinity*, 1943), aponta como causa da confusão dos Pais a sua incapacidade de definir a natureza da unidade de Deus. Afinal, existem dois tipos de unidade: a “matemática” (que é simples e indivisível) e a “orgânica” (que é altamente complexa e pode ser composta de muitas partes). Por exemplo, quando o átomo foi descoberto os cientistas primeiro pensaram ter alcançado a unidade básica da matéria, mas depois descobriram que cada átomo é em si mesmo um minúsculo universo. De semelhante modo, a unidade de Deus não é matemática, mas sim orgânica. Dentro do complexo mistério do Deus infinito existem três maneiras pessoais de ser que são eternamente distintas e que são reveladas no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

A EXPERIÊNCIA

Em terceiro lugar, podemos abordar o assunto a partir da *experiência*. Existem muitas coisas na vida que não podemos explicar completamente, mas mesmo assim podemos experimentar. Poderíamos mencionar a eletricidade, ou as mudanças de pressão barométrica, ou o amor... De semelhante modo, embora não consigamos explicar a Trindade, mesmo assim, toda vez que oramos desfrutamos o acesso ao Pai através do Filho por meio do Espírito Santo (Efésios 2.18). Mais especificamente, cada vez que oramos o Pai-Nosso, mesmo sem o perceber, estamos afirmando através das nossas três petições que Deus é três em Um: é o nosso Pai eterno que nos dá o pão de cada dia; é através de Jesus Cristo que morreu pelos nossos pecados que podemos ser perdoados; e é pelo poder interior do Espírito Santo que podemos vencer as tentações e ser livrados do mal. Então, que ninguém diga que a Trindade é irrelevante para o nosso dia-a-dia!

CRIADOR, SOBERANO E PAI

O Credo Apostólico descreve Deus como “Pai, todo-poderoso, Criador do céu e da terra”. Aqui existem três afirmações sobre Deus sobre as quais devemos tecer algumas considerações.

1 O Criador

O Credo Niceno acrescenta que Deus é o “Criador . . . de todas as coisas, visíveis e invisíveis”. Este é um resumo verdadeiro do que a Bíblia ensina. “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1.1); “o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe” (Êxodo 20.11); “há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas” (1 Coríntios 8.6). Podemos notar que em todos estes versículos o que se ensina é o *fato* da criação divina, e não o *modo*. A Bíblia afirma claramente *que* Deus é o Criador de todas as coisas; em nenhum lugar ela nos diz *como* ele o fez, a não ser que tudo veio a ser pela sua vontade (Apocalipse 4.11), conforme expresso na sua Palavra (Gênesis 1.3; Salmo 33.6, 9; Hebreus 11.3). Hoje há muitos cristãos que aceitam alguma parte da teoria da evolução e a afirmam como uma expressão do ato criador de Deus, embora pela Bíblia seja claramente impossível para um cristão defender uma visão puramente *mecanicista* da origem e evolução da vida que virtualmente dispense a ação de Deus.

Tampouco podemos considerar os seres humanos como nada mais do que animais altamente evoluídos, pois Gênesis 1 e 2 afirmam a criação especial de Adão e Eva, feitos *à imagem de Deus*, isto é, com um conjunto de características distintas (razão, consciência, vontade e amor) que fazem de nós seres semelhantes a Deus e diferentes dos animais. A própria consciência que temos de nós mesmos é uma forte confirmação dessa verdade bíblica. Outros cristãos querem estender o conceito de “criação especial” a tudo o que Deus fez e interpretar os seis dias no sentido literal. Mas provavelmente a maioria de nós considera os dias como representa-

ções de estágios da criação; e não vê por que forçar outros detalhes, interpretando-os como literais. Afinal, tal rigidez não condiz com o estilo literário deliberadamente estilizado de Gênesis 1.

Muito da controvérsia sobre o primeiro capítulo de Gênesis, e até do debate entre ciência e religião em geral, é na verdade desnecessário. Nós mesmos, como cristãos, temos nossa parcela de culpa nisso, pois esquecemos que a Bíblia não foi planejada por Deus para ser um livro científico. Eu não quero dizer com isso que o relato bíblico é necessariamente incompatível com a ciência, mas sim que os dois são mutuamente complementares, e não idênticos. Os seus propósitos são diferentes. O papel da ciência é explicar “como” as coisas funcionam; a Escritura está preocupada com o “porquê”.

O propósito da Palavra de Deus é nos tornar cristãos, e não cientistas, e conduzir-nos para a vida eterna através da fé em Jesus Cristo. Não foi intenção de Deus revelar nas Escrituras aquilo que os seres humanos poderiam descobrir com sua própria investigação e experimentos. Os três primeiros capítulos de Gênesis revelam particularmente quatro verdades espirituais que nunca poderiam ter sido descobertas pelo método científico. A primeira delas é que Deus criou tudo. Segundo, que ele criou a partir do nada; não havia nenhuma matéria-prima eterna como ele mesmo na qual ele pudesse trabalhar. Terceiro, que ele criou macho e fêmea, e os fez à sua própria imagem. Quarto, que tudo que ele fez era “muito bom”. Quando saiu de sua mão estava perfeito. O pecado e o sofrimento foram invasões estrangeiras que se intrometeram nesse seu belo mundo e o estragaram.

2 *O Sustentador*

Quando o Credo fala de “Deus Pai, todo-poderoso” ele está se referindo, não tanto à onipotência de Deus, mas sim ao fato de que Deus controla tudo o que fez. O que ele criou, ele sustém. Ele é “o Criador e o Sustentador de todas as coisas, tanto visíveis quanto invisíveis”. Deus não deu corda no universo como se fosse algum brinquedo gigantesco e o deixou correr por conta própria. Não foi assim, que ele apitou o começo do jogo e depois simplesmente se retirou para assistir das laterais. Pelo contrário, ele é um Deus “imanente” em seu universo. Ou seja, ele está presente e ativo na sua criação, continuamente segurando, animando e estabelecendo a ordem, tanto da criação como das criaturas. Aliás, o tema dominante da Bíblia inteira talvez seja justamente este, a atuação soberana, ininterrupta e propositada do Deus todo-poderoso. Ao contrário dos ídolos, que tinham olhos, ouvidos, boca e mãos mas não podiam ver, ouvir, falar nem agir, o nosso Deus é um Deus vivo e ativo.

A Bíblia, com seu estilo dramático e cheio de figuras ilustrativas, não nos deixa dúvidas sobre isso. O ar de todo ser vivente está nas mãos de Deus. O trovão é sua voz e o relâmpago seu fogo. Ele faz o sol brilhar e a chuva cair. Alimenta os pássaros do ar e veste os lírios do campo. Faz das nuvens sua carruagem e dos ventos seus mensageiros. Ele faz crescer a grama. Suas árvores são bem regadas. Ele acalma a fúria do mar. Conduz as questões das pessoas e os grandes assuntos das nações. Os poderosos impérios da Assíria e da Babilônia, do Egito e da Pérsia, da Grécia e

Roma estavam debaixo de seu controle soberano. Ele chamou Abraão de Ur, onde vivia. Libertou os israelitas do Egito, conduziu-os através do deserto e os acomodou na Terra Prometida. Deu-lhes juízes e reis, sacerdotes e profetas. E finalmente, enviou o seu próprio Filho ao mundo para aqui viver, ensinar, morrer e ressuscitar. Através dele estabeleceu o seu Reino na vida do seu povo. Esse Reino desafia a velha ordem com os seus valores radicais e há de se espalhar pelo mundo inteiro antes que Cristo volte e a história chegue ao fim.

3 *O Pai*

O Credo reflete fielmente a Bíblia ao colocar juntos a majestade e a misericórdia de Deus, a sua grandeza e a sua bondade. Ele afirma que o Criador de todas as coisas aceitou ser o Pai daqueles que confiam em Jesus Cristo. Já no Antigo Testamento Deus era conhecido como o Pai de Israel, mas quando Jesus veio esse título se tornou mais pessoal e mais íntimo. O próprio Jesus o usou para se dirigir ou referir-se a Deus. Quando tinha doze anos ele falou do templo como sendo “a casa de meu Pai” (Lucas 2.49), e a sua última palavra na cruz foi para entregar o seu espírito nas mãos de seu Pai (Lucas 23.46). Ele não só usou esse nome para Deus como nos deu permissão para que fizéssemos o mesmo (Mateus 6.9; Lucas 11.2). “Pai”, então, é o título distintivo do cristianismo para Deus. O professor Joachim Jeremias mostra que “em nenhum lugar na literatura do antigo Judaísmo – um imenso tesouro muito pouco explorado – encontra-se essa invocação a

Deus como *Aba*... Jesus, por outro lado, sempre a usou quando orava”.¹ De semelhante modo, os muçulmanos têm noventa e nove nomes e títulos para Alá (Criador, Sustentador, Provedor, Governador, etc.), mas nenhum deles é “Pai”. Deus, quem sabe, gostaria que este fosse o número cem...

Deus, no entanto, não é o Pai de todos os homens e de todas as mulheres indiscriminadamente. Ele é, com toda certeza, o Criador de todos eles. Todos os seres humanos são sua “descendência” (Atos 17.28) no sentido de que são suas criaturas. Mas o título “Pai”, Jesus ensinou especialmente para os seus discípulos; e tanto Paulo quanto João deixam claro que é somente através do eterno Filho de Deus que nós podemos nos tornar filhos e filhas de Deus e membros legítimos de sua família. “Aos que o receberam (isto é, Jesus), aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus” (João 1.12), pois “todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gálatas 3.26).

A paternidade universal de Deus e a irmandade universal dos seres humanos, de que tanto ouvimos falar, é potencial, não real. Ela não pode vir a existir enquanto todo homem e toda mulher não se submeterem a Jesus Cristo e não nascerem de novo.

Seria difícil exagerar quando se fala do imenso privilégio que temos como membros da família de Deus. “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: que fôssemos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!” (1 João 3.1). Somente agora podemos orar de fato, porque só agora estamos de fato nos relacionando com Deus como nosso Pai. Ele também nos dá paz ao

confiarmos nele. Pois, com tal Pai, como podemos temer? “Não se preocupem”, Jesus costumava dizer – com sua vida, com sua comida, com a roupa, com o amanhã; “o Pai celestial sabe” era o seu antídoto para a ansiedade (Mateus 6.25-34, cf. v. 8). Então é nosso dever, assim como nosso privilégio, confiar em Deus. Quem é filho de Deus não tem por que choramingar ou resmungar. Dúvida e descontentamento não são atitudes apropriadas para quem é filho de Deus. Nós devemos aprender a confiar e obedecer a esse Pai de amor, sabedoria e poder infinitos.

Talvez “dependência” seja a palavra certa para finalizar este capítulo. Já que Deus é o nosso Criador e Sustentador, nós dependemos dele, pois somos suas criaturas. E se ele é também o nosso Pai celestial, então nós dependemos dele, pois somos seus filhos. Temos, portanto, duas boas razões para encará-lo com humilde confiança. Dependere de um Deus assim é uma grande honra!

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 4

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Se alguém que lhe dissesse que não acredita em Deus, como você lhe responderia?
2. Que resposta você daria a um cristão que lhe dissesse que não entende “esse negócio de Trindade”?
3. Pense num dos seus dias típicos. Até que ponto você depende de Deus, e quanto depende de outras coisas? Você está contente com esse balanço ou gostaria de mudá-lo de alguma maneira?

Credo

Hoje, em vez de decorar uma promessa bíblica, aprenda o Credo Apostólico ou alguma outra declaração de fé que a sua igreja use no culto. Se não tiver uma cópia, peça a um líder da igreja.

Oração

Nº 8 (p. 237) – peça a Deus que afirme a sua fé na Trindade.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

Salmo 103

Estudo em grupo

Cada um descreva uma “figura de pai” na sua vida (não necessariamente o seu pai biológico, mas alguém, seja homem ou mulher, que seja uma referência certa quando é preciso). Em que sentido essa pessoa lhe lembra Deus?

Resposta

Escreva a sua própria carta para Deus. Começando com “Querido Papai” (ou “Pai”, se você achar que fica mais natural), conte-lhe exatamente o que está em seu coração e em sua mente no momento. Nós geralmente somos mais sinceros e diretos ao escrever do que ao orar em silêncio. Você poderia guardar a carta como lembrança, ou então dá-la para Deus como uma “oferta queimada”, colocando fogo nela.

Verificação

Para você é natural pensar em Deus e falar com ele como *seu Pai*? Por quê?

LEITURA RECOMENDADA:

PAI NOSSO - REFÚGIO E ESCOLA DE ORAÇÃO – Lindolfo Weingärtner, 90 pp. – Encontro Publicações.

Se o primeiro parágrafo do Credo Apostólico fala de Deus Pai, o segundo fala de Deus Filho. Ele é mais comprido do que os dois outros parágrafos. Mas isso era de se esperar, já que os grandes debates da igreja primitiva tinham a ver com a pessoa de Jesus Cristo. Além do mais, ser cristão tem a ver fundamentalmente com a pessoa de Cristo. O Credo nos diz tanto quem ele é como o que ele veio fazer no mundo; isto é, descreve a sua pessoa divino-humana e sua obra de salvação.

A PESSOA DE CRISTO, OU QUEM ELE É

“Creio . . . em Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, nosso Senhor . . . [que] nasceu da Virgem Maria.” Esta afirmação concisa indica que Jesus de Nazaré era tanto humano (filho de Maria) quanto divino (o Filho de Deus).

1 *A humanidade de Jesus*

Os Evangelhos deixam claro que o carpinteiro-profeta de Nazaré da Galiléia era verdadeiramente humano. Nasceu de uma mãe humana e foi menino, adolescente e tornou-se adulto assim como todos nós. Ele tinha um corpo humano, que sentia fome e sede. O esforço de seu ministério ininterrupto o fatigava. Sentou-se ao lado do poço para descansar e adormeceu num barco deitado num travesseiro. Tão intensa foi a sua agonia no jardim do Getsêmani que o suor que escorria de seu corpo parecia gotas de sangue. Finalmente, a crucificação o matou. O seu cadáver foi tirado da cruz, envolvido em lençóis funerários e deitado em um túmulo na rocha.

Jesus tinha, do mesmo modo, emoções humanas. Quando olhou para o jovem rico, ele o amou. Caiu em prantos no túmulo de Lázaro e de novo chorou por causa da impenitência de Jerusalém. Ele também falou de alegria, que queria que seus discípulos compartilhassem. Sentiu compaixão tanto por quem estava sofrendo quanto pela multidão desgovernada, e tratou os fariseus com indignação por causa da teimosia deles. Além de ter um corpo humano e emoções humanas, seu espírito também era humano. Ele mantinha uma comunhão íntima com o seu Pai celestial e procurava com regularidade a solidão dos montes para orar. As provas de sua total humanidade são conclusivas. Sem dúvida, ele era “o homem Cristo Jesus” (1 Timóteo 2.5).

2 O nascimento virginal de Jesus

O Credo também indica a origem da humanidade de Jesus, isto é, que ele “foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria”. No debate contemporâneo sobre o nascimento virginal, geralmente surgem três perguntas centrais.

A primeira é: *o que significa?* “Nascimento virginal” é uma expressão infeliz, porque ela coloca a ênfase na palavra “nascimento”. Mas o nascimento de Jesus foi completamente normal e natural. O que foi anormal e sobrenatural foi sua concepção pelo Espírito Santo, enquanto sua mãe, Maria, ainda era virgem.

Segunda: *aconteceu de fato?* Mateus e Lucas nos dão um registro sério desse evento milagroso. Se prestarmos atenção cuidadosa e imparcial à narrativa deles, acho que podemos concluir algumas coisas. Uma é que eles estavam querendo escrever história e não relatar um mito (Lucas diz isso claramente na sua introdução). Sua abordagem é modesta e cuidadosa, em contraste com a crueza das histórias pagãs. E os relatos deles são independentes e complementam um ao outro: Mateus conta a história de José e Lucas a de Maria.¹ É verdade que Marcos e João não registram o nascimento virginal, mas isso não prova que não tomem conhecimento dele. Eles optam por começar a sua história com João Batista e não fazem referência alguma ao nascimento ou à infância de Jesus. Será que devemos deduzir a partir disso que eles achavam que ele não teve nenhum dos dois? Tanto João quanto Paulo assumem a pré-existência de Jesus quando escrevem que “Deus enviou o seu Filho”, ou que ele “veio do alto” e “entrou no mun-

do”. O provável é que eles acreditassem que isso aconteceu através do nascimento virginal.

A terceira pergunta é: *isso tem alguma importância?* É fato que as grandes afirmações do evangelho no Novo Testamento, que proclamam a morte e a ressurreição de Jesus, não mencionam seu nascimento virginal. Os apóstolos não usaram o nascimento de Jesus para provar sua divindade. Nem deveríamos nós fazê-lo. É melhor argumentar pelo caminho inverso, que se Jesus era o Filho de Deus, seria tão apropriado para ele entrar no mundo através do nascimento virginal como o foi partir por meio da ascensão. Lucas registra o anúncio do anjo a Maria com estas palavras: “O Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Assim, aquele que nascer será chamado santo, Filho de Deus” (Lucas 1.35). Este versículo se refere tanto à concepção quanto ao nascimento de Jesus. A sua humanidade remete à mãe humana que o deu à luz; sua ausência de pecados e sua divindade remetem ao Espírito Santo que a “cobriu”.

A divindade de Jesus

O Credo Apostólico refere-se a Jesus não só como filho de Maria, mas como Filho de Deus – ou, melhor ainda, “seu Filho Unigênito, nosso Senhor”. O Credo Niceno é mais completo e o descreve como sendo “Filho unigênito de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai”. O Credo Atanásio esclarece ainda mais essa verdade ao afir-

mar que Jesus era “não feito, nem criado, mas gerado”. Essas distinções são importantes. As pessoas “fazem” coisas a partir de materiais (madeira, metais, tecidos) e “criam” coisas a partir do nada (uma idéia, um poema, uma melodia), mas só podem “gerar” filhos a partir de si mesmos. Por isso se diz que o Filho é “gerado da substância do Pai antes dos séculos” ou “Deus de Deus”, e portanto “consustancial ao Pai”, ou seja, um único Ser com o Pai. É aquele que “encarnou na Virgem Maria, e se fez homem” (Credo Niceno), de modo que ele era, e continua sendo, Deus e homem simultaneamente.

Mas será que isso não é um mito religioso, uma invenção de seus discípulos, resultante de sua credulidade? Não, o conjunto de provas que atestam a divindade de Jesus é muito mais forte do que muitas vezes se percebe. Vamos esquecer por um momento a questão de sua possível inspiração e tomemos os Evangelhos como se fossem simples documentos históricos. Eles retratam um rude carpinteiro de um lar humilde em uma vila obscura, que fez tais afirmações acerca de si que somos tentados a questionar sua sanidade. O seu ensino era extraordinariamente centrado em si mesmo. Ele chamava Deus de “o Pai” e se dizia ser “o Filho”, e fazia isso em termos absolutos, indicando que existia entre eles um relacionamento único. Ousou dizer que estava inaugurando o reino de Deus há muito esperado e que as pessoas só podiam entrar no reino somente respondendo a ele. Referia-se a si mesmo, não como profeta, nem como o maior dos profetas, mas afirmando ser ele próprio o cumprimento de toda a profecia, já que as Escrituras, dizia, davam testemunho dele. Dizia ser a luz do mundo e o único

caminho para o Pai. Convidava as pessoas para virem a ele, prometendo que iria lhes matar a sede e dar descanso aos fatigados. Dizia que perdoava os pecados das pessoas (o que somente Deus pode fazer) e assim incorria na terrível acusação de blasfêmia. E chocou seus ouvintes ao afirmar que no final da história voltaria para julgar o mundo.

Como é possível explicar afirmações tão extravagantes, feitas por ele com tanta certeza e de forma tão tranqüila e despretensiosa? Jesus era apenas um jovem que mal tinha trinta anos. Tinha muito pouca educação formal. Nunca havia saído da Palestina. Mesmo assim vivia repetindo, com confiança e sem a mínima ostentação, suas fantásticas afirmações.

Será que ele era louco, ou megalomaníaco? Seria um maníaco, com idéias fixas sobre si mesmo? Esta sugestão aparece de vez em quando, mas é inconsistente. Ele não mostrava sinais de fanatismo, muito menos de psicose. Além do mais, quem sofre de alucinações não engana ninguém além de si mesmo, enquanto Jesus convenceu milhões. A razão é que não havia incoerência entre suas afirmações e seu caráter. Pelo contrário, ele parecia ser realmente quem afirmava ser. Analisemos sua modéstia. Quando uma pessoa é psicótica ela é obcecada consigo mesma; se achar que é importante, ela se comporta como tal. Mas é justamente neste ponto que Jesus confunde seus críticos. Afinal, mesmo acreditando que era alguém, ele agia como se não fosse ninguém. Declarando ser o Filho de Deus, mesmo assim vestiu um avental de escravo e lavou os pés dos apóstolos; o senhor deles se tornou o servo. Além disso, ele fez amizade com os renegados da sociedade, aco-

lheu prostitutas e tocou naqueles em quem não se podia tocar. Dedicou-se aos outros, servindo-os com abnegação. E então, submeteu-se à prisão, a julgamento e condenação injustos. Não fez nenhuma tentativa de resistir quando foi caçoado, açoitado, cuspidos e finalmente crucificado. E chegou até a orar pedindo perdão para aqueles que o atormentavam.

Tudo isso se constitui num extraordinário paradoxo. Jesus era extremamente centrado em si mesmo nas suas palavras, mas nas suas ações era absolutamente centrado nos outros. Parecia orgulhoso, mas era humilde. Nos seus ensinamentos ele se promovia; no seu ministério, esquecia-se de si em prol da vontade de seu Pai e do bem das pessoas. Essa combinação de egocentrismo e humildade não encontra paralelo na história do mundo. A única maneira de resolvê-la é reconhecer que Jesus de Nazaré foi e é o Filho de Deus. A esse paradoxo acrescenta-se a ressurreição, e o caso está completo. Nunca houve uma explicação satisfatória para o desaparecimento do corpo de Jesus do túmulo, a não ser que Deus o tenha ressuscitado dos mortos. Além do desaparecimento do seu corpo, convém não ignorar o reaparecimento do Senhor. Os apóstolos insistiram em afirmar que o viram, muitas vezes e em muitos lugares. Eles eram pescadores rudes; não eram dados a alucinações. Muito pelo contrário, a princípio eles se recusaram a acreditar na história, mas tiveram de superar seu ceticismo. E os seus atos subsequentes corroboram a mudança que ocorreu em suas mentes. Agora eram pessoas transformadas. Não mais desiludidos ou intimidados, saíram do esconderijo, confrontaram as autoridades judaicas e proclamaram a Jesus e sua ressurreição com

toda ousadia, dispostos a correr o risco de serem presos e mortos. Nada pode explicar adequadamente essas coisas, a não ser que ele tenha de fato ressuscitado dos mortos.

Portanto, ele era mesmo o Filho de Deus, assim como era também filho de Maria. As provas históricas, tanto para a sua humanidade quanto para sua divindade, são definitivas. Além do mais, os Credos sabiamente afirmam essas duas verdades sobre ele sem tentar conciliá-las. “Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem”, diz o Credo de Atanásio; “Deus, gerado da substância do Pai antes dos séculos, e é homem, nascido, no mundo, da substância da mãe. Deus perfeito, homem perfeito.” Conseqüentemente, “duas naturezas completas e perfeitas, isto é, a Divindade e a Humanidade, foram fundidas em Uma Pessoa, nunca divididas, portanto um só Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem”.¹

A OBRA DE CRISTO, OU O QUE ELE FEZ

1 *A morte de Jesus*

Os Credos passam direto do nascimento de Jesus para a sua morte, da mãe que o gerou ao juiz que o condenou: “Nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi cru-

¹ Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana, Artigo 2.

cificado, morto e sepultado". A referência a Pilatos nos lembra que a crucificação foi um evento histórico, pois ele foi um procurador notório da província romana da Judéia, administrador eficiente mas impiedoso. Além disso, o salto imediato do nascimento para a morte de Jesus indica a centralidade desse evento. Não creio que seria exagero dizer que ele nasceu para morrer. Jesus vivia prevendo a sua morte, dizendo que esta seria inevitável² e referindo-se a ela como "a hora" para a qual ele tinha vindo ao mundo (ver, por exemplo, João 12.27). Quando, na sua última noite, ele instituiu uma ceia em sua memória, o pão e o vinho que deu aos discípulos falava, não de seu nascimento, nem de sua vida, nem dos seus ensinamentos ou dos seus milagres, mas de sua morte violenta em uma cruz. Era por isso, acima de tudo, que ele gostaria de ser lembrado. Todos os seus apóstolos vieram a entender que a sua morte era de importância primordial (1 Coríntios 15.3); e Paulo acrescentou que não se gloriaria nem pregaria nada além dela (1 Coríntios 2.2; Gálatas 6.14). Não é, pois, por acaso que o símbolo do cristianismo é uma cruz.

Então por que ele morreu? Os Credos não dizem o motivo, mas o Novo Testamento, sim; cita, aliás, diversos motivos. Jesus morreu como mártir (e isso redundaria em grandeza para ele mesmo), vítima de mentes pequenas e corações perversos (por exemplo, Atos 2.23; 3.23-15; 4.27). Ele morreu para nos dar um exemplo de como suportar sofrimento injusto sem retaliação (exemplo, 1 Pedro 2.21-23). Morreu para revelar o inesgotável e

² Marcos 8.32, por exemplo: "Começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse".

inextinguível amor de Deus (Romanos 5.8; 1 João 4.10). Morreu como uma representação viva de cada um de nós, para que, assim como ele morreu e ressuscitou, nós também morramos para o pecado e vivamos para a justiça (1 Pedro 2.24). Ou seja: ele morreu como mártir, como exemplo, como revelação e como substituto. Jamais devemos esquecer-nos desses motivos. Mas acima de tudo, ele morreu como Salvador. Foi “por amor de nós homens e para nossa salvação” que ele “desceu dos céus” (Credo Niceno) e entregou sua vida. De fato, os apóstolos sempre dizem que ele “morreu pelos nossos pecados”. O que eles querem dizer com isso deve ficar claro se considerarmos que a Bíblia, do começo ao fim, associa morte com pecado, do qual é a justa recompensa. “O salário do pecado é a morte” (Romanos 6.23). Portanto, se *ele* morreu pelos *nossos* pecados, isso deve significar que ele suportou em nosso lugar o castigo que os nossos pecados mereciam.

Consideremos duas afirmações do apóstolo Pedro. A primeira é que “Ele mesmo levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro” (1 Pedro 2.24). Já que em todo o Antigo Testamento “levar os pecados” significa “levar o castigo pelo pecado”, esta afirmação é auto-explicativa. A segunda é que “Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus” (1 Pedro 3.18). Aqui fica claro que o objetivo de Cristo era reconciliar-nos com Deus, enquanto o meio para isso foi a sua morte, o inocente no lugar dos culpados, para afastar os pecados que haviam previamente nos separado dele. A terrível escuridão que Jesus suportou na cruz ao ser desamparado por Deus foi o próprio inferno que os nossos pecados mereciam.

*Não dá para dizer e nem descrever
As dores que ele por nós padeceu.
Só podemos crer, sim, que foi por nós
Que ali pendurado ele tanto sofreu.*

*Morreu para dar-nos completo perdão,
Para tornar-nos bons padeceu.
Que salvos ao céu pudéssemos ir,
Seu sangue precioso verteu.*

*Jamais outro alguém seria tão bom
Que o preço pudesse pagar.
Somente Jesus, morrendo na cruz,
Ganhou-nos direito de entrar!*

Somente porque o Filho de Deus, que não tinha pecado, se “tornou pecado por nós” e “se tornou maldição em nosso lugar”, para citar duas das declarações mais surpreendentes de Paulo (2 Coríntios 5.21 e Gálatas 3.13), é que nós pecadores podemos ser perdoados. Na morte de seu Filho, e por meio dela, o próprio Deus assumiu a condenação pelos nossos pecados, tornando-se simultaneamente juiz e julgado, e assim satisfazendo perfeitamente tanto a sua justiça como o seu amor, para nos oferecer o perdão gratuito. Não é de admirar que o Credo Apostólico termine com uma referência à “remissão dos pecados”, à “ressurreição do corpo” e à “vida eterna”, pois esses são os “benefícios da paixão”, as

bênçãos que Cristo conquistou para nós através de sua morte. Nós iremos cantar com os anjos por toda a eternidade: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” (Apocalipse 5.12).

Mas o Credo não termina com Cristo na cruz. Ele vai mais além e menciona, numa rápida seqüência, cinco outros eventos de sua carreira salvífica.

2 *A descida, ressurreição e ascensão de Jesus*

Primeiro, ele “desceu ao inferno”. Esta afirmação tem intrigado gerações de crentes, porque eles pensam em “inferno” como “*gehena*”, o lugar da punição. Mas a palavra “inferno” é na verdade uma tradução do grego “*hadēs*”, que significa simplesmente “o lugar dos espíritos que partiram” ou “a morada dos mortos”. É por isso que no Novo Testamento geralmente as palavras “morte” e “Hades” aparecem associadas (ver Apocalipse 1.18; 20.13-14) como o evento em si e o lugar para onde ele conduz. Nas versões modernas do Credo Apostólico, esta afirmação foi substituída por “desceu ao mundo dos mortos”. A razão pela qual tal cláusula foi acrescentada ao Credo é para mostrar que Jesus, depois da morte e enterro de seu corpo, foi em espírito ao outro mundo (até a sua ressurreição no dia da Páscoa). Ele fez isso, em parte para anunciar a grande vitória que havia conquistado na cruz, e em parte para nos assegurar que agora ele já havia passado por todas as experiências que fazem parte de nossa humanidade, inclusive a morte e o Hades, que não deveriam, portanto, nos amedrontar.

Segundo, “no terceiro dia ressuscitou dos mortos”. Assim como a cláusula “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos” testifica da historicidade da morte de Jesus, assim também a cláusula “no terceiro dia” testemunha da historicidade de sua ressurreição. Foi um evento definido e que pode ser datado. A alma e o corpo de Jesus, que haviam se separado na sua morte (enquanto seu corpo permanecia no túmulo, sua alma foi ao *hadēs*), juntaram-se de novo e ele foi gloriosamente transformado. Tornou-se evidente que havia tanto continuidade quanto descontinuidade entre o seu corpo terreno e o corpo ressurreto. O seu novo corpo era o mesmo que o antigo (sua fisionomia, suas cicatrizes e a voz foram reconhecidos), porém maravilhosamente diferente: possuía novos poderes, aparecia e desaparecia, materializava-se e atravessava portas fechadas. Assim, não obstante todas as negações apresentadas aqui e ali, nós insistimos em afirmar que “ressurreição”, aqui, significa “ressurreição do corpo”: (1) por causa do testemunho dos evangelistas de que o túmulo estava vazio; (2) porque, se a tradição apostólica afirma que Jesus “morreu . . . foi sepultado . . . ressuscitou . . . e apareceu” (1 Coríntios 15.3-5), deduz-se que o que “ressuscitou” é aquilo que “foi sepultado”, isto é, seu corpo; e (3) porque o corpo ressuscitado de Jesus era e é o primeiro pedaço do universo material que foi redimido, e é portanto o começo e a garantia da nova criação de Deus.

Terceiro, ele “subiu ao céu”. Não há necessidade de ficarmos envergonhados com essa história de ascensão. Lucas certamente acreditava nela como sendo um evento histórico, pois ele enfatiza que houve testemunhas oculares do acontecimento (Atos

1.9-11). Nem deveríamos nos deixar influenciar pelas gozações daqueles que fazem questão de ridicularizar o fato dizendo que a ascensão de Jesus foi a primeira “decolagem” e Jesus o primeiro “astronauta”. Afinal, Jesus poderia muito bem ter “ido para o Pai” invisível e em secreto. Ele já não havia desaparecido diversas vezes, no decorrer dos quarenta dias entre sua ressurreição e sua ascensão? A razão pela qual ele partiu visivelmente e em público foi para convencer seus apóstolos de que agora estava indo definitivamente. Eles deveriam esperar, não pela sua reaparição, mas pela vinda do Espírito Santo.

3 *A exaltação e a volta de Jesus*

Quarto, ele “está sentado à direita de Deus Pai”. Isso é clara e certamente uma afirmação metafórica, tanto quanto são históricas as referências à morte, descida, ressurreição e ascensão de Jesus. Aliás, nem é uma metáfora difícil de interpretar. Quando o rei Salomão concedeu uma audiência a Bate-Seba, ele “mandou que trouxessem um trono para a sua mãe, e ela se assentou à sua direita” (1 Reis 2.19). Em virtualmente todas as culturas, assentar-se à direita significa ocupar um lugar de honra. Além disso, como vimos anteriormente, Jesus está “sentado” lá porque está descansando da obra que ele já concluiu. Os sacerdotes ficavam em pé no templo; não havia ali nenhuma cadeira para eles porque a eles cabia oferecer os sacrifícios – e este era um trabalho que nunca se encerrava. Dia após dia, semana após semana, mês após mês e ano após ano eles ofereciam “os mesmos sacrifícios, que

nunca podem remover os pecados”. “Mas quando este sacerdote (Jesus) acabou de oferecer, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à direita de Deus” (Hebreus 10.11-12). Agora ele espera até que sua vitória seja universalmente reconhecida e seus inimigos sejam colocados debaixo de seus pés (Salmo 110.1).

Quinto, ele “virá para julgar os vivos e os mortos”. A razão pela qual cremos que Jesus Cristo voltará é que ele o disse (Marcos 14.26). Muitos sustentam que ele esperava que sua *parousia* (“vinda”) acontecesse antes de seus contemporâneos morrerem, e que ele estava errado. Mas já que ele confessou que nem ele mesmo sabia a data de seu retorno (Marcos 13.32), é extremamente improvável que tenha ensinado quando isso ocorreria. O que ele certamente pretendia com suas predições urgentes era persuadir os seus seguidores a “vigiar”, porque eles não sabiam quando essa volta iria acontecer (Marcos 13.33-37). Ao esperarmos a parusia, não deveríamos “desmitificá-la” (negando que seja um evento na história) nem “enfeitá-la” (dando-lhe uns retoques com nossas fantasias e especulações). Pelo contrário, devemos ser sábios e humildes e reconhecer que muita coisa permanecerá sendo um mistério e cuidar para não irmos além daquilo que ensina a Escritura. Sem dogmatizar detalhes, podemos pelo menos afirmar que a volta do Senhor será pessoal (“este mesmo Jesus”, “o próprio Senhor” – Atos 1.11; 1 Tessalonicenses 4.16), visível (“todo olho o verá” – Apocalipse 1.7), universal e inquestionável (“como o relâmpago” – Lucas 17.24) e gloriosa (“na majestade do seu poder” – 2 Tessalonicenses 1.9). “Ele virá em glória”, diz o Credo Niceno; a

sua segunda vinda será tão espetacular quanto a primeira foi humilde e obscura.

O principal propósito de sua vinda será conceder aos seus o poderem desfrutar todas as bênçãos restantes da salvação que ele conquistou para eles. Ele irá ressuscitá-los da morte, dando-lhes corpos novos e gloriosos como o seu (Filipenses 3.21), e finalmente os levará para os “novos céus e nova terra, onde habita justa” (2 Pedro 3.13) como havia prometido. Mas o Credo enfoca o segundo propósito da vinda de Cristo, que é o de julgar. Ele havia afirmado que o Pai “confiou todo julgamento ao Filho” (João 5.22, 27); e os seus apóstolos declararam que Deus já havia o apontado juiz e estabelecido o dia desse julgamento (Atos 10.42; 17.31). Então aqueles que se recusaram a arrepender-se e a crer sofrerão o terrível destino “da destruição eterna, a separação da presença do Senhor” (2 Tessalonicenses 1.9), enquanto aqueles que se apressaram a buscar em Jesus o perdão de seus pecados e na sua presença se refugiaram da ira de Deus herdarão o “seu reino”, que “não terá fim” (Credo Niceno).

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 5

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Como você responderia a alguém que dissesse: “Jesus foi obviamente um grande mestre religioso, mas não consigo acreditar que ele tenha sido o Filho de Deus”?
2. Hoje há líderes de igreja que dizem que não é necessário acreditar que o nascimento virginal de Jesus, sua ressurreição corporal ou sua ascensão aos céus aconteceram de fato. Você concorda ou discorda? Por quê?
3. O que Jesus está fazendo agora?

Promessa

A presença constante de Cristo – Mateus 28.20 e Hebreus 13.5-6

Oração

Que Deus lhe dê uma firme convicção quanto à Trindade.

(Oração nº 8, página 237)

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

Filipenses 2.5-11

Estudo em grupo

Escolham para cantar alguns de seus hinos e músicas prediletos acerca de Jesus. Compartilhem: “O que me toca particularmente neste hino é...”

Resposta

Uma das orações cristãs mais antigas do mundo é a chamada “Oração de Jesus”, baseada em algumas palavras tiradas de uma de suas parábolas:

Senhor Jesus Cristo,

Filho de Deus,

Tem piedade de mim, pecador.

Repita esta oração em silêncio, várias vezes, deixando que Jesus lhe traga à memória e perdoe qualquer pecado não confessado.

Confirmação

Você adora a Jesus como Deus na sua mente e em toda a sua vida?

LEITURA RECOMENDADA:

A CRUZ DE CRISTO – John R. W. Stott – ABU Editora

POR QUE JESUS? – Nicky Gumbel, 50 pp. – Encontro Publicações

CONHECENDO A JESUS – John Aamot, 68 pp. – Encontro Publicações

Eu me lembro de ter lido, faz alguns anos, o caso de um chinês que queria entender a fé cristã mas estava muito intrigado com a questão do Espírito Santo. Ainda mais depois de ter lido como no batismo de Jesus o Espírito desceu sobre ele como uma pomba. “O Pai eu entendo”, dizia ele; “e seu Filho Jesus Cristo, também. Mas, e esse pássaro sagrado, quem é?” Não é difícil simpatizar com a confusão desse pobre homem! E depois, essa história de “espírito” também não ajuda. As pessoas associam a idéia do Espírito Santo a uma espécie de fantasma ou a espíritos malignos e acabam ficando com medo, ou então não o levam a sério.

Outra razão pela qual é difícil entender o Espírito Santo é que ele é um Espírito “tímido” e reservado. Ao contrário de nós, ele não gosta de aparecer nem de ser bajulado. Publicidade demais o constrange. Em vez disso, o seu principal ministério consiste em testificar a respeito do Pai e do Filho. É ele que nos faz dizer em oração “*Aba, Pai*” e é ele quem nos capacita a confessar “Jesus é Senhor” (Romanos 8.15; 1 Coríntios 12.3). De fato, já descreveram o seu papel como “um ministério de holofote em relação ao

Senhor Jesus Cristo... Quando uma iluminação é bem feita, os projetores são colocados de tal forma que eles não aparecem... o que se vê é apenas o prédio para onde estão voltados os holofotes". Então o Espírito Santo é "o holofote oculto que ilumina o Salvador".¹

A primeira verdade que precisamos afirmar a respeito do Espírito Santo é que ele é Deus, a terceira pessoa da Trindade. Ele é, portanto, eterno. Ele também participou no ato da criação e compartilha de sua renovação (Gênesis 1.2; Salmo 104.30).

Assim como Deus, ele é onipresente, de modo que o salmista se pergunta: "Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?" (Salmo 139.7). Mentir a ele é mentir a Deus (Atos 5.3-4, 9) e blasfemar contra ele (Marcos 3.29) é desafiar descaradamente o que sabemos ser verdadeiro. Como foi enviado tanto pelo Pai quanto pelo Filho (João 14.16; 16.17), ele é chamado igualmente de "o Espírito de Deus" e "o Espírito de Cristo". Mais do que isso, Jesus se refere a ele como aquele que veio "da parte do Pai" (João 15.26), isto é, aquele cujo ser divino provém eternamente do Pai. O Credo Niceno acrescenta que ele procede também "do Filho". Esta cláusula do Credo, a assim chamada *Filioque*, foi muito debatida e acabou se tornando uma das grandes causas do cisma entre as igrejas Ocidental e Oriental em 1054. Ela certamente não possui embasamento bíblico claro. Mesmo assim, todos concordam com a afirmação do Credo Niceno de que o Espírito Santo é "o Senhor" (cf. 2 Coríntios 3.17-18) que "juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado". De fato, a mesma honra é devida a

cada pessoa da Trindade. O Credo de Atanásio coloca a questão com muita clareza: “Uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade... Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus. E todavia não há três Deuses, porém um único Deus”.

O ESPÍRITO SANTO É UMA PESSOA

O Espírito Santo, que é Deus, é também uma pessoa. Muitos cristãos têm dificuldade de entender isso, uma vez que o Espírito Santo nunca teve corpo, nem nunca terá. Mas pode-se ser uma pessoa sem estar em forma corpórea. Nós mesmos, durante o ínterim entre a morte e a ressurreição, seremos espíritos sem corpo; mas não deixaremos de ser pessoas.

Existem duas razões principais para acreditarmos que o Espírito Santo é uma pessoa. A primeira é que no grego utilizado no Evangelho de João Jesus aparece referindo-se cinco vezes ao Espírito Santo com o enfático pronome *ekeinos*, “ele” (João 14.26; 15.26; 16.8, 13-14). Isto é ainda mais surpreendente considerando-se que aqui o masculino “ele” está em oposição ao substantivo neutro *pneuma*, “Espírito”. Assim a teologia triunfa sobre a gramática! O Espírito Santo não é uma influência vaga e indefinível, ou um “aquilo” qualquer, mas uma pessoa real.

O segundo motivo é que Jesus e seus apóstolos falavam no Espírito Santo como alguém que é dotado de mente, sentimentos e vontade, que são comumente reconhecidos como os três aspectos que constituem a personalidade. Paulo escreve sobre a “intenção do Espírito” (Romanos 8.27) e refere-se a ele como alguém que busca, ensina, testemunha e fala; tudo isso é impossível se não houver uma mente. Outra coisa que deixa claro que o Espírito também tem sentimentos é a advertência para “não entristecê-lo” (Efésios 4.30). Esse verbo grego ocorre quarenta e duas vezes no Novo Testamento, e em todas as ocasiões se refere a pessoas. Somente pessoas podem sentir pesar. Além disso, o Espírito Santo é dotado de vontade, pois ele distribui dons a cada crente “como quer” (1 Coríntios 12.11). Já que ele pode pensar, ficar triste e tomar decisões, isso nos leva a concluir que ele é totalmente pessoal.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

Durante o jantar, na última noite que passou com os Doze, Jesus os surpreendeu dizendo: “É para o bem de vocês que eu vou. Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei” (João 16.7). Em que sentido o ministério do Espírito poderia ser melhor do que o do Filho? Isso pode acontecer de duas formas. Primeiro, o Espírito Santo *universaliza* a presença de Jesus. Na terra os discípulos não podiam gozar de comunhão ininterrupta com seu Mestre, pois enquanto eles estavam na Galiléia ele bem podia estar em Jerusalém, ou vice-versa. Sua pre-

sença era limitada a um lugar de cada vez. Mas agora não é mais assim. Através do seu Espírito Santo, Jesus está conosco em todo lugar, e sempre. Segundo, o Espírito Santo *internaliza* a presença de Jesus. Ele disse aos seus discípulos: “Vocês o conhecem [o Espírito da verdade, o Conselheiro], pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês” (João 14.17-18). Na terra Jesus estava com eles e podia ensiná-los, mas não podia entrar na personalidade deles e mudá-los a partir de dentro. Agora, no entanto, através do seu Espírito Santo, Cristo mora nos nossos corações pela fé (Efésios 3.16-17) e ali faz a sua obra transformadora.

Às vezes o Espírito Santo é chamado de “o executivo da Trindade”, porque o que o Pai e o Filho querem fazer no mundo e na igreja hoje, executam através dele. Os Credos não nos falam muito sobre essa atuação do Espírito, mas ela é descrita plenamente nos documentos do Novo Testamento. Vamos considerar aqui sete áreas de seu ministério.

1 *A conversão do cristão*

A experiência da conversão é, do princípio ao fim, obra do Espírito Santo. Um dos títulos dados a ele é “o Espírito da graça” (Hebreus 10.29) porque, assim como o Pai e o Filho, ele anseia pela salvação dos pecadores com uma compaixão tal que nenhum de nós merece. Sem a sua influência graciosa, ninguém jamais chegaria a Cristo.

Ele começa convencendo o mundo “do pecado, da justiça e do juízo” (João 16.8-10). Cada vez que sentimos uma fisgada na consciência ou uma pontada de culpa, toda vez que nos vem uma sensação de alienação de Deus ou um anseio de reconciliação, ou quando nos apavora o temor quanto ao juízo vindouro, tudo isso é provocado por ele. Em seguida ele abre nossos olhos para enxergarmos a verdade, a glória e o poder salvador de Jesus. De fato, o seu ministério característico em nossos dias consiste em testemunhar de Jesus Cristo (João 15.26). É verdade que nós também somos chamados a ser testemunhas de Jesus; nosso testemunho, porém, é sempre secundário. O Espírito Santo é a testemunha principal, e sem o seu testemunho o nosso seria fútil. Depois de mostrar os nossos pecados e apontar-nos o nosso Salvador, o Espírito Santo nos leva a arrepender-nos e a crer, e assim experimentar o novo nascimento. Pois nascer de novo é ser “nascido do Espírito” (João 3.6-8). É ele que dá vida àqueles que antes estavam mortos na sua transgressão e pecado (Efésios 2.1-5). O Credo Niceno o chama, e com justiça, de “Senhor Vivificador”.

2 *A segurança do cristão*

O Espírito Santo habita naqueles que regenerou, e a sua presença dentro de nós é o “selo” de Deus que indica que agora somos dele (2 Coríntios 1.22; Efésios 1.13; 4.30). Já quem “não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo” (Romanos 8.9). Além de ser um sinal objetivo de que pertencemos a Deus, o Espírito que habita em nós nos dá com isso a garantia do amor e da

paternidade de Deus (Romanos 5.5; 8.16). Mas tem mais uma coisa: além de ser um selo que atesta os nossos privilégios presentes, o Espírito é também a garantia da nossa herança futura (2 Coríntios 1.22; Efésios 1.14). A palavra grega para “garantia” é *arrabōn*, cujo equivalente no grego moderno é utilizado para designar o selo do compromisso, a aliança de casamento. Na Grécia do século primeiro, no entanto, a palavra era usada nas transações comerciais para referir-se a um depósito ou pagamento antecipado. É como se Deus, ao nos dar o Espírito, nos entregasse “a primeira prestação” de nossa salvação e com isso a garantia de que todo o resto chegará às nossas mãos no seu devido tempo.

Essas três imagens – o selo (que assegura a propriedade), o testemunho (que dá a confiança interior) e a garantia (que é o penhor da herança final) – todas ilustram aspectos da obra do Espírito Santo, proporcionando segurança ao povo de Deus.

Talvez este seja o melhor lugar para eu dizer algo a respeito do assim chamado “batismo do (ou com o, ou no) Espírito Santo”. O ensinamento das igrejas pentecostais, bem como de muitos que pertencem aos movimentos carismáticos ou neopentecostais, é que quando cremos nós recebemos o “dom” do Espírito, mas que depois precisamos de uma outra experiência, chamada de “batismo do Espírito Santo”, geralmente evidenciado por “falar em línguas”. O que o Novo Testamento ensina, no entanto, não é um estereótipo de duas etapas, mas sim que à bênção inicial do novo nascimento pelo Espírito segue-se um processo de crescimento rumo à maturidade, durante o qual nós podemos de fato ser agraçados por Deus com muitas experiências mais ricas e mais pro-

fundas. Estas geralmente trazem uma nova percepção da realidade de Deus e uma consciência muito mais viva de seu amor. Mas elas não deveriam ser chamadas de “batismo do Espírito”. A expressão “ser batizado com o Espírito” ocorre apenas sete vezes no Novo Testamento, seis das quais citando as palavras de João Batista “eu batizo com água, mas ele batizará com o Espírito”, uma promessa que se cumpriu no Dia de Pentecostes. A sétima (1 Coríntios 12.13) enfatiza que todos nós fomos “batizados” com o Espírito e nos foi dado “beber” do Espírito – duas formas de ilustrar o fato de o termos recebido.

3 *A santidade do cristão*

A vida cristã é uma vida santa porque o nosso Deus é um Deus santo. É impossível ler a Bíblia e não considerar isso. Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento Deus desafia o seu povo: “Sejam santos, porque eu sou santo”.² Nós lemos que Deus o Pai “nos escolheu ...antes da criação do mundo, para sermos santos” (Efésios 1.4). O Senhor Jesus “se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras” (Tito 2.14). Além disso, é porque Deus nos chama a viver “para a santidade” que ele nos deu “o seu Espírito Santo” (1 Tessalonicenses 4.7-8). Portanto, cada uma das pessoas da Trindade tem uma forma ativa de colaborar para a nossa santidade.

Mas é especialmente o Espírito Santo, como seu nome indica, que tem o compromisso de promover a santidade no povo

de Deus. O seu ministério consiste não apenas em mostrar Cristo a nós, mas também em formar Cristo em nós. E isso ele faz penetrando profundamente nos recônditos ocultos de nossa personalidade. O ensino, o exemplo e a exortação são todos importantes, mas não são substitutos para a força interior. Somente o Espírito pode controlar o mal e cultivar o bem dentro de nós. Mas isso não significa que nós não tenhamos parte no processo. No conflito entre “a carne” (nossa natureza caída) e “o Espírito” (o Espírito Santo que habita em nós), que Paulo descreve, ele nos exorta a tomarmos a atitude certa em relação aos dois. Por um lado, “os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos”. Isto é, nós devemos ser inflexíveis na nossa rejeição a tudo o que sabemos ser errado (Gálatas 5.24). Por outro lado, devemos “viver pelo Espírito”, ser “guiados pelo Espírito”, e “andar pelo Espírito”, submetendo-nos diariamente ao seu senhorio e seguindo os seus desejos (Gálatas 5.16, 18, 25).

4 *A compreensão cristã*

Um dos títulos preferidos de Jesus para o Espírito Santo era “o Espírito da verdade” (João 14.17; 15.26; 16.13). Isso deixa claro que o Espírito Santo acredita, ama, defende e ensina a verdade, e que o cristão que está cheio do Espírito compartilha dessas preocupações.

O seu compromisso com a verdade é visto em primeiro lugar e acima de tudo no fato de ter inspirado as Escrituras. Há no Credo Niceno uma expressão muito significativa: ele “falou pelos

profetas”. No capítulo 8 falaremos mais sobre a Bíblia; por enquanto, vamos ressaltar o que diz o Credo. Os profetas foram veículos da revelação do Espírito Santo. Por meio deles ele falou de tal forma que as suas palavras eram verdadeiramente expressão do próprio Espírito de Deus. De acordo com o autor de Hebreus, “Deus falou . . . por meio dos profetas” (Hebreus 1.1). De acordo com Pedro, “homens falaram da parte de Deus” (2 Pedro 1.21). Assim, Deus falou e homens falaram. Os dois fatos são verdadeiros. É nisso que consiste a dupla autoria da Escritura. Não devemos afirmar nenhum dos dois de forma a contradizer o outro. Além disso, o que é verdade com respeito aos profetas do Antigo Testamento é igualmente verdade em relação aos apóstolos do Novo Testamento, a quem Jesus “enviou” para pregar e ensinar, assim como Deus “enviou” os seus profetas para falar a Israel. E Jesus prometeu aos seus apóstolos o mesmo ministério do Espírito Santo que os profetas possuíam: “...Ihes ensinará todas as coisas... ele os guiará a toda verdade” (João 14.26; 16.13).

Assim como o Espírito Santo é o autor principal da Escritura, ele é também o seu principal intérprete. Na verdade, a história da igreja é a história de como o Espírito Santo conduziu o seu povo (apesar de alguns lapsos lamentáveis de nossa parte) rumo a uma compreensão cada vez maior do significado e da aplicação da Bíblia. E embora na comunidade cristã precisemos da ajuda uns dos outros para proteger-nos das nossas próprias interpretações culturalmente limitadas e distorcidas, o fato é que temos também o privilégio de ler a Bíblia por nossa própria conta. É isso que os Reformadores chamavam de “o direito ao juízo privado”.

Ao mesmo tempo, porém, devemos implorar humildemente ao Espírito Santo que nos ilumine. Caso contrário, a nossa leitura vai se degenerar e transformar-se em uma rotina sem o menor significado. Isso eu sei de experiência própria. Cresci lendo a Bíblia todo dia, mas isso para mim era uma obrigação, uma tarefa chata e entediante. Depois que abri a porta da minha vida para Cristo, no entanto, a Bíblia se tornou de imediato um novo livro para mim. Não que agora eu entendesse tudo – é claro que não. Mas agora ela falava comigo. Isto é, Deus falava comigo através dela. É bom e necessário, portanto, orar antes de lê-la: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Salmo 119.18). Você alguma vez já tentou olhar as horas em um relógio solar num dia nublado? Não se consegue – é impossível. Tudo o que se consegue ver são os números ou os símbolos, mas sem mensagem alguma. Agora, quando o sol aparece e brilha sobre o ponteiro, imediatamente enxergamos para onde ele está apontando e entendemos a mensagem. É exatamente o que acontece com as Escrituras e o Espírito Santo.

5 *A comunhão cristã*

Nossa compreensão do ministério do Espírito Santo é muitas vezes individualista demais. Mesmo neste capítulo, até agora nos concentramos em como ele age em cada cristão por meio da sua conversão, certeza, santidade e compreensão. Mas agora notamos que no Credo Apostólico dizemos que cremos “no Espírito Santo” e “na santa igreja católica” (ou “universal”), porque o Espí-

rito Santo é o criador da igreja. Para sermos precisos, não é bem correto dizer que a igreja nasceu no Dia de Pentecostes, como algumas pessoas afirmam. Afinal, a igreja como povo de Deus já existia, pelo menos desde a aliança de Deus com Abraão, uns dois mil anos antes de Cristo. O que aconteceu no Pentecostes foi que o remanescente do povo de Deus se transformou no corpo de Cristo, agora cheio do Espírito Santo.

A igreja de Cristo é essencialmente uma comunidade, uma *Koinōnia*, que é uma palavra que expressa aquilo que temos em comum (*koinos*) como povo de Deus. De fato, trata-se essencialmente da comunidade do Espírito, pois o que nos une é a nossa participação comum no Espírito. Se ele habita em você e em mim, a sua presença em nós nos fez um. Pode ser que nunca tenhamos nos encontrado antes, ou sequer ouvido falar um do outro; mas o Espírito Santo nos uniu. “Há um só corpo e um só Espírito”, escreveu Paulo (Efésios 4.4). Ele poderia ter dito “há um só corpo *porque* há um só Espírito”, já que é esse único Espírito que cria e mobiliza o único corpo que é o corpo de Cristo.

Então, em determinado sentido, a igreja não é dividida, e não pode ser. Nem mesmo as nossas divisões externas a separam, já que o Espírito que é único habita nela. Os ancoradouros de um porto podem dividi-lo em diversos setores, fazendo com que os navios e os barcos fiquem separados um do outro; mas o mar que sobe e desce por baixo deles é o mesmo. As nossas denominações, que são criação humana, também nos separam externa e visivelmente, mas por dentro e invisivelmente a maré do Espírito conti-

nua nos unindo. O Credo Niceno caracteriza a igreja como “uma”, “santa”, “católica” e “apostólica”, que são as quatro “marcas” ou “distinções” clássicas da igreja. E elas são verdadeiras. A igreja é *uma* e é *santa*, porque o Espírito Santo a uniu e a santificou, separando-a para pertencer a Deus, mesmo que na prática ela esteja muitas vezes desunida e não seja nada santa. E, da mesma forma, ela é *católica* (porque abraça todos os crentes e toda a verdade) e *apostólica* (porque afirma os ensinamentos dos apóstolos e se envolve na missão), mesmo que na prática ela muitas vezes negue a fé que deveria professar e a missão que deveria buscar.

Ao mesmo tempo, não devemos nos refugiar na afirmação de que a igreja é “uma, santa, católica e apostólica” como uma desculpa para consentir na sua desunião, impureza, sectarismo e inatividade. Pelo contrário, nossa visão do ideal deveria inspirar-nos a buscar uma aproximação mais próxima da realidade que afirmamos. Ao buscarmos isso, deveríamos também ter em mente a “comunhão dos santos”, que o Credo menciona a seguir. Isso significa que a igreja militante na terra e a igreja triunfante no céu, mesmo que não possam ter comunhão ativa uma com a outra, ainda assim estão unidas pelo Espírito, especialmente quando o nosso louvor se encontra com o deles.

6 O serviço cristão

O Espírito Santo se ocupa, não só em unir, mas também em “edificar” ou construir a igreja. Para tanto ele concede aos membros da igreja uma variedade de dons. Paulo explica isso des-

crevendo a igreja como sendo “um corpo”: o corpo de Cristo. Do mesmo modo que o corpo humano é um mas possui muitos membros diferentes (membros e órgãos), cada um com uma função diferente, diz o apóstolo, assim também o corpo de Cristo é um mas seus membros foram dotados de diferentes dons. É importante distinguir entre “o dom” do Espírito (isto é, o Espírito Santo em si, que foi dado a nós) e “os dons” do Espírito (isto é, as aptidões que ele concede àqueles que crêem nele). O mesmo “dom” – o Espírito – é dado a todos e traz unidade à igreja; os diferentes “dons” são distribuídos entre todos e são eles que conferem diversidade à igreja.

É comum surgirem várias perguntas com referência aos dons do Espírito, ou *charismata*. Primeiro, o que são eles? Existem quatro listas desses dons no Novo Testamento³, perfazendo cerca de vinte e um. Mas essas listas são elaboradas de forma tão aleatória que parecem mais uma seleção de dados do que uma listagem completa. Provavelmente existam muito mais dons que não são citados. Alguns são sobrenaturais (por exemplo, operar milagres – 1 Coríntios 12.10, 28), mas outros não, e são até bastante “mundanos” (por exemplo, o dom de administração, citado em 1 Coríntios 12.28, ou os de contribuir, liderar e exercer misericórdia, em Romanos 12.8). Alguns parecem ser habilidades naturais que são intensificadas e cristianizadas.

Outra pergunta é, qual o seu propósito? Eles são dons de serviço. Cada uma das quatro listas fala que eles são dados com o fim de promover o bem comum, de modo que através do seu uso a igreja seja edificada e cresça em maturidade.

Em terceiro lugar, quais são os dons mais importantes? Já que eles são dados para edificar a igreja, nós devemos avaliá-los de acordo com o grau em que isso acontece. Por esse critério, parece-me que, se há algo que deveríamos enfatizar, são os dons de ensino, pois nada nutre mais a igreja do que a verdade. Sejam quais forem os nossos dons (e o que os referidos textos dão a entender é que cada membro do corpo de Cristo possui pelo menos um), não devemos nem depreciar o nosso dom e ter inveja uns dos outros, nem desprezar os dons de outras pessoas gabando-nos dos nossos (1 Coríntios 12.14-26). Seremos poupados dessas atitudes tolas e equivocadas, e especialmente de qualquer ênfase exagerada nos dons sobrenaturais mais espetaculares, se estivermos cheios do amor de Cristo, em comparação ao qual todos os dons não valem nada (1 Coríntios 13).

7 *A missão do cristão*

O mesmo Espírito Santo que santifica, une e edifica a igreja empenha-se também em evangelizar o mundo. Afinal, ele é essencialmente um Espírito missionário. Isso fica claro no ensinamento de Jesus. Um dia ele prometeu que “rios de água viva” fluiriam do interior de cada crente, e João esclarece que com isso ele estava se referindo ao Espírito Santo (João 7.38-39). A respeito deste versículo William Temple comenta: “Ninguém pode possuir o Espírito de Deus (ou melhor, ser habitado por ele) e ficar com ele para si mesmo. Onde quer que o Espírito esteja, ele flui adiante; se ele não jorrar livremente é porque não está lá”.

O que Jesus ensinou neste versículo está abundantemente ilustrado no livro de Atos, no qual vemos primeiro o Espírito sendo derramado no Dia de Pentecostes e depois o vemos impelir o seu povo para testemunhar, avançando em círculos cada vez maiores, a começar de Jerusalém, a capital do mundo judeu, e terminando em Roma, a capital do mundo da época. “O livro de Atos é estritamente um livro missionário”, escreveu Rolland Allen, um notável missionário anglicano. “Não há como não chegar à conclusão de que o Espírito que foi dado . . . era de fato um Espírito missionário”.⁴ Isso, ele continua, é “o grande, fundamental e inconfundível ensinamento desse livro”.⁵ Portanto, nós também “devemos ser missionários . . . a não ser que estejamos prontos a negar o Espírito Santo de Cristo tal como revelado em Atos”.⁶

Agora, eu não acho que Rolland Allen quis dizer que todos os cristãos devam ser missionários transculturais no sentido técnico, profissional, embora com certeza este seja um chamado nobre e grandioso para alguns. Na minha opinião, o que ele está dizendo é que nós somos chamados a ser testemunhas de Jesus Cristo – em casa, no serviço, entre nossos amigos e vizinhos – e que para essa tarefa o poder do Espírito Santo é indispensável (Atos 1.8). A nossa igreja local também deve estar comprometida com a missão, tanto com a missão local, procurando atingir aqueles que vivem ao seu redor, como com a missão global, apoiando financeiramente e com suas orações a tarefa evangelística da igreja pelo mundo afora.

Muitos cristãos se eximem da responsabilidade de testemunhar por serem, por natureza, tímidos e reservados. Mas o Es-

pírito Santo pode nos dar coragem. Ele capacitou pescadores tímidos e iletrados a falar com ousadia acerca de Jesus (Atos 4.13, 31). Paulo teve a mesma experiência. Embora fosse dotado de um poderoso intelecto, diz a tradição que ele era baixinho e feio, e os seus críticos o menosprezavam dizendo que era uma pessoa inexpressiva, tanto em personalidade quanto no discurso (2 Coríntios 10.10). Ele mesmo diz que da primeira vez que foi a Corinto chegou “com fraqueza, temor e com muito tremor” (1 Coríntios 2.3). Por isso mesmo não podia confiar na eloquência de seu discurso, nem na sabedoria humana, mas dependia inteiramente da “demonstração do poder do Espírito” (1 Coríntios 2.4). Isto quer dizer que o Espírito Santo pegava as suas palavras ditas em fraqueza humana e fazia-as chegar com grande poder à mente, ao coração, à consciência e à vontade dos seus ouvintes.

O maior risco em toda forma de evangelismo é que nós dependamos das coisas erradas. Queremos ser testemunhas fiéis de Jesus Cristo? Então temos que ter seu poder. Queremos esse poder? Então precisamos ter seu Espírito.

Se há uma necessidade enorme na igreja hoje, é a de sermos cheios do Espírito Santo (Efésios 5.18). Nós precisamos dele, não apenas para levar-nos à conversão e à certeza, nem somente para nos santificar, iluminar, unir e capacitar, mas também para que o mundo alienado seja abençoado através de nós, como rios de água viva que irrigam o deserto.

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 6

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Se alguém que se converteu há pouco tempo lhe dissesse que “não entende essa questão do Espírito Santo”, como você lhe responderia?

2. Considerando as áreas específicas abordadas neste capítulo, até que ponto você está ciente de que o Espírito Santo está agindo:

- na vida de sua igreja?

- na sua própria vida?

Como você poderia contribuir para fortalecer as áreas fracas?

Promessa

Ajudar os outros – João 7.38-39

Oração

Nº 8 na p. 237 – Continue orando por uma fé convicta na Trindade

LEITURA RECOMENDADA:

VEM, ESPÍRITO SANTO, VEM! – Martin Weingaertner, 48 pp. – Encontro Publicações.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

Gálatas 5.16-26

Estudo em grupo

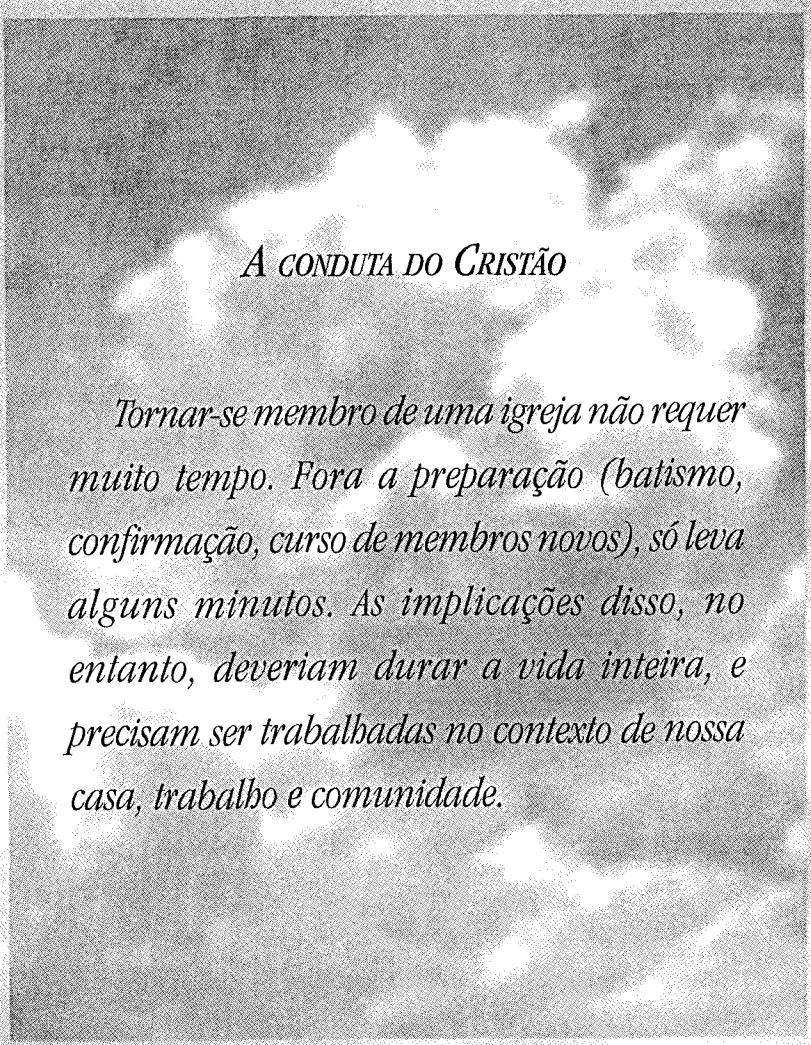
Cada um deve fazer uma lista dos nomes dos outros participantes do grupo e então, ao lado de cada nome, escrever (sem mostrar) uma das qualidades mencionadas na lista dos “frutos do Espírito” (Gálatas 5.22-23) que percebe claramente nessa pessoa. Quando todos estiverem prontos, cada um ouvirá em silêncio qual é a qualidade que, na percepção de cada um dos outros, o Espírito Santo está desenvolvendo em sua vida; e responderá com um simples “obrigado”. Depois que todos terminarem, dêem um tempo para que cada um agradeça a Deus, em silêncio, por estar refinando o seu caráter de maneira que os outros possam ver, mesmo quando não se está ciente disso.

Resposta

Expresse o seu louvor a Deus pelo seu Espírito Santo. Faça isso de alguma maneira que seja significativa para você: escrevendo uma oração, ou uma poesia, desenhando uma figura, cantando ou compondo uma música...

Verificação

Você pede a Deus todos os dias que o encha com seu Espírito?



A CONDUTA DO CRISTÃO

Tornar-se membro de uma igreja não requer muito tempo. Fora a preparação (batismo, confirmação, curso de membros novos), só leva alguns minutos. As implicações disso, no entanto, deveriam durar a vida inteira, e precisam ser trabalhadas no contexto de nossa casa, trabalho e comunidade.

Agora, que vimos em que o cristão crê, vamos considerar a sua conduta. Neste capítulo trataremos especificamente dos princípios que devem reger a vida dos seguidores de Cristo. Isso nos confronta de imediato com o conflito existente entre o procedimento do cristão e a forma como o mundo se comporta.

Nos dias de hoje o mundo redefiniu e relativizou tanto o bem como o mal. Quer se trate de ética do trabalho ou do respeito pela santidade da vida humana, de sexo, casa e família, ou da sede de consumismo, os limites daquilo que é aceitável estão sendo constantemente expandidos. O que está acontecendo em muitos países ocidentais é uma evidência disso: uma vez abandonada a fé cristã, a ética cristã não sobrevive por muito tempo.

Em toda as épocas e em cada geração, Deus sempre chamou o seu povo para ser radicalmente diferente da cultura dominante – em seus valores, padrões morais e estilo de vida. “Não procedam como se procede no Egito, onde vocês moraram”, Deus mandou Moisés dizer a Israel, “nem como se procede na terra de Canaã, para onde os estou levando. Não sigam as suas práticas. Pratiquem as minhas ordenanças, obedeçam os meus decretos e sigam-nos. Eu sou o Senhor, o Deus de vocês” (Levítico 18.1-4). O equivalente a essa instrução no Novo Testamento parece ser a palavra dada por Jesus aos seus seguidores no Sermão do Monte.

Eles estavam cercados tanto por religiosos (os fariseus) quanto por quem não tinha religião alguma (os pagãos). Contudo, não deviam imitar nenhum dos dois. “Não sejam iguais a eles”, Jesus disse (Mateus 6.8). Pelo contrário, deveriam seguir os ensinamentos e o exemplo do Mestre.

Os DEZ MANDAMENTOS

Os Dez Mandamentos dados por Deus aos israelitas eram uma síntese das normas de conduta que ele esperava do seu povo. E eles continuam em vigor. Mesmo que agora a lei cerimonial do Antigo Testamento esteja obsoleta (seus sacrifícios, suas regras alimentares, etc.), e embora a sua lei civil (estatutos e sanções) não seja necessariamente apropriada para as nações hoje, ainda assim a sua lei moral permanece. Ela não era só a lei de Moisés, era a lei de Deus. O que Jesus fez no Sermão do Monte não foi rejeitar a lei moral, mas interpretá-la. Nas suas seis antíteses (“Vocês ouviram o que foi dito... Mas eu lhes digo...” – Mateus 5.21-48), o que Jesus estava contestando não era a lei de Moisés, mas as distorções que os escribas faziam na tentativa de torná-la mais fácil de obedecer. Jesus, porém, fez justamente o contrário, ressaltando as implicações radicais da lei de Deus.

“Mas Paulo não escreveu que nós não estamos ‘debaixo da lei’?”, alguém poderia protestar. “Ele não quis dizer com isso que a lei foi abolida para os cristãos?” A resposta à primeira pergunta é

sim; e à segunda é não. É muito importante entender corretamente a Paulo. Ele quis dizer: (1) que, para efeito de nossa justificação, nós não estamos “debaixo da lei”, mas sim “debaixo da graça” (Romanos 6.14-15), no sentido de que Deus nos aceitou por causa de sua misericórdia e não em virtude de nossos méritos; e (2) que, para nossa santificação, não estamos “debaixo da lei”, mas sim “guiados pelo Espírito” (Gálatas 5.18), no sentido de que Deus nos santifica pelo poder de seu Espírito que habita em nós e não pelos nossos esforços solitários. Mas nós ainda estamos “sob a lei de Cristo” (1 Coríntios 9.21) no sentido de que temos a obrigação de obedecê-la. De fato, Deus nos enviou seu Filho para morrer por nós “a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós” (Romanos 8.3-4); e Deus coloca o seu Espírito dentro de nós para escrever a sua lei em nossos corações (2 Coríntios 3.3). Isso explica um fato extraordinário quanto à promessa feita por Deus no Antigo Testamento sobre a era messiânica. Ele a expressou dizendo que “Porei o meu Espírito em vocês” (Ezequiel 36.27) e “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações” (Jeremias 31.33).

Essa estreita conexão entre o Espírito de Deus e a lei de Deus é imensamente importante. Ao refletirmos sobre a sua lei neste capítulo, convém lembrar que ele nos oferece também o seu Espírito. De fato, o Espírito que habita em nós pode nos capacitar: (1) a *conhecer* a lei de Deus, de modo que compreendamos cada vez mais as implicações dela para os dias de hoje; (2) a *amar* a lei de Deus, para que não a vejamos mais como um fardo, mas como um prazer (“Como eu amo a tua lei!” – Salmo 119.97); e

(3) a *cumprir* a lei de Deus, de modo que, libertos da escravidão do pecado, encontramos na obediência a verdadeira liberdade. Deus não faz exigências sem nos dar os meios de cumpri-las.

Jesus resumiu a lei moral em termos de amor. Ele juntou os dois mandamentos, o de amar a Deus com todo o nosso ser (Deuteronômio 6.5) e o de amar o nosso próximo como a nós mesmos (Levítico 19.18), coisa que ninguém havia feito antes, e acrescentou: “Não existe mandamento maior do que estes”, pois “destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (cf. Marcos 12.31 e Mateus 22.37-40). Devemos, pois, aprender a compreender e aplicar os mandamentos de Deus à luz das exigências do amor. Note-se em particular que o princípio do amor, com seu caráter único, positivo e envolvente, abrange e até transcende os muitos preceitos negativos e específicos da Lei. Além disso, o amor que Jesus tinha em mente não era nem egoísta nem sentimental, mas forte e sacrificial. O que chamamos de amor geralmente é *erōs*, o desejo de obter e possuir, enquanto o amor de Deus é *agapē*, o desejo de dar e enriquecer. Amar é sacrificar a si mesmo para servir aos outros; e onde não existe nem sacrifício nem serviço não existe amor. Amar a Deus é deixar-se absorver totalmente pela sua vontade e sua glória. Amar aos outros é dedicar-se ao seu bem-estar.

AMOR A DEUS

Os primeiros cinco mandamentos estabelecem quais são os nossos deveres para com Deus (ver Êxodo 20.1-12; Deuteronômio 5.1-16).

1 *Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. Não terás outros deuses além de mim.*

Os Dez Mandamentos trazem como introdução esta afirmação de Deus: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão” (Êxodo 20.2). Depois vem naturalmente o primeiro mandamento. Deus redimiu os filhos de Israel, resgatando-os da escravidão e chamando-os para serem seus através da aliança que fez com eles no Monte Sinai (Êxodo 19.3-6). É por isso que eles são proibidos de adorar outros deuses e devem adorar somente a ele. Deus exige nosso louvor exclusivo, não só pelo fato de ser ele o *nosso* Deus pela redenção e aliança, mas também porque ele é o *único* Deus. “Eu sou o Senhor, e não há nenhum outro”, ele continuaria a repetir posteriormente através de Isaías (45.6, 18, 22), e “Não darei a outro a minha glória” (Isaías 42.8). Alguns dizem que Israel só assumiu uma fé monoteísta depois que Isaías a ensinou, no oitavo século a.C. Mas não há dúvida de que ela já estava implícita no primeiro mandamento. Proibir Israel de ter outros deuses “diante” ou “além de” Yahweh (como geralmente se escreve hoje em dia a palavra hebraica “Jeová”) equivale a dizer que não existem outros deuses, pois, se houvesse, eles

deveriam ser adorados. A base para adorarmos exclusivamente a Yahweh é que somente ele é Deus.

E o culto que ele exige de nós não é só uma questão de fazer orações e cantar hinos na igreja. Essas coisas não são agradáveis a Deus em si e por si mesmas, mas somente se o que expressamos em palavras por uma hora na igreja for uma destilação da homenagem contínua e total de nossos corações. Somos chamados a colocar Deus em primeiro lugar – sempre e em tudo. O livro do Apocalipse nos permite dar uma espiada no céu. O centro da visão é o trono de Deus, o símbolo de seu reinado soberano, e todo o resto está relacionado com ele (Apocalipse 4-7). Somos chamados a antecipar aqui na terra a vida que haverá no céu, cujo centro é Deus. É isso que significa “santidade”.

2 *Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos.*

Se o primeiro mandamento exige que prestemos a Deus adoração exclusiva, o segundo requer que essa adoração seja verdadeira e espiritual, o que a idolatria nunca é. É muito provável que Jesus estivesse se referindo a isso quando disse que “está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores

adorarão o Pai em espírito e em verdade” (João 4.23). Primeiro, em vez de adorar a Deus “em verdade” (louvando-o por quem ele se revelou ser), os idólatras têm uma falsa idéia dele, pois cometem a tolice de tentar representar o Criador na forma de uma de suas próprias criaturas (cf. Atos 17.24-31; Romanos 1.21-25). As imagens de idolatria, antes de serem representadas em metal, são mentais, e todo conceito falso e indigno de Deus é um ídolo.

Segundo, em vez de adorar a Deus “em espírito” (reconhecendo que ele mesmo é espírito e pede adoração espiritual), os idólatras ficam preocupados com objetos externos, visíveis e tangíveis. Até mesmo o culto do povo de Israel tinha uma tendência constante a se degenerar, transformando-se em formalismo e pura hipocrisia. Os profetas do sétimo e oitavo séculos eram rigorosos nas suas denúncias quanto à religião vazia de Israel, e Jesus aplicou as críticas deles aos fariseus de seus dias: “Bem profetizou Isaías acerca de vocês, hipócritas; como está escrito: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim’” (Isaías 29.13; Marcos 7.6). Pois, sejam quais forem as formas externas que possamos utilizar no culto cristão (liturgias, procissões, dramas, rituais, ajoelhar-se ou erguer as mãos), devemos nos certificar de que elas não façam jus à acusação de idolatria e passem pelo teste duplo de serem feitas “em espírito” e “em verdade”.

No segundo mandamento Deus vai mais além e se apresenta como um “Deus zeloso”. Há uma curiosidade que nos ajudará a entender melhor este auto-retrato de Deus. Em português as palavras “zelo” e “ciúme” têm a mesma origem, vindo direta-

mente do latim *zelus* (*zelus*>*zelo*, *zelus*>*zelumen*>ciúme) pelo grego *zēlos*; e ambas têm embutida no seu sentido original a idéia de competição e cuidado ardoroso por alguém ou alguma coisa. Ou seja, Deus se apresenta como um Deus “zeloso” e “ciumento”!¹ Essa idéia, porém, não deveria nos perturbar. Ciúme é um sentimento de rivalidade, e se isso é bom ou ruim depende de se o rival tem ou não o direito de estar ali. Uma vez que Deus é único, e não existe nenhum outro, ele tem o direito de exigir que só adoremos a ele.

Outro comentário que se faz necessário é quanto à descrição de Deus como alguém que “castiga os filhos pelos pecados dos pais” por muitas gerações. Mais adiante na Bíblia se diz claramente que Deus considera cada um como responsável pelos seus próprios pecados (Ezequiel 18.1-4, por exemplo). Mesmo assim, há uma verdade solene e permanente no que diz o mandamento. Em virtude da natureza social do mal, o juízo de Deus não pode ficar confinado apenas àqueles que o cometeram. Os filhos muitas vezes sofrem as conseqüências dos pecados de seus pais. Eles podem ser transmitidos fisicamente (por doenças hereditárias), socialmente (na pobreza causada por bebedeira ou jogatina), psicologicamente (pelas tensões e conflitos de um lar infeliz) e moralmente (nos hábitos aprendidos como conseqüência de mau exemplo).

¹ Nota do tradutor.

3 *Não tomarás em vão o nome do Senhor, o teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão.*

Existem muitas maneiras de se quebrar este mandamento “tomando o nome de Deus em vão”.

A primeira delas é óbvia e tem a ver com o uso de um linguajar impróprio. O “nome” de Deus pode se referir às palavras pelas quais ele se fez conhecido (“Senhor”, “Deus”, “Todo-Poderoso”, “Cristo”, “Jesus”, etc.), e “tomar o seu nome em vão” inclui usar qualquer um deles como uma simples expressão momentânea. Fazer isso pode até não ser blasfêmia no sentido de desdenhar deliberadamente de Deus, mas só uma exclamação impensada. Mesmo assim, usar o nome de Deus para xingar ou jurar é um sintoma evidente de desrespeito a ele e é incompatível com um desejo de louvá-lo. Seria muito sábio de nossa parte se de vez em quando examinássemos e, se necessário, corrigíssemos o nosso vocabulário.

Segundo, podemos usar o nome de Deus em vão quando fazemos promessas ou juramentos. Afirmar uma coisa enfatizando-a com um “juro por Deus!” e depois quebrar a promessa é “jurar em vão”; isso revela uma profunda falta de consideração pelo nome de Deus. Por causa disso, alguns dos contemporâneos de Jesus se preocupavam com as fórmulas que se deviam usar para fazer juramentos. Ao que parece, o argumento deles era que os juramentos feitos em nome de Deus tinham de ser cumpridos, mas não importava se eles jurassem “pelo céu” ou “pela terra” ou por alguma outra coisa. Jesus rechaçou essa distinção alegando que o céu é o

trono de Deus e a terra o estrado de seus pés, de modo que mesmo essas expressões contêm uma referência implícita a Deus. E ainda foi mais adiante, exortando seus seguidores a que não jurassem *por nada*. Quem é honesto e é conhecido por cumprir suas promessas não tem necessidade de apelar para juramentos – um simples *sim* ou *não* já é o suficiente (Mateus 5.33-37).

Terceiro, o nome de Deus é mais do que uma palavra; é ele próprio, tal como foi revelado. Nós usamos seu nome em vão, portanto, quando nosso comportamento é incompatível com quem ele é. Se amamos a Deus, vamos querer “honrar” o seu nome vivendo de uma maneira coerente com ele. Mas quando os nossos atos contradizem a natureza de Deus, estamos tomando o seu nome em vão.

4 *Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou.*

O padrão de seis dias de trabalho e um de descanso remonta ao começo da criação (Gênesis 2.2-3). Daí o mandamento de “lembrar” do dia de sábado. Deus fez a nós, seres humanos, de tal maneira que precisamos observar esse ritmo. Tentativas de

mudá-lo aumentando a semana de trabalho para nove ou dez dias (por exemplo, na revolução francesa no século dezoito e os revolucionários russos no século vinte) não funcionaram; em cada um dos casos a lei de Deus prevaleceu. É óbvio que os cristãos não podem forçar as pessoas a irem à igreja, e ninguém iria querer usar a legislação para esse fim. Mas é de nosso interesse para que a lei proteja as pessoas de serem obrigadas a trabalhar aos domingos (por exemplo, através de uma permissão indiscriminada para espetáculos desportivos e funcionamento do comércio).

Ao estabelecer o *shabbath* Deus tinha como propósito tanto o culto como o descanso. Esse dia deveria ser “santo ao Senhor” ou (em termos cristãos) “o dia do Senhor”. Os cristãos deveriam querer tirar o máximo de vantagem possível dessa provisão divina. Os nossos domingos são um meio de graça muito mal aproveitado. Nós deveríamos usar as horas desse dia de maneira sábia e apropriada – para ir à igreja e ter comunhão com outros cristãos, para um período extra de estudo bíblico, para leitura de livros cristãos, para passar tempo com nossa família, para visitar um parente idoso ou deficiente, assim como para alguma forma de serviço cristão (desde ensinar na escola dominical até, por exemplo, escrever cartas, que é uma bênção cada vez mais negligenciada).

Os escribas e fariseus estragaram a lei de Deus enchendo-a de regrinhas, controlando cada minuto e especificando em detalhes o que era permitido e o que era proibido no *shabbath*, ou dia do descanso. Jesus quebrou deliberadamente algumas dessas regras porque elas pertenciam à tradição humana e não à Escritura. Uma vez, por exemplo, seus discípulos estavam com fome e ele os

encorajou a colher e comer algumas espigas de milho, o que os escribas consideravam equivalente a ceifar e, portanto, algo proibido no sábado. Isso levou Jesus a estabelecer o princípio fundamental de que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2.23-28). Então ele não era um “sabatista”, no sentido de endossar uma proibição absoluta de toda e qualquer atividade no dia de sábado. Jesus certamente concordava com o princípio do dia de descanso e culto a cada semana, e nós também deveríamos fazê-lo. Mas ele também deixou claro que alguns tipos de trabalho podiam e deviam ser feitos no sábado sem quebrar esse princípio – por exemplo, as funções religiosas (os sacerdotes do templo – Mateus 12.5), obras de caridade (curar os enfermos – Mateus 12.9-10) e trabalhos imprevistos e necessários (tirar uma ovelha que caiu num buraco – Mateus 12.11). É perfeitamente legítimo aplicar este ensinamento ao trabalho dos pastores e sacerdotes, médicos e fazendeiros hoje em dia.

Mas então, que dia da semana deveríamos observar como dia de descanso e adoração? O sábado era o sétimo dia, e os adventistas do Sétimo Dia continuam insistindo nisso. Eu os respeito muito, e conheço muitos deles em vários países. Particularmente, porém, creio que a importância do quarto mandamento está no ritmo “um dia para cada seis dias”, não na identidade do dia. A mudança para o primeiro dia da semana foi para comemorar a ressurreição de Jesus (João 20.19, 26), e existem fortes indícios de que a partir daí ele continuou sendo usado como o dia de culto (Atos 20.7; 1 Coríntios 16.1-2).

5 *Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá.*

Alguns comentaristas sugerem que, enquanto os primeiros quatro mandamentos têm a ver com o nosso dever para com Deus e se referem ao que ele é, à adoração a ele, seu nome e seu dia, o quinto mandamento é uma introdução aos nossos deveres e com relação ao nosso próximo, já que se refere a honrar nossos pais. Eu, porém, diria que é mais apropriado considerá-lo como pertencente ao nosso dever para com Deus – em parte porque desse modo cinco mandamentos seriam atribuídos a cada dever, mas principalmente porque os nossos pais, pelo menos enquanto somos menores de idade, estão no lugar de Deus, como intermediários da autoridade divina sobre nós. Certamente Paulo compreende que honrar nossos pais exige “obediência” e diz que isso é certo e agrada a Cristo.¹ Ao mesmo tempo ele acrescenta que se os filhos têm uma obrigação para com seus pais, os pais também têm uma obrigação para com seus filhos. Eles não devem enfurecê-los nem “irritá-los”, mas antes criá-los “segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Efésios; Colossenses 3.21). A natureza recíproca desses deveres estabelece um limite muito claro no comportamento dos pais.

O alcance deste mandamento vai além dos nossos pais, abrangendo todos os assim chamados “os mais velhos”, o que inclui nossos professores, pastores e empregadores, e aqueles que possuem autoridade sobre nós. Por mais que este ensinamento possa parecer antiquado hoje em dia, a Bíblia é muito clara em dizer que Deus ama a ordem e não a anarquia e que ele estabele-

ceu certas estruturas de autoridade (especialmente a família e o Estado) que espera que seu povo reconheça e respeite. Ao mesmo tempo, quando Deus delega sua autoridade a seres humanos e instituições, isso não significa que eles tenham o direito de usá-la para justificar tirania. A autoridade nunca é absoluta. Se, portanto a pessoa ou hierarquia humana abusar da sua autoridade dada por Deus, para desafiar a Deus, o nosso dever não é submeter-nos, mas resistir. Como disse o apóstolo, “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!” (Atos 5.29).

Em Lucas 14.26 temos uma declaração muito forte de Jesus: “Se alguém . . . ama o seu pai, a sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs . . . mais do que a mim, não pode ser meu discípulo”. Tem gente que se sente ofendida com estas palavras, principalmente considerando-se que em algumas versões da Bíblia ela aparece como “quem não aborrece” ou “quem não odeia” sua família. Este é um bom exemplo, tanto da forma dramática como Jesus ensinava como do costume hebraico de expressar uma comparação através de um contraste. Nós certamente não devemos interpretá-lo literalmente. Como ele pode nos dizer uma hora para amar nossos inimigos e na próxima para odiar nossos pais? A passagem paralela no Evangelho de Mateus (10.37) pode ajudar-nos, pois ali consta a mesma afirmação de que qualquer um que ame a seus pais mais do que a Jesus não é digno dele.

À medida que cresce a expectativa de vida em algumas partes do mundo e a idade média da população aumenta proporcionalmente, a tendência é que haja também um número cada vez maior de pessoas idosas e enfermas que são negligenciadas e até

esquecidas por seus próprios filhos. É um fenômeno chocante, amplamente confinado ao Ocidente. Na África e na Ásia a família estendida sempre encontra lugar para seus anciãos. Eu acho que Paulo deveria ter a última palavra no que se refere a esta questão: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior do que um descrente” (1 Timóteo 5.8).

AMOR AO PRÓXIMO

O nosso dever para com o próximo poderia ser sintetizado de forma negativa como “não magoar ninguém, seja por palavra ou por ação”, já que “o amor não pratica o mal contra o próximo” (Romanos 13.10). Positivamente, está expresso na Regra de Ouro: “Façam aos outros o que vocês querem que eles lhe façam” (Mateus 7.12). Se nós amamos verdadeiramente as pessoas, vamos respeitar seus direitos, desejar o seu bem e empenhar-nos em prol do seu bem-estar. Os mandamentos restantes enumeram cinco ofensas contra o amor.

6 *Não matarás*

Muitos entendem este mandamento como uma proibição absoluta de tirar a vida, inclusive de animais. No entanto, esta é uma interpretação insustentável, até porque a mesma lei que diz aqui “não matarás” continha um complexo sistema de sacrifícios

que exigia a morte de animais para serem oferecidos em sacrifício. Outros explicam esta expressão como uma proibição absoluta de tirar a vida de um ser humano, e é nisso que se baseiam os pacifistas e os que se opõem à pena de morte. Esta interpretação do sexto mandamento é incompatível com o resto da lei (embora haja cristãos que se baseiem em outros fundamentos bíblicos para defender o pacifismo e combater a pena de morte), já que esta estipulava a pena capital em casos extremos; além disso, ela autorizava a “guerra santa” contra os cananeus.

Os que traduzem este mandamento como “não cometerás assassinato” têm razão para fazê-lo. O que se proíbe aqui é tirar a vida humana sem autorização. Um dos piores pecados, que se condena repetidamente no Antigo Testamento, era o “derramamento de sangue inocente”. As Escrituras insistiam na santidade, não tanto da vida em geral, mas da vida humana, pois se trata da vida de seres criados à imagem de Deus. Por isso matar é uma ofensa contra o Deus Criador, como também contra uma de suas criaturas especiais. Jesus foi ainda mais longe ao aplicar a proibição não só ao ato de matar como também às nossas palavras e inclusive a nossos pensamentos. Segundo ele, é possível cometer assassinato através do insulto e da ira injustificada (Mateus 5.21-22). Essa é a radicalidade dos padrões divinos.

A pena capital é sancionada no Antigo Testamento tendo como base a santidade da vida humana. “Quem derramar sangue do homem, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus o homem foi criado” (Gênesis 9.6). Conforme a Bíblia, a pena de morte, longe de menosprezar a vida humana (ao

requerer a morte do assassino), demonstra o seu valor único (ao exigir algo exatamente igual à morte da vítima). Isto não quer dizer que a pena de morte deva ser aplicada em todos os casos de assassinato – aliás, o próprio Deus protegeu Caim, o primeiro assassino, de ser morto (Gênesis 4.13-15). Eu pessoalmente creio que o estado deveria reservar a si a autoridade para tirar a vida ou fazer uso da espada (Romanos 13.4) como uma demonstração do que os assassinos merecem. Mas creio também que em muitos casos (aliás, a maioria) em que há circunstâncias atenuantes, essa sentença deveria ser substituída por prisão perpétua.

O mesmo princípio referente ao caráter sagrado da vida humana está em jogo em situações nas quais o embrião humano se encontra ameaçado. Considerando-se que o embrião é no mínimo um ser humano em potencial, em termos gerais sua vida não pode ser violada. A maioria dos cristãos é muito mais a favor de preservar a vida do que do direito de escolha. Eles consideram o aborto como uma forma de assassinato, com pouquíssimas exceções bem especificadas, e crêem que a experimentação com embriões humanos deveria ser proibida por lei.

A guerra é outro assunto que tem a ver com a questão da vida humana. No decorrer dos séculos da era cristã as opiniões têm se dividido entre pacifistas (os que crêem que o ensino e o exemplo de Jesus proíbem toda e qualquer resistência ao mal através de violência) e os defensores da teoria da “guerra justa” (aqueles que crêem que a guerra pode ser aceitável como o menor dos males, desde que se cumpram certas condições). Porém justificam a guerra apenas como último recurso e não crêem que o uso de

armas de destruição indiscriminada (nucleares, químicas ou biológicas) se justifique em caso algum.

7 *Não adulterarás*

Os cristãos crêem que o sexo é uma boa dádiva do bom Criador, embora muitos pensem o contrário. Nós cremos que desde o princípio “Deus criou o homem à sua imagem... homem e mulher” (Gênesis 1.27); que a nossa sexualidade diferenciada (masculinidade e feminilidade) é, portanto, criação sua; e que ele instituiu o casamento (foi idéia dele, não nossa) para a satisfação mútua dos parceiros tanto como para a procriação de filhos. A definição do próprio Deus para o casamento é que “o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2.24). Em outras palavras, o casamento é uma união monogâmica e heterossexual, que começa publicamente ao deixar os pais e se consuma com o ato sexual. O próprio Jesus endossou os dois textos de Gênesis que eu acabei de citar, e concluiu: “Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe” (Marcos 10.6-9). Mais tarde Paulo acrescentou a bonita verdade de que marido e mulher, no seu amor um pelo outro, devem refletir o relacionamento entre Cristo e sua igreja (Efésios 5.21-33).

Uma vez estabelecidos esses grandes pontos positivos, aí então a proibição bíblica faz sentido. É precisamente porque instituiu o casamento como o contexto adequado para o prazer sexual que Deus o proíbe em qualquer outro contexto. O adultério é explicitamente condenado porque, sendo um relacionamento se-

xual entre uma pessoa casada e outra que não seu cônjuge, é a ofensa mais direta ao casamento, negando ao cônjuge (provavelmente também por meio de engano) a fidelidade originalmente prometida e prejudicando o desenvolvimento dos filhos. Mas outras formas de imoralidade sexual estão implicitamente incluídas, pois elas também minam o casamento. Fornicação, que é o sexo entre pessoas não casadas (e convém dizer que inclui o viver juntos antes do casamento), é uma tentativa de experimentar o amor sem o compromisso. Isso também pode se tornar uma forma de crueldade por despertar em um dos parceiros desejos de um relacionamento duradouro que o outro não está disposto a satisfazer. Já a união homossexual deveria ser considerada pelos cristãos (assim como por todo mundo) não uma alternativa legítima para o casamento heterossexual, como defende a comunidade “gay”, mas como algo incompatível com a ordem natural criada de Deus. A única experiência de “uma só carne” que Deus autorizou é dentro da monogamia heterossexual.

É para defender e proteger as bênçãos positivas do propósito de Deus no casamento que os cristãos se negam a aceitar qualquer outro relacionamento que tente competir com ele ou contradizê-lo.

Um outro ponto: os cristãos recusam-se a aceitar que os nossos desejos sexuais sejam fortes demais para serem controlados. Concordar com isso seria rebaixar os seres humanos à categoria de animais. Faz parte do nosso testemunho cristão insistir em que sempre que somos tentados, não importa com que intensidade, Deus providencia “um escape para que o possam suportar” (1

Coríntios 6.18-20); que é possível controlar os impulsos sexuais; que devemos “fugir da imoralidade sexual”; que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita em nós; que não somos de nós mesmos, pois fomos comprados por alto preço; e que devemos, portanto, glorificar a Deus com o nosso corpo (1 Coríntios 6.18-20).

8 *Não furtarás*

A proibição de roubar pressupõe o direito à propriedade privada e de mantê-la protegida. Para termos uma sociedade ordenada e segura é preciso que haja uma distinção bem clara e reconhecida entre o que é nosso e o que é dos outros. Confundir essa distinção é sempre anti-social. Isso não significa, é claro, que temos direito absoluto sobre nossas posses, já que, por um lado, estas nos foram dadas por Deus para gozá-las e administrá-las e, por outro, somos convidados a partilhá-las com os necessitados. Mas significa que devemos reconhecer os direitos de propriedade dos outros e não interferir no que é deles.

O mandamento possui uma aplicação mais ampla do que simplesmente subtrair os bens de outra pessoa. Ele inclui todo tipo de desonestidade, trapaça, intriga, extorsão, transações obscuras, trabalhar horas a menos, sonegação de impostos e contrabando. O cristão deveria ser conhecido por sua honestidade e total confiabilidade.

Se nos envolvermos em algum tipo de roubo, é indiscutível que temos de restituir aquilo que tiramos. No Antigo Testamento a restituição era mais do que simplesmente indenizar: “Se alguém roubar um boi ou uma ovelha . . . terá que restituir cinco bois pelo boi e quatro ovelhas pela ovelha” (Êxodo 22.1; cf. Números 5.7). Zaqueu, o coletor de impostos fraudulento, provavelmente tinha esse tipo de legislação em mente quando se converteu, pois disse a Jesus publicamente: “Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais” (Lucas 19.8).

Proibir o roubo é também encorajar as pessoas a ganharem seu próprio sustento, de modo que estejam em posição de sustentar a si mesmas e suas famílias, como também aos pobres. Paulo dá uma memorável orientação a um convertido que antes era desonesto: “O que furtava não furte mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade” (Efésios 4.28). De ladrão a trabalhador a benfeitor: somente o evangelho poderia efetuar tal transformação!

9 *Não darás falso testemunho contra o teu próximo*

O sexto, o sétimo e o oitavo mandamentos foram feitos para proteger a vida (do assassinato), o lar e a família (do adultério) e a propriedade (do ladrão) das pessoas. Já o nono mandamento visa a proteger sua reputação (do falso testemunho). Um bom nome é um bem muito precioso; de fato, “Mais vale o bom

nome do que as muitas riquezas... é melhor do que a prata e o ouro” (Provérbios 22.1). Tomá-lo de alguém é uma espécie de roubo; destruí-lo é uma espécie de assassinato.

O primeiro contexto ao qual esse mandamento pertence é o tribunal de justiça. Enquanto o juiz e o júri ouvem os casos da promotoria e da defesa, o destino da pessoa acusada está fundamentalmente nas mãos das testemunhas que foram convocadas a testemunhar sob juramento e que então se submetem às perguntas e inquirições. O perjúrio é uma ofensa extremamente abominável. Porém não é desconhecida. Jesus não foi o único prisioneiro que sofreu nas mãos de falsas testemunhas. O falso testemunho pode nascer também no contexto do lar, no ambiente de trabalho ou na comunidade mais ampla, na forma de calúnia ou fofoca maliciosa.

A proibição de falso testemunho traz consigo a responsabilidade implícita de ser uma testemunha fiel. A verdade importa a todos os seguidores de Jesus Cristo, pois ele mesmo alegou ser a verdade e disse ter vindo para testemunhar da verdade. Mentiras e subterfúgios deveriam ser abomináveis para nós. A nossa palavra deveria ser conhecida como confiável, e acima de tudo deveríamos dar um testemunho ousado de Jesus Cristo.

Tanto a testemunha falsa como a verdadeira dependem do uso da língua. Conseqüentemente, este mandamento nos faz lembrar o imenso poder da língua humana, para o bem ou para o mal. Ela é “um pequeno órgão do corpo, mas se vangloria de grandes coisas” e tem uma influência enorme (Tiago 3.1-6). É tão

indomável que embora os seres humanos tenham conseguido dominar “toda espécie de animais, aves, répteis e criaturas do mar... a língua, porém, ninguém consegue domar. Ela é um mal incontrollável, cheio de veneno mortífero” (Tiago 3.7-8). Interessante é que o mesmo apóstolo Tiago, que escreveu isso, também já havia afirmado antes que “se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum” (Tiago 1.26). Então o controle da língua é possível! Nós deveríamos ter a sabedoria de orar constantemente como o salmista: “Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios” (Salmo 141.3).

10 *Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.*

O último mandamento é particularmente importante porque transforma o Decálogo de um código civil em uma lei moral, de uma preocupação com o comportamento exterior em uma preocupação com a santidade interior. Nós não podemos ser processados na justiça por cobiça, já que a cobiça não é um ato mas uma atitude do coração. A cobiça está para o roubo assim como a raiva está para o assassinato e a luxúria para o adultério. É uma disposição que pode posteriormente explodir em ação pecaminosa, até mesmo criminosa. Paulo reconheceu a importância que este mandamento tinha para ele antes de sua conversão. Ele nunca teria conhecido o que era pecado, escreveu, se não fosse pelo manda-

mento “Não cobiçarás”. Ele achava que era inculpável, e de fato o era em termos de justiça exterior; mas este mandamento o condenava porque lhe revelava o estado do seu coração (Romanos 7.7-12).

“Cobiça é idolatria”, escreveu Paulo em outra carta (Efésios 5.5). Isso a torna um pecado contra Deus, além de ser pecado contra os seres humanos. É desejar tanto alguma coisa, ou alguém, e tanto mais do que a Deus, que permitimos que essa coisa acabe usurpando o lugar que de direito pertence a ele. Mas cobiça é também egoísmo. De fato, este mandamento aponta diretamente para a ganância da sociedade de consumo e seu cínico descaso pelas pessoas pobres e famintas do mundo.

O contrário da cobiça é o contentamento. Ele recebe mais ênfase no Novo Testamento do que na sociedade ocidental hoje em dia. “Conservem-se livres do amor ao dinheiro”, lemos em Hebreus, “e contentem-se com o que têm, porque Deus mesmo disse: ‘Nunca o deixarei, nunca o abandonarei’” (Hebreus 13.5). Assim também Paulo, apesar de seus muitos sofrimentos e privações, pôde escrever: “Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação... Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4.12-13). Além do mais, existe algo fundamentalmente apropriado sobre contentamento quando lembramos que somos peregrinos em viagem para casa, para Deus. “De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos” (1 Timóteo 6.6-8). Aqui, então, está o antídoto para essa

paixão turbulenta e destrutiva chamada cobiça, que o décimo mandamento proíbe: é uma combinação de simplicidade com generosidade e contentamento.

A VIDA DE OBEDIÊNCIA

Os Dez Mandamentos estabelecem para nós padrões muito elevados. Eles nos desafiam a dar a Deus nossa adoração exclusiva, espiritual, coerente, regular e obediente, como também a preocupar-nos com a integridade da vida, do lar, da propriedade e do bom nome de nosso próximo. Compreender as implicações radicais dessas exigências reveladas por Jesus no Sermão do Monte percebendo nelas uma convocação a amarmos a Deus com todo o nosso ser e a amarmos o nosso próximo como a nós mesmos é capaz de levar-nos a um profundo desespero. De fato, foi este o propósito inicial de Deus ao nos dar a lei – expor e condenar nossos pecados, tirando assim de nós toda e qualquer esperança de salvar a nós mesmos. Pois desse modo pode-se dizer que a lei nos aponta para Cristo como o único, exclusivo e indispensável Salvador. Mas uma vez que a lei nos conduziu a Cristo a fim de sermos justificados, Cristo nos manda de volta à lei para sermos santificados, contanto que nos lembremos de que somente o Espírito Santo pode escrever a lei em nossos corações e nos permitir obedecê-la.

Precisamos valorizar cada vez mais o inestimável dom do Espírito que habita em nós. Então iremos a Cristo cada dia, e a

cada novo dia reabriremos nossa personalidade diante dele para que o Espírito Santo possa nos encher e transformar. Lembremos também que o próprio Deus estabeleceu certos canais através dos quais a sua graça santificadora pode nos alcançar. Esses “meios da graça” compreendem a leitura bíblica, a oração, a adoração, a comunhão e o culto da Santa Ceia. Precisamos fazer aquilo que os puritanos chamavam de “um uso diligente dos meios da graça”. Pois, como dizia J. C. Ryle, aplicando o ditado à vida cristã, “não há recompensa sem esforço”.

A nossa saúde física nos dá uma boa ilustração. A melhor forma de garantirmos a saúde e combatermos as infecções não é recorrendo aos medicamentos certos quando surge uma epidemia e somos expostos aos micróbios (embora isso possa ser necessário), mas sim criando resistência durante o restante do ano por cultivarmos regularmente bons hábitos alimentares, sono e exercícios disciplinados. Assim também, o verdadeiro segredo para se lutar contra o mal e desenvolver uma vida de santidade não é o que fazemos no momento da tentação (embora de fato precisemos clamar a Jesus Cristo por libertação), mas antes o que fazemos no restante do tempo, acumulando força espiritual através de uma vida disciplinada no Espírito.

E agora vamos aos meios da graça.

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 7

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

OUTRAS POSSIBILIDADES

Perguntas

1. Como você responderia a quem lhe dissesse que os Dez Mandamentos são coisa ultrapassada?
2. Que resposta você daria diante desta confissão: “Eu tento viver de acordo com os padrões de Deus, mas não consigo!”?
3. Qual dos Dez Mandamentos você acha mais difícil de seguir, ou mais desafiador? De que forma os amigos cristãos com quem você mais tem intimidade poderiam ajudá-lo a chegar mais perto do desafio desse mandamento?

Promessa

Força na tentação – 1 Coríntios 10.13

Oração

Nº 3 na p. 235 – por novos membros na igreja

Estudo bíblico

Marcos 12.28-34

Estudo em grupo

Dividir o grupo em dois. Cada um representará para o outro uma cena na qual um cristão tem dificuldades de viver de acordo com um dos mandamentos. Depois, discutir as questões que surgirem.

Resposta

Cada um deve elaborar um resumo simples dos Dez Mandamentos para ajudá-lo a lembrá-los.

Verificação

Você aceita os Dez Mandamentos como valores morais de Deus? Tenta obedecê-los com a ajuda dele?

LEITURA RECOMENDADA:

SER É O BASTANTE – Carlos Pinheiros Queiroz, 255 pp. – Encontro Publicações

Se quisermos ter uma vida cristã cada vez mais estável e consistente, nada provavelmente é mais importante do que a disciplina de ter um momento a sós com Deus todos os dias. Este é um dos principais meios de graça aos quais me referi no final do último capítulo. O ideal seria que esta fosse a primeira coisa a ser feita pela manhã e a última à noite, algo que deveríamos manter como um compromisso sagrado com Deus; mas é claro que cada um deve decidir qual é o seu melhor horário. Se perseverarmos, logo formaremos um hábito que nada, a não ser doença, poderá quebrar.

Especialmente para os jovens, é importante desenvolver essa prática. Durante a década de setenta, quando explodiu a onda da “meditação transcendental”, cerca de um milhão de jovens americanos repetiam diariamente o seu “mantra”, muitas e muitas vezes. Por que os jovens discípulos de Jesus Cristo não desenvolveriam o exercício muito mais proveitoso da meditação cristã? “A lealdade da juventude cristã”, disse William Temple em 1943, “deve ser em primeiro lugar e principalmente ao próprio Cristo. Nada pode tirar o lugar do momento diário de intimidade com o Senhor. Arranje tempo para isso de alguma forma, e assegure-se de que seja algo real.”

Seria um grande erro, porém, pensar que só os jovens precisam desse tempo diário a sós com Deus. Eu mesmo posso testemunhar, baseado na experiência de mais de cinquenta anos, da minha necessidade vital de ter um encontro assim com Cristo todo dia. Vem-me também à memória o Dr. Frank Gaebelin, que por quarenta e um anos foi diretor da Escola Stony Brook, em Long Island. Quando, no seu octogésimo aniversário, lhe perguntaram que conselho daria à próxima geração de líderes cristãos, ele respondeu: “Mantenha a todo custo um tempo diário para a leitura das Escrituras e a oração. Ao olhar para trás, eu vejo que a influência mais formativa da minha vida e pensamento foi o meu contato diário com a Bíblia por mais de sessenta anos”.¹

Se você quiser fazer desses momentos de dependência silenciosa de Deus uma dieta balanceada, eles devem consistir de leitura bíblica e oração – e nesta ordem. Primeiro vamos ouvir o que Deus tem a dizer-nos através de sua Palavra, pedindo-lhe como o menino Samuel: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouve” (1 Samuel 3.9-10). E procurar imitar Maria de Betânia, que “ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra” (Lucas 10.39). Depois, então, é a nossa vez de responder. Vai haver muita coisa para falar, especialmente depois que ele falou conosco. É como o balanço de um pêndulo. É uma conversação de duas vias, através da qual o nosso relacionamento (e por que não dizer amizade?) com Deus vai amadurecendo.

LEITURA BÍBLICA

Duas perguntas nos confrontam ao pensarmos sobre a Bíblia. A primeira é por que devemos acreditar que ela é a palavra ou mensagem de Deus para nós; e a segunda é como devemos lê-la.

1 *Por que devemos acreditar na Bíblia?*

O conceito de “revelação” é um conceito fundamentalmente razoável. A palavra significa “tirar o véu” e expressa o fato de que a natureza, o caráter e os propósitos de Deus estão escondidos de nós, a não ser que, e até que, ele mesmo afaste o véu e se mostre a nós. Pois como poderia a nossa mente, minúscula e finita, penetrar a mente infinita de Deus? Isso é impossível. Ele está totalmente além de nós, fora do nosso alcance. Vejam como o próprio Deus descreveu a situação entre nós e ele: “Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos... assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos” (Isaías 55.8-9). Se, pois, os pensamentos e os caminhos de Deus são tão superiores em relação aos nossos quanto os céus são mais altos do que a terra, nós nunca poderíamos conhecer sua mente, a não ser que ele mesmo tomasse a iniciativa de revelá-la a nós.

É exatamente isso que cremos que ele fez. Para começar, Deus se revelou através do universo criado, como já vimos. Mas

isso é apenas a revelação da sua glória. Sua graça, seu amor imerecido pelos pecadores, isso ele revelou, não na criação, mas de uma forma sublime, na pessoa de Jesus e no testemunho que a Bíblia inteira dá acerca de Cristo. Jesus Cristo é a palavra viva de Deus, enquanto que as Escrituras são sua palavra escrita, que aponta para Cristo. Ambos são “palavra” falada por Deus a nós. Da mesma forma como os seres humanos só podem conhecer a mente uns dos outros se falarem um com o outro, assim também nós só podemos conhecer a mente de Deus porque ele falou conosco (Hebreus 1.1-2).

No Antigo Testamento Deus foi, durante um longo tempo e pouco a pouco, dando-se a conhecer ao povo de sua aliança, especialmente através de seus mensageiros, os profetas, que normalmente introduziam seus oráculos com fórmulas como “A palavra do Senhor veio a mim, dizendo” ou “Assim diz o Senhor” ou “Ouvi a palavra do Senhor”. O próprio Jesus tratou essas declarações proféticas com muita seriedade. Ele encarava as Escrituras do Antigo Testamento como expressão do que seu Pai havia dito. As evidências disso são incontestáveis. Primeiro, ele as obedeceu em sua própria vida e contornou cada uma das tentações do diabo com uma citação bíblica adequada. Segundo, ele acreditava que as Escrituras testemunhavam dele e se cumpriram nele, e interpretou sua missão à luz dos seus ensinamentos. Terceiro, ele as citava, ao debater com líderes religiosos, como a autoridade última, a corte final de apelação. Seria inconcebível que nós tivéssemos sobre o Antigo Testamento um conceito inferior ao que ele tinha, pois “o discípulo não está acima de seu mestre”. Os autores do

Novo Testamento tinham pelo Antigo Testamento o mesmo respeito que Jesus demonstrou. Paulo, por exemplo, diz que “toda Escritura é inspirada por Deus” (2 Timóteo 3.16). Isso esclarece que o significado de “inspiração” não é que Deus inspirou os autores a falar, mas que ele inspirou as palavras deles como se tivessem saído de sua própria boca. É uma metáfora que representa de forma dramatizada a dupla autoria das Escrituras, isto é, que as palavras proferidas por Deus eram simultaneamente deles, assim como as deles eram concomitantemente de Deus.

Jesus não só acreditava no Antigo Testamento como tomou medidas para que se escrevesse também o Novo. Ele escolheu, chamou, capacitou, enviou e inspirou os apóstolos, dando-lhe um ministério paralelo ao dos profetas do Antigo Testamento. As promessas que ele fez aos apóstolos no cenáculo são particularmente importantes. Por um lado, o Espírito Santo iria fazê-los “lembrar” do que Jesus havia lhes ensinado (João 14.26); e, por outro, iria “guiá-los” a toda a verdade que ele gostaria de ensinar-lhes, mas que eles ainda não tinham condições de suportar (João 16.12-13). Essas promessas complementares quanto ao Espírito Santo e o seu ministério de lembrar e de ensinar se cumpriram principalmente quando foram escritos os Evangelhos e depois as Epístolas.

Quanto aos Evangelhos, que contam a história de Jesus, existem vários motivos pelos quais deveríamos aceitar confiantemente a sua credibilidade. Em primeiro lugar, seus autores eram cristãos sinceros, que davam grande importância à verdade, e seus

escritos evidenciam sua integridade e imparcialidade. Segundo, ou eles mesmos foram testemunhas oculares, ou se basearam em testemunhas oculares (ver Lucas 1.1-4). Além disso, ao contrário do que se costumava dizer, os quatro Evangelhos são todos documentos do primeiro século. De fato, um número cada vez maior de estudiosos acredita que todos eles já haviam sido publicados antes da destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Entre os eventos e o seu registro escrito há um curto intervalo que corresponde ao período em que as igrejas fizeram uso das palavras e dos feitos de Jesus para evangelizar e ensinar os novos convertidos. Além disso, existem agora tantos manuscritos, versões (traduções) e citações que já é possível estabelecer com bastante precisão os textos originais. Só restam alguns casos de incerteza, poucos e insignificantes.

Igualmente maravilhoso é como a Bíblia parece ser aquilo que afirma ser. O fio-vermelho que lhe dá unidade literária é ainda mais impressionante se considerarmos que ela é uma biblioteca de sessenta e seis livros escritos por mais ou menos quarenta autores por cerca de mil e quinhentos anos. É surpreendente como as profecias contidas no Antigo Testamento se cumpriram. Suas doutrinas são profundas e sua ética nobre. Praticamente dois mil anos depois de Cristo, sua popularidade continua crescendo. Ela trouxe perdão para os culpados, libertação para os oprimidos, direcionamento para os perplexos, consolo para os moribundos e esperança para os enlutados. Todo mundo que a lê com uma mente aberta e um espírito humilde testemunha do seu poder de inquietar e confortar. Como disse certa vez um cristão chinês, “Toda vez que eu leio esse livro, ele me chuta!” A evidência final de que

ele é a palavra de Deus é que Deus nos fala pessoalmente através dele.

Eu não estou dizendo que tudo que está na Bíblia tenha o mesmo proveito ou que seja, toda ela, fácil de entender. Pelo contrário, todos os que a lêem precisam aprender os princípios básicos para interpretá-la. Primeiro é preciso descobrir o significado *natural* do texto, lembrando que o significado simples e óbvio é algumas vezes não literal, mas figurado. Segundo, devemos procurar o significado *original*. É importante evitarmos colocar na mente dos autores nossas idéias de hoje. As questões-chaves são o que eles mesmos pretenderam dizer e como eles teriam sido entendidos pelos seus contemporâneos. Para isso, vamos precisar saber algo quanto ao contexto histórico, geográfico e cultural da Bíblia como um todo. O vigésimo dos Trinta e Nove Artigos da Igreja Anglicana sabiamente proíbe a igreja de “explicar de tal forma uma parte da Escritura que ela se torne incompatível com a outra”. Pelo contrário, devemos deixar que a Escritura interprete a Escritura, buscando assim harmonia de conteúdo.

2 *Como devemos ler a Bíblia*

É preciso adotar algum método. Não basta ficarmos lendo nossas passagens preferidas. Nem devemos borboletear irresponsavelmente de versículo em versículo. Alguns cristãos gostam de sistematizar sua própria leitura, alternando entre livros do Antigo e do Novo Testamento. Outros preferem escolher um livro e estudá-lo com mais profundidade. Existem no mercado evangélico bons

livros (só para citar um exemplo, a série “A Bíblia Fala Hoje”, publicada pela ABU Editora) que tentam explicar o significado do texto bíblico e relacioná-lo com o mundo contemporâneo. Há também uma diversidade de guias de leitura diária, às vezes incluindo reflexões sérias e profundas escritas por autores que crêem na Bíblia como a palavra de Deus. Alguns levam em conta inclusive a faixa etária e a experiência dos leitores e são elaborados de forma a cobrir a Bíblia inteira em um certo período de tempo. (O devocionário “Orando em Família”, por exemplo, mencionado no Guia de Estudo deste capítulo, é um plano de meditações diárias para mais de dez anos.)

Vejamos agora quatro sugestões de como proceder à leitura da Bíblia.

1 *Ore!*

Sendo a Bíblia a Palavra de Deus, não podemos lê-la com indiferença como se fosse apenas o jornal do dia. Ao invés disso, devemos encará-la com “aquela reverência e humildade sem a qual ninguém pode entender” a verdade de Deus (João Calvino). Também vamos rogar ao Espírito Santo que ilumine as nossas mentes, e principalmente que nos mostre a pessoa de Cristo. O Senhor ressurreto, indo a caminho de Emaús com dois de seus discípulos, “explicou-lhes o que constava a respeito dele em todas as Escritu-

ras” (Lucas 24.27). Assim se expressou Christopher Chavasse, um bispo britânico:

A Bíblia . . . é o retrato de nosso Senhor Jesus Cristo. Os Evangelhos são a Figura em si no retrato. O Antigo Testamento é o fundo sobre o qual se destaca a Figura divina, apontando para ela e absolutamente necessário para a composição do todo. As Epístolas seriam as roupas e os adornos da Figura, explicando-a e descrevendo-a. E então, quando pela leitura bíblica nós estudamos o retrato inteiro como um todo, o milagre acontece! A Figura vem à vida! E, saindo da tela da palavra escrita, o Cristo eterno da história de Emaús torna-se ele mesmo o nosso professor de Bíblia e passa a interpretar para nós as coisas que se referem a ele em todas as Escrituras.

Como resposta às nossas orações, o Espírito Santo se deleita em fazer Jesus Cristo tornar-se vivo para nós através da leitura da Palavra. Então, como que fazendo eco aos discípulos de Emaús, nós também poderemos testemunhar que nossos corações “estavam queimando . . . enquanto ele nos expunha as Escrituras” (Lucas 24.32).

2 *Pense!*

Além de orar nós devemos pensar. “Reflita no que estou dizendo”, escreveu Paulo a Timóteo, “pois o Senhor lhe dará entendimento de tudo” (2 Timóteo 2.7). Somente Deus pode nos dar entendimento; mas Timóteo tinha de refletir. Conosco acontece a mesma coisa. Nós temos de combinar a nossa própria pro-

cura com a dependência do Espírito Santo para nos iluminar. Para tanto, ajuda muito usar uma Bíblia moderna de estudo, como a Nova Versão Internacional (que estamos usando neste livro), e talvez também uma versão mais conhecida, como a versão de Almeida ou a Bíblia na Linguagem de Hoje. Uma concordância é útil para ajudar a encontrar um determinado texto ou passagem. Há também dicionários, comentários, mapas e manuais bíblicos que provêem informações adicionais. Mas isso são somente auxílios. A nossa responsabilidade é ler, reler e continuar lendo a passagem, e insistir nela como um cachorro que rói um osso. Há duas perguntas que me ajudam bastante. Primeira, o que o texto quis dizer, isto é, qual foi o sentido original? A segunda é, o que ele diz, isto é, qual é a sua aplicação para os dias de hoje? É aqui que os princípios básicos de interpretação, que mencionei anteriormente, serão úteis.

3 *Lembre!*

Sempre que Deus fala conosco, devemos tentar lembrar o que ele diz. O que acabou com Israel foi sua memória fraca; o povo vivia esquecendo as lições que Deus havia ensinado! Uma boa forma de ativar a memória é escrevendo. É sempre bom ter um bloco de anotações onde se possa escrever (ou a cada dia, ou segundo os assuntos, ou por livros da Bíblia) as verdades específicas que Deus nos ensina. Assim poderemos recorrer a elas de vez em quando e refrescar nossa memória. Outra forma é decorando versículos que tenham nos tocado de maneira particular; pode-se

anotar cada um e lembrá-los de vez em quando. Se memorizarmos, digamos, um versículo por semana, junto com a sua referência, o nosso conhecimento de Deus e de sua Palavra irá crescer muito.

4 *Obedeça!*

Não adianta ler a Bíblia se nunca a colocarmos em prática. Orar, pensar e lembrar é esforço inútil se depois deixarmos de lado aquilo que aprendemos. Jesus disse que o homem sábio, aquele que constrói a sua casa tão firmemente na rocha que nem mesmo as mais ferozes tempestades conseguem abalá-la, é aquele que ouve suas palavras “e as pratica” (Mateus 7.24). Tiago também, ecoando essa ênfase de Jesus, faz um apelo aos seus leitores para que sejam “praticantes da palavra, e não apenas ouvintes” (Tiago 1.22). Ele até dá um toque de humor e compara os leitores desobedientes da Bíblia com alguém que se olha no espelho, vê que precisa lavar o rosto ou escovar os dentes, mas na mesma hora se esquece de fazê-lo...

ORAÇÃO

A melhor posição e a que mais enobrece um homem ou uma mulher é ajoelhado em oração diante de Deus. Orar não é só ser verdadeiramente santo, também é ser verdadeiramente humano. Pois aqui estão seres humanos, feitos por Deus como Deus e

para Deus, dedicando tempo à comunhão com Deus. Então a oração é uma atividade autêntica em si mesma, independente de quaisquer benefícios que ela possa trazer. Mas é também um dos meios de graça mais efetivos. Eu duvido que qualquer pessoa já tenha se tornado semelhante a Cristo sem ter sido diligente na oração. “Por que razão”, pergunta J. C. Ryle, “alguns crentes são tão mais santos e mais exuberantes que outros?” “Creio que a diferença”, ele mesmo responde, “em dezenove casos entre vinte, vem de hábitos diferentes em relação à oração privada. Eu acredito que aqueles que não se destacam como santos oram *pouco* e aqueles que são eminentemente santos oram *muito*.” E ele mesmo diz ainda: “Oração e pecado nunca vão viver juntos no mesmo coração. Ou a oração consumirá o pecado, ou o pecado sufocará a oração.”⁴

Quando entendida corretamente, a oração é sempre uma resposta à Palavra de Deus. Primeiro ele fala (através da Bíblia), depois nós respondemos (em oração). Sendo assim, é uma boa regra começar nosso tempo de oração respondendo a ele (quer seja em louvor, confissão ou pedido) sobre o mesmo assunto do qual ele falou conosco na nossa leitura bíblica. Fazer isso é, no mínimo, uma questão de educação; afinal, seria grosseria mudar o assunto da conversa... Na prática, então, depois de nossa leitura e meditação é bom manter a Bíblia aberta diante de nós e percorrer a passagem de novo, versículo por versículo, transformando-a em oração. É sempre uma alegria fazer isso. Além de ser certo, essa prática nos ajuda a traduzir nossa leitura em prática na vida cotidiana.

Em todas as nossas orações nós deveríamos ser o mais naturais possível. Devemos lembrar que Deus é nosso Pai e nós, seus filhos. Certa vez uma mulher de meia-idade, que trabalhava como cozinheira numa repartição pública, me disse: “Eu descobri que se pode falar com Deus de um jeito assim, meio de confidente... A gente pode contar a ele alguns dos nossos segredos, sabe, só entre nós e ele, sozinhos”. Ela estava certa. Ao mesmo tempo, porém, não devemos permitir que essa familiaridade com Deus se torne em irreverência. Nem deveríamos imaginar que a linguagem coloquial seja necessariamente a melhor. Muitos cristãos preferem usar formas fixas de oração e gostam de repetir orações bem-elaboradas do passado. Existem vários livros de oração disponíveis, muito bons. Outros gostam de fazer sua própria coletânea de orações, acrescentando algumas elaboradas por eles mesmos. No final deste livro há uma seleção de orações abrangendo diversos assuntos.

Existem pelos menos cinco tipos diferentes de oração, todos os quais deveriam ter um lugar em nosso momento devocional privado. Para estabelecer uma distinção entre eles, digamos que em cada um o nosso olhar está voltado para uma direção diferente.

1 *O olhar para cima – voltado para Deus*

Isso é *adoração*. É buscar dar a Deus a glória que é devida ao seu nome. De fato, a melhor definição bíblica que eu conheço para *adorar* é “gloríem-se no seu santo nome” (Salmo 105.3), isto é, deleitem-se na maravilha inigualável que é a pessoa de Deus e a

sua revelação. Se é certo adorar a Deus porque ele é digno do nosso louvor, a adoração é também o melhor dos antídotos contra o nosso egocentrismo, a maneira mais efetiva de “desinfetar-nos do egoísmo”, como disse um escritor muito tempo atrás.⁵ Na verdadeira adoração nós direcionamos o refletor de nossa mente e coração para Deus e esquecemos por algum tempo o nosso próprio eu, geralmente tão conturbado e intrometido. Contemplamos, extasiados, a beleza e a complexidade da criação de Deus. Nós nos detemos, maravilhados, diante da cruz em que morreu o Príncipe da glória. Somos levados às alturas com Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Jesus nos ensinou a fazer isso na Oração do Senhor, cujas três primeiras frases ressaltam, não as nossas necessidades, mas a sua glória, a honra devida ao seu nome, a expansão do seu reino e o fazer a sua vontade. Como somos normalmente muito centrados em nós mesmos, isso não é fácil de fazer. Mas temos de perseverar, pois não há nada mais acertado ou mais importante do que adorar a Deus.

Uma coisa que ajuda a concentrar-se na adoração é o uso de um hinário, para cantar ou recitar alguns dos velhos clássicos cujo conteúdo consiste objetivamente em louvor a Deus. Há vários desses hinos que são conhecidos em todo o mundo evangélico: “Santo, santo, santo, Deus Onipotente”, “Tu és fiel”, “Deus dos antigos”, “Quão grande és tu”, “Castelo forte”... Eles concentram nossa atenção na natureza e no caráter de Deus, nas suas poderosas obras da criação e redenção. Já muitos dos hinos modernos, por outro lado, são doentivamente centrados em nós mesmos, nas nossas necessidades e em nossas próprias experiências. Ainda bem

que não são todos! Seria salutar fazermos uma seleção consciente do que costumamos cantar.

2 *O olhar para dentro – voltado para nós mesmos*

Este olhar leva à *confissão*. Todos nós sabemos que introspecção demais pode ser doentio, inútil e até prejudicial. Mas um pouco de introspecção não só faz bem, como é necessário. Ao lermos a Bíblia, muitas vezes somos forçados a ser sóbrios e humildes. A Palavra de Deus nos confronta impiedosamente com o nosso pecado, nosso egoísmo, nossa vaidade e cobiça, e então nos desafia a arrepender-nos e confessá-los. Uma das maneiras mais seguras de fazer isso é colocando em nossos próprios lábios um dos salmos de penitência, especialmente talvez o Salmo 51 (“Compa-dece-te de mim, ó Deus”) ou o Salmo 130 (“Das profundezas clamo a ti, Senhor”).

Uma disciplina saudável é fazer a cada noite um balanço resumido do dia e tomar consciência de nossas falhas. Não fazendo isso, nossa tendência é tornar-nos condescendentes com o pecado e contar pretensiosamente com a misericórdia de Deus, ao passo que tornar isso um hábito nos humilha e envergonha e aumenta o nosso anseio por uma vida mais santa. Não há nada de mórbido em confessar nossos pecados, contanto que prossigamos dando graças pelo perdão que recebemos. É bom olhar para dentro, contanto que isso nos leve de imediato a voltar o olhar novamente para fora e para cima.

3 O olhar ao redor – voltado para os outros

Aqui se trata da *intercessão*. Jesus nos deu um exemplo disso ao orar tanto pelos seus discípulos quanto pelos seus inimigos. Paulo orou pelos seus convertidos (muitos deles por nome), pelas igrejas que havia fundado e também por cristãos com quem ele nunca havia se encontrado (veja Romanos 1.8-10; Colossenses 2.1). Nós também deveríamos incluir outras pessoas em nossas orações; talvez seja este o melhor serviço que podemos prestar a elas.

Muitos cristãos mantêm alguma espécie de lista de oração; isso ajuda a torná-la algo metódico. Nela provavelmente vamos incluir nossa família e amigos, parentes e afilhados, companheiros de trabalho, bem como os líderes e os membros de nossa igreja. Também é bom lembrar de vez em quando de orar pelo nosso presidente, nosso governo, outros líderes nacionais que são influentes na vida pública e pessoas específicas que aparecem nos jornais. A nossa preocupação cristã pela paz e justiça no mundo e pela evangelização mundial deve também, inegavelmente, expressar-se em nossas orações. É muito fácil encompridar tanto nossa lista que ela se torne enfadonha e perca a praticidade. Uma forma de evitar isso é orar por algumas pessoas específicas diariamente, por outras semanalmente, e então ter uma lista mais longa com aqueles nomes ou assuntos que queremos lembrar uma vez por mês, ou só de vez em quando. Qualquer que seja o sistema adotado, é sensato mantê-lo flexível e adaptável. Eu gosto de tomar nota principalmente de pessoas que me pedem para orar por elas em relação a uma necessidade específica – alguém que vai enfrentar uma prova ou uma operação, alguém que está muito próximo

do reino de Deus ou que acabou de aceitar Jesus, ou alguém que esteja diante de uma decisão importante ou atravessando uma época particularmente estressante. Então, à medida que as diferentes crises surgem e passam, é natural adicionar algumas pessoas à lista e riscar outras. Quanto mais específicos e concretos pudermos ser em nossas orações, melhor. Tomar nota de nossas orações também aumenta nossa expectativa ao olharmos para Deus em busca de respostas.

4 *O olhar para trás – voltado para o passado*

Isso deveria nos levar à *gratidão*, que é diferente de louvor. No louvor nós adoramos a Deus por quem ele é em si; na gratidão nós reconhecemos agradecidos o que ele tem feito por nós e por outros. O esquecimento de Israel levou à ingratidão. O povo havia sido exortado a lembrar-se de toda a bondade de Deus para com eles, “mas logo se esqueceram do que ele tinha feito” (Salmo 106.13). Espero que não cometamos o mesmo erro. É bom falar conosco e exortar a nós mesmos para que lembremos e demos graças, como disse o salmista: “Bendiga ao Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!” (Salmo 103.2).

No livro de orações da minha igreja há uma que resume de uma forma maravilhosamente completa o que devemos agradecer a Deus: primeiro “pela nossa criação, preservação e todas as bênçãos desta vida”; em seguida, “mais do que tudo, pelo seu amor imensurável na redenção do mundo por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”; mas também “pelos meios de graça, e pela

esperança da glória” (isto é, a certeza do céu no final). Se há uma coisa que deveríamos fazer ao final de cada dia, é olhar para trás e lembrar não só os nossos pecados, mas também as misericórdias de Deus. Se confessamos aqueles, não deveríamos esquecer de agradecer a Deus por estas!

5 *O olhar para diante – voltado o futuro*

Aqui estamos falando de *petição* ou *súplica*. Eu a deixei por último, embora ela ocupe a maior parte nas orações da maioria de nós. De fato, não deveríamos nos envergonhar de levar nossos pedidos à presença de Deus (Filipenses 4.6). O próprio Jesus nos disse para irmos ao nosso Pai celestial reconhecendo a nossa dependência dele para dar-nos o pão de cada dia, o perdão dos pecados e libertação do mal.

Mas Deus conhece nossas necessidades; não precisamos contá-las a ele. E no seu amor ele quer supri-las; não precisamos intimidá-lo nem ficar insistindo. Então, por que orar? Qual é a questão? João Calvino deu uma resposta completa a estas perguntas. Ele escreveu:

Os crentes não oram tendo em vista informar a Deus sobre coisas que ele não saiba, ou para animá-lo a fazer seu dever, ou insistir como se ele estivesse relutando. Pelo contrário, eles oram para despertar em si mesmos o ânimo de buscá-lo, para exercitar sua fé meditando em suas promessas, para aliviar-se das suas ansiedades derramando-as em seu seio; em uma palavra, para declarar que somente nele eles esperam e só dele dependem para receber, tanto para si mesmos quanto para os outros, tudo que há de bom.⁶

O propósito da oração de petição, portanto, não é nem informar a Deus como se ele ignorasse as nossas necessidades, nem persuadi-lo como se ele estivesse relutando em supri-las. Não é dobrar a vontade de Deus diante da nossa, mas antes alinhar a nossa vontade com a dele. O nosso Pai não adula seus filhos – ele espera até que desejemos fazer sua vontade.

Nós olhamos, portanto, para o futuro. Antecipamos os deveres e os problemas, as esperanças e os temores de amanhã, semana que vem, ano que vem. Imaginamos possíveis doenças e angústias que virão, pensamos em nossa morte, antecipamos a segunda vinda de Cristo, a ressurreição, os novos céus e a nova terra. Todos esses acontecimentos trazem incerteza – se, quando e como eles terão lugar. Qual é então o nosso pedido, a nossa oração? Os cristãos têm apenas uma: “Não seja feita a minha vontade, mas a tua”. Pedimos orientação para fazer a vontade de Deus e força para cumpri-la.

Neste capítulo vimos que a vida cristã é uma vida de oração. É uma experiência trinitária de comunhão com o Pai pelo Filho através do Espírito Santo. E é essencialmente uma resposta à Palavra de Deus. Quanto mais fiéis e disciplinados formos em cultivar esses momentos a sós com Deus, mais fácil será orar “continuamente” (1 Tessalonicenses 5.17) e “permanecer em Cristo” (João 15.1-8), pois isso nos trará uma sensação contínua de sua presença nos intervalos desses “encontros privados” com ele.

GUIA DE ESTUDO – CAPÍTULO 8

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Diante da afirmação de que “a Bíblia está ultrapassada”, como você responderia?
2. E se um cristão lhe dissesse “Eu tento orar, mas parece que não funciona”?
3. Até que ponto a forma como você vem orando e lendo a Bíblia o está ajudando? O que poderia fazer para tornar essa prática mais útil?

Promessas

Orações respondidas – João 15.7
 Paz de espírito – Filipenses 4.6-7

Orações

Nº 9 na p. 238 – pela leitura da Bíblia
 Nº 10 na p. 238 – por ajuda para aprender a orar

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo bíblico

Lucas 24.13-32

Estudo em grupo

Estudem juntos o texto acima usando as sugestões de *Ore! Pense! Lembre!* apresentadas neste capítulo (pp. 176 a 178). E então, quanto a *Obedeça!*, compartilhem: como vocês poderiam ajudar um ao outro?

Resposta

Dedicar algum tempo à oração usando os cinco “olhares direcionados” expostos nas páginas 181 a 187.

Verificação

Você lê a Bíblia e ora regularmente todo dia, como seria o ideal?

LEITURA RECOMENDADA:

CELEBRAÇÃO DA DISCIPLINA: O CAMINHO DO CRESCIMENTO ESPIRITUAL – Richard J. Foster, 240 pp. – Editora Vida.

ORAÇÕES DO POVO DE CRISTO – Vários autores, 76 pp. – Encontro Publicações.

ORANDO EM FAMÍLIA – Devocionário – Encontro Publicações

ETD – volume(s) selecionado(s) sobre Como Estudar a Bíblia – Encontro Publicações.

ORANDO COM A BÍBLIA – Alcides Jucksh, 218 pp. – Encontro Publicações.

9 A VIDA EM COMUNHÃO E A CEIA DO SENHOR

A primeira condição para garantirmos uma vida cristã cada vez mais robusta e salutar é mantendo uma relação íntima com Deus através da leitura diária da Bíblia e da oração. A segunda é que haja no seio da comunidade cristã uma comunhão íntima dos irmãos. A vida cristã não pode ser vivida isoladamente (exceto na circunstância muito improvável de se estar vivendo como náufrago em uma ilha deserta!). Aliás, depois de experimentar os prazeres de uma vida em comunhão, ninguém vai querer se privar disso!

COMUNHÃO É IMPORTANTE

Mesmo assim, para muita gente, principalmente quem é novo convertido, a perspectiva de tornar-se membro de uma igreja não é nada convidativa e às vezes é até constrangedora. Na verdade essas pessoas se sentem pouco à vontade na igreja. O ideal de uma comunidade multicultural parece muito bom; mas a realidade que experimentam está muito longe disso. Ninguém expressou

com mais pungência esse sentimento de estranheza em relação à igreja do que C. S. Lewis. Ele escreve que quando, depois de sua conversão do ateísmo ao cristianismo, começou a freqüentar a igreja aos domingos e a capela de sua faculdade durante a semana, achou a idéia de aderir a uma igreja “totalmente sem atrativos”. E explica:

Mas embora eu gostasse de clérigos tanto quanto de ursos, tinha tão pouca vontade de ir à igreja quanto de visitar um zoológico. Para começo de conversa, era uma espécie de organismo coletivo; um tal de “reunir-se” que era totalmente sem graça... Para mim, religião tinha mais a ver com homens piedosos que oravam sozinhos e se encontravam de dois em dois, ou de três em três, para conversar sobre questões espirituais. E depois, toda aquela agitação, aquela amolação e perda de tempo com os sinos, as multidões, os guarda-chuvas, os avisos, o vaivém, o perpétuo planejar e organizar. Os hinos eram (e ainda são) para mim extremamente desagradáveis. De todos os instrumentos musicais, o que eu menos gostava (ainda hoje) era o órgão. Além disso, tenho uma espécie de acanhamento espiritual que me torna inepto para participar de qualquer rito.¹

Para quem já é membro de igreja há muitos anos, ou freqüentou a igreja a vida inteira, é difícil entender as dolorosas adaptações temperamentais e culturais pelas quais muitos novos convertidos muitas vezes têm de passar. É verdade que há alguns não têm esse problema, pois saem da alienação em que viviam antes de se converter e encontram uma comunidade de aceitação que nunca haviam experimentado antes e que só lhes traz alívio e exultação. É com aqueles que encontram dificuldades que eu me preocupo. Precisamos ser mais sensíveis e simpáticos em relação a

eles e fazer o melhor possível para tornar sua transição para a comunidade cristã o mais indolor possível. Mas temos também de encorajá-los a perseverar, já que ser membro comprometido de uma igreja é uma parte indispensável (e, uma vez adaptado, uma experiência extremamente gratificante) do nosso discipulado cristão. Como disse John Wesley certa vez, “transformar o cristianismo em uma religião solitária é destruí-lo”. Com certeza, ele possui um aspecto solitário (uma relação pessoal com Deus através de Cristo), mas tem também um aspecto social (comunhão com outros crentes). O mesmo Jesus que no Sermão do Monte nos ensinou a orar em secreto (“quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em secreto” – Mateus 6.6), também disse para quando orarmos dissermos “Pai nosso” (Mateus 6.9), o que só podemos fazer quando estamos junto com outros.

MEMBROS DO SEU CORPO

O propósito de Deus – que foi concebido em uma eternidade passada, está sendo trabalhado na história e será aperfeiçoado na eternidade por vir – não é salvar almas individuais isoladas uma da outra e assim perpetuar nossa solidão, mas construir uma igreja, congregar um povo seu proveniente de toda nação e cultura. O Novo Testamento retrata essa sociedade divina através de muitas metáforas que expressam vida e participação. Nós somos irmãs e irmãos na família de Deus, cidadãos de seu reino e pedras de seu templo (ver Efésios 2.19-22). Somos também ovelhas do

rebanho de Cristo, galhos da videira e membros do seu corpo (João 10.14-16; 15.1-8; 1 Coríntios 12.27). Nós pertencemos incontestavelmente uns aos outros, porque pertencemos incontestavelmente a ele.

Isso não é apenas uma declaração de fé, é um fato. Eu mesmo posso testemunhar esse fato de experiência própria. Como tenho o privilégio de viajar muito eu tenho encontrado outros cristãos nos seis continentes. Já participei de cultos junto com eles em grandes catedrais medievais da Europa, em barracos e favelas da América Latina, com esquimós no ártico canadense e debaixo de árvores no calor tropical da África e da Ásia. Sou recebido com muita amabilidade por irmãs e irmãos em Cristo, sempre com um sorriso e muitas vezes também com um abraço ou um beijo, embora nunca tenhamos nos encontrado antes e mesmo quando não temos condições de entender a língua um do outro. O fato é que a igreja cristã é a maior família do mundo e a única comunidade multirracial, multinacional e multicultural existente. Contaram-me que quando a conhecida antropóloga americana Margaret Mead viu em Vancouver, em 1983, os milhares de cristãos do mundo inteiro reunidos na Sexta Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas, ela exclamou: “Vocês são uma impossibilidade sociológica!”. Mas o que é impossível aos seres humanos é possível para Deus. Através de Jesus Cristo ele quebrou as barreiras que nos dividiam e ao reconciliar-nos com ele nos reconciliou uns com os outros.

A comunhão cristã não é só um artigo de fé e uma gloriosa realidade; é também uma ajuda enorme. O fato de sermos membros de uma igreja exerce uma influência estabilizadora sobre nós.

Da mesma maneira que a família humana provê suporte para os seus membros mais jovens quando estão passando pelos anos turbulentos da adolescência, assim também a sociedade divina pode nos manter firmes quando somos assolados pela tentação, tribulação ou dúvida. Ou, permita-me mudar a metáfora. Um pastor escocês foi visitar um membro da igreja que recentemente havia faltado ao culto no domingo. Ele sentou-se em silêncio diante do fogo. Depois de um tempo, inclinou-se para frente, pegou a tenaz, tirou um carvão em brasa do fogo e depositou-o no chão da lareira. Ele deu uns estalos, soltou algumas fagulhas e depois apagou. Então o pastor pegou-o e o colocou de novo junto com as outras brasas. Dentro de poucos segundos ele estava ardendo de novo. O ministro partiu, sem ter dito uma única palavra em todo o decorrer de sua visita. Mas no domingo seguinte o faltante estava de volta à igreja.

É bem provável que você, caro leitor, já possua vínculos com uma igreja local e que esteja até se preparando para tornar-se um membro ativo. Mas, se por acaso não for este o caso, eu gostaria de aconselhá-lo a corrigir essa situação o mais cedo possível. É completamente anormal, senão de fato impossível, pretender ser membro da igreja universal e invisível sem pertencer a uma manifestação local e visível dela. Aconselho-o também a não ser um “cigano”, sempre passando de uma igreja a outra, mas sem endereço fixo. Ao invés disso, una-se a uma igreja, encontre o seu lugar, apresente-se aos outros e comece a participar regularmente dos cultos aos domingos. Se suas circunstâncias permitirem, é bom freqüentar também alguma das atividades da igreja durante a se-

mana, quer seja um estudo bíblico ou reunião de oração no templo, ou (melhor ainda) um grupo de comunhão que reúna algumas pessoas do seu bairro. É nesses pequenos encontros que os membros têm a oportunidade de conhecer melhor uns aos outros e de encorajar-se mutuamente no Senhor.

Embora possamos, assim como Jesus, que foi apelidado de “amigo de publicanos e pecadores”, ter um amplo círculo de amigos que não são crentes, agora vamos descobrir que em Cristo podemos experimentar amizades mais profundas do que já conhecíamos antes. Como escreveu o falecido Stephen Neill, “amizade entre os amigos de Jesus de Nazaré é diferente de qualquer outra amizade”.² Aqueles dentre nós que já experimentaram as bênçãos de uma amizade cristã profunda podem testemunhar o valor daquilo que os autores mais antigos chamavam de “amigo de alma”, com quem podemos compartilhar nossas dúvidas e temores, problemas e tentações, alegrias e esperanças. Além disso, presumindo que alguns de meus leitores sejam solteiros, há uma coisa que preciso dizer aqui: quando um cristão decide se casar, só é livre para fazê-lo com outro cristão, pois o “jugo desigual” entre um cristão e um não-cristão é proibido (2 Coríntios 6.14). O casamento é uma união muito íntima e sagrada para ser física, social e intelectual mas não espiritual.

A CEIA DO SENHOR

A maioria das igrejas concorda que a principal expressão da comunhão entre o povo cristão é o culto da Santa Ceia. Paulo chamava de “a ceia do Senhor” (1 Coríntios 11.20), o que indicava que ela é a ceia de comunhão dos discípulos, através do convite do seu Senhor. Instituída pelo próprio Jesus durante a sua última noite no mundo, desde lá ela é reconhecida quase universalmente como o coração, o elemento mais essencial do culto cristão. Lucas parece indicar que, pelo menos na Ásia Menor em 47 d.C., era costume das igrejas se reunirem no primeiro dia de cada semana “para partir o pão” (Atos 20.7); o Dia do Senhor seria incompleto sem a Ceia do Senhor. Algumas igrejas de hoje procuram resgatar a centralidade dessa celebração mantendo-a todo domingo como o culto principal. Outras acreditam que podem enfatizar melhor sua importância oferecendo um Culto de Comunhão para toda a família da igreja um domingo por mês.

O equivalente no Antigo Testamento à Ceia do Senhor era a Páscoa, embora esta fosse celebrada apenas uma vez por ano. Os israelitas receberam as instruções: “Quando os seus filhos lhes perguntarem: ‘O que significa esta cerimônia?’, respondam-lhes: É o sacrifício da Páscoa do Senhor”. Eles deveriam explicar sua origem no êxodo do Egito (Êxodo 12.25-27). De semelhante modo, é importante que façamos e respondamos perguntas sobre o significado do culto de Comunhão. Eu sugiro aqui quatro temas principais relacionados a isso. Embora escreva como anglicano, creio que esses tópicos representam um consenso entre todas as igrejas protestantes. Talvez alguns achem minha explanação analítica de-

mais e até um tanto polêmica. Mas se quisermos continuar frequentando o culto regularmente e aprender a apreciá-lo cada vez mais, precisamos refletir sobre o seu significado e encarar as diferenças de interpretação.

1 *Recordação*

O significado mais simples e mais óbvio da Ceia do Senhor é que ela comemora a morte de Jesus Cristo na cruz. De acordo com os primeiros relatos de sua instituição, que Paulo preservou, Jesus tomou o pão e o partiu, referiu-se a ele como “meu corpo” e disse: “Façam isto em memória de mim”. Do mesmo modo, depois da ceia, ele tomou o cálice, referiu-se a ele como sendo “a nova aliança do meu sangue” e repetiu o mandamento: “Façam isso, sempre que o beberem em memória de mim” (1 Coríntios 11.23-25). Portanto, tanto pelo que fez com o pão e o vinho (partindo o primeiro, derramando o segundo) como pelo que disse a respeito deles (“isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”), Jesus estava chamando atenção para a sua morte e o seu propósito e exortando-os a que se lembrassem dele dessa forma.

A Igreja Anglicana, por exemplo, sempre reconheceu o valor dessa lembrança. Uma orientação para a celebração da Ceia, datada de 1662, diz assim:

Para que sempre lembremos o amor infinitamente grande demonstrado pelo nosso Mestre e único Salvador Jesus Cristo ao morrer por nós, e os inumeráveis benefícios que ele conquistou para nós ao derramar seu precioso sangue, ele

instituiu e ordenou santos mistérios como sinais do seu amor e para uma lembrança contínua de sua morte, para nosso grande e infindável conforto.

Ou, para simplificar (citando ainda o antigo Catecismo Anglicano), a Ceia do Senhor foi instituída “para contínua lembrança do sacrifício da morte de Cristo e dos benefícios que nos advêm disso”. Para gravar isso em nossas mentes e em nossa memória, o pastor oficiante imita o que Jesus fez e repete as palavras que ele proferiu no cenáculo, a “sala do andar superior” (Lucas 22.7-20). É essencial que o que o pastor diz seja audível e o que ele faz seja visível para a congregação, para que possamos ver, ouvir, entender e lembrar, assim como os apóstolos devem ter feito na última Ceia.

2 *Participação*

Jesus fez mais do que tomar o pão e parti-lo dizendo “este é o meu corpo” e tomar o cálice e derramar o vinho dizendo “este é o meu sangue”; ele também deu os elementos aos apóstolos, dizendo “tomem, comam e bebam”. Assim, eles não foram simples espectadores da peça (olhando e ouvindo), mas sim participantes dela (comendo e bebendo). Do mesmo modo, hoje a Ceia do Senhor é mais do que uma “comemoração” pela qual nos lembramos de um evento do passado; é uma “comunhão” por meio da qual compartilhamos dos benefícios presentes. Foi isso que o apóstolo Paulo enfatizou ao escrever: “Não é verdade que o cálice

da bênção que abençoamos é uma participação no sangue de Cristo, e que o pão que partimos é uma participação no corpo de Cristo?” (1 Coríntios 10.16).

Com isso, é incontestável que em algum sentido nós, através da Comunhão, estamos “participando” no corpo e no sangue de Cristo. Mas agora nos confrontamos com duas perguntas. Primeira, *no que* exatamente nós estamos participando? Segunda, *como* participamos nisso?

Em primeiro lugar, *no que*, de acordo com o propósito de Deus, nós participamos ao tomarmos a Ceia do Senhor? A resposta é clara: “no corpo e no sangue de Cristo”. Mas, o que significa isso? Significa a morte de Jesus Cristo, junto com os benefícios que ele obteve para nós por meio de sua morte. É importante deixar isso bem claro, pois certas pessoas ensinam que “o corpo e o sangue de Cristo” significa sua vida, não sua morte. Já que nosso corpo é o instrumento de nossa pessoalidade, argumentam, e sendo nosso sangue o portador do oxigênio que transmite a vida, então o corpo e o sangue de Cristo, juntos, simbolizam a sua pessoalidade viva, e é isso que nós recebemos na Comunhão. Mas não foi isso que o próprio Jesus disse. Ele falou do seu corpo, não como ele viveu na Palestina, mas como foi “dado” na cruz; e do seu sangue, não como fluía nas suas veias enquanto ele vivia, mas como foi “derramado” na sua morte sacrificial. Assim, “o corpo e o sangue de Cristo” é uma figura de linguagem que representa os benefícios de sua morte, não o poder de sua vida.

E quanto à segunda questão, *como* nós participamos no corpo e no sangue de Cristo? É aqui que as respostas diferem entre as diferentes igrejas.

A visão da Igreja Católica Romana foi definida no Quarto Concílio Lateranense de 1215, e confirmada bem mais recentemente (1965), na encíclica papal *Fidei Mysteriorum*. Segundo ela, no momento da consagração a substância (ou “realidade interior”) do pão e do vinho transforma-se miraculosamente no corpo e no sangue de Cristo – o que tradicionalmente se chama de “transubstanciação”. Dessa forma, comer e beber os elementos é, *ipso facto*, tornar-se parte de Cristo.

As Igrejas Reformadas rejeitaram essa doutrina e adotaram outras posições, associadas particularmente com a compreensão de Zuínglio, Lutero ou Calvino acerca do assunto. Zuínglio foi o que mais se distanciou em sua oposição a Roma. Ele insistia em que o pão e o vinho eram meros símbolos e a Ceia do Senhor nada mais era do que uma ceia comemorativa.

Lutero, no entanto, sustentava que a Ceia do Senhor consistia de mais do que sinais e símbolos, já que as palavras da instituição (“este é o meu corpo”, “este é o meu sangue”) eram uma promessa, tanto de perdão como da presença real de Cristo. Lutero apegou-se às próprias palavras de Cristo para sustentar seu argumento. Assim como todas as palavras da Escritura, dizia, estas também precisam ser tomadas no seu sentido puro e literal; não há necessidade alguma de se ficar investigando ou questionando seu significado ou seu propósito. A nós, só cabe humilhar-nos diante

da Palavra de Deus, crer e obedecer. Assim, nossa resposta à Palavra é uma combinação de fé, obediência e humildade. Lutero sentia-se compelido a permanecer fiel à Palavra de Deus, independente de entendê-la ou não.

Lutero, portanto, cria que Cristo estava realmente presente “com, sob e nos” elementos da Ceia. Isso os luteranos chamam de “consubstanciação”, se bem que Lutero mesmo não tenha usado este termo. Trata-se da visão de que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes no pão e no vinho, mas sem substituí-los. É uma espécie de co-existência, o que é de certa forma similar à Encarnação, pela qual Deus se fez presente na humanidade de Cristo.

Se Zuínglio e Lutero se situaram em pólos opostos quanto à compreensão da Ceia, já Calvino manteve-se numa posição intermediária. A Confissão Anglicana faz duas declarações significativas quanto à transubstanciação: que ela não pode ser provada a partir da Escritura e que ela destrói a natureza de um sacramento ao confundir o signo com o significado. E diz especificamente que aqueles que não têm uma fé viva “de maneira alguma são participantes de Cristo”, mesmo que recebam o sacramento. Mas então, se não é comendo e bebendo os elementos da Ceia que recebemos a Cristo, como é que isso acontece? Segundo Calvino, isso se dá pela fé, da qual o comer e o beber são uma simbologia. Pois do mesmo modo que ao comer o pão e ao tomar o vinho nós os integramos ao nosso corpo e os assimilamos, assim também pela fé nos alimentamos de Cristo crucificado em nosso coração e o tornamos parte de nós. Disso decorre a afirmação de que aque-

les que “justamente, dignamente e com fé” recebem os sacramentos também participam no corpo e no sangue de Cristo, e que “o meio pelo qual o corpo de Cristo é recebido e comido na Ccia é pela fé”^[1]. De semelhante modo, o famoso teólogo do século dezesseis Richard Hooker escreveu: “A verdadeira presença do corpo e do sangue abençoados de Cristo não deve ser buscada no sacramento, mas em receber dignamente o sacramento”.³

Como vimos em um capítulo anterior, o batismo e a Santa Ceia nos foram dados para estimular a nossa fé. De fato, eles são meios de graça, principalmente porque são meios de fé. E a Ceia do Senhor é um meio de fé porque através do seu dramático simbolismo visual ela comunica a boa nova de que Cristo morreu pelos nossos pecados para que pudéssemos ser perdoados. Hugh Latimer, grande pregador da Reforma Inglesa, explicou este simbolismo durante o seu julgamento em Oxford, antes de ir para a fogueira:

Existe uma mudança no pão e no vinho, e tamanha mudança que nenhum poder, a não ser a onipotência de Deus, pode fazer, em que aquilo que antes era pão deve ter agora a dignidade de exibir o corpo de Cristo. E mesmo assim o pão continua sendo pão, e o vinho ainda é vinho. Pois a mudança não ocorre na natureza destes, mas na sua dignidade.⁴

Isso às vezes é chamado de “transignificação”, para diferir da “transubstanciação”, uma vez que a mudança que se dá na mente é uma mudança de significação, não de substância. Assim como o

[1] Artigos 28 e 29 da Confissão Anglicana.

oficiante oferece o pão e o vinho para os nossos corpos, assim também Cristo oferece seu corpo e seu sangue para as nossas almas. A nossa fé enxerga além dos símbolos e vê a realidade que eles representam; assim, ao comermos o pão e bebermos o vinho, mesmo que estejamos nos alimentando deles com a nossa boca, em nosso coração estamos, pela fé, nos alimentando de Cristo crucificado. O paralelo é tão surpreendente, e as palavras de ministração correspondentes tão pessoais, que o momento de receber a Ceia se torna para muitos participantes um encontro direto de fé com Jesus Cristo. Foi assim, por exemplo, no caso de Susana, a mãe de John Wesley, um pouco mais de um ano depois da conversão de seu filho. Ao receber o cálice e ouvir o ministro dizer “O sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dado por ti”, no mesmo instante “a palavra penetrou meu coração e eu soube que Deus, através de Cristo, havia perdoado todos os meus pecados”.⁵

3 *Comunhão*

Cinco vezes em 1 Coríntios 11, no espaço de dezoito versículos, o apóstolo Paulo usa o verbo “reunir-se” em relação à Ceia do Senhor. Pelo jeito ele também a considerava o encontro principal do povo de Deus no Dia do Senhor.

Nos cultos de Comunhão, esse “reunir-se” deveria ser facilitado pela disposição dos móveis. Voltando à realidade da igreja à qual eu pertenço, já em 1662 havia uma orientação segundo a qual a mesa da Santa Ceia deveria “ficar no centro da igreja ou no

santuário”. A intenção era que a congregação se ajoelhasse em volta dela, como uma família reunida para uma refeição. Lamentavelmente, mais tarde se estipulou (em parte porque nem sempre era tratada com o devido respeito) que a mesa da Comunhão ficasse encostada contra a parede oriental do santuário e fosse protegida por uma grade. Mais recentemente, no entanto, muitos dos nossos templos foram reestruturados e a mesa da Comunhão desceu para a nave da igreja, permitindo assim que as pessoas se reúnam em volta dela. E ao ficarmos em pé ou ajoelhados em volta da mesa, todos nós – homens e mulheres, pais e filhos, gente proveniente de diferentes contextos raciais – expressamos e experimentamos a nossa unidade sem diferenciação em Cristo.

O partir do pão demonstra isso. Não apenas pelo fato de que por séculos, na cultura do Oriente Médio, “partir o pão juntos” é a maneira pela qual as pessoas declaram e firmam o seu compromisso uns com os outros, mas também porque a natureza e os meios de nossa unidade estão simbolizados no pão que comemos. “Por haver um único pão,” Paulo escreveu, “nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão” (1 Coríntios 10.17). Para preservar esse simbolismo tão vívido, melhor seria usar pão de verdade ao invés de hóstia, permitindo a cada participante receber um pedacinho do mesmo pão, pois cada um é um membro do mesmo corpo, o corpo de Cristo, a igreja. Além disso, sendo o pão um símbolo de nosso Salvador crucificado, é a nossa participação comum nele (demonstrada visivelmente no fato de todos participarmos da Ceia) que nos torna um.

A Ceia do Senhor, que é a ceia de comunhão da igreja na terra, é também uma antecipação da festa no céu. Paulo diz que sempre que comemos o pão e bebemos do cálice nós anunciamos “a morte do Senhor até que ele venha” (1 Coríntios 11.26). Pois, quando vier, ele consumará o seu Reino e o símbolo dará lugar à realidade.

4 *Agradecimento*

“Eucaristia” (de *eucharistia*, a palavra grega para ação de graças) foi desde muito cedo um nome usado para a Santa Ceia, e é cada vez mais utilizada em nossos dias. De fato, esse culto é uma ocasião apropriada para se agradecer a Deus por todas as suas misericórdias, tanto na criação e providência como na redenção. Ao mesmo tempo, como vimos, é na morte de Cristo que devemos estar concentrados, já que é disso que nos falam os dois elementos. A intenção de Jesus não foi que eles fossem símbolos do nosso trabalho (pão e vinho feitos por mãos humanas a partir de trigo e uvas), mas sim da sua obra (seu corpo dado e seu sangue derramado na cruz). Portanto, o foco de nosso agradecimento na Eucaristia deveria ser o maravilhoso amor de Deus por nós demonstrado na morte de seu Filho em nosso lugar e na salvação que ele nos concedeu como consequência disso.

É nesse sentido que a Ceia do Senhor é – ou melhor, inclui – um “sacrifício”. No decorrer do culto nós pedimos a Deus que aceite “esse nosso sacrifício de louvor e gratidão”. Eu confesso que quando fui confirmado, na minha época de escola^[2], eu achava a

Santa Ceia um “sacrifício” porque ela acontecia às oito horas no domingo de manhã, e para mim parecia um sacrifício considerável levantar tão cedo para participar dela!

Mas então, o que se quer dizer com “sacrifício da Eucaristia”? Em que sentido a eucaristia pode ser considerada um sacrifício ou uma oferta? A resposta católica tradicional seria que é uma oferta de Cristo para Deus. Durante o terceiro encontro do Concílio de Trento (1562–1563) afirmou-se que no sacrifício da missa “está contido e é imolado, sem sangue, o próprio Cristo que uma vez se ofereceu com sangue na cruz, e . . . que esse sacrifício é propiciatório . . .”.⁶ Essa noção de que no altar da missa Cristo é oferecido a Deus, como um sacrifício propiciatório pelos nossos pecados, foi rejeitada pelos Reformadores, que estavam determinados a retornar à Escritura. Para eles a missa católica aviltava o sacrifício único e plenamente satisfatório de Cristo na cruz. Então, para serem coerentes, eles evitavam cautelosamente qualquer uso da palavra “altar”, substituindo-a por “a Santa Mesa”, “a Mesa do Senhor” ou simplesmente “a Mesa”, pois viam o oficiante da Comunhão não como um sacerdote que estava sacrificando em um altar, mas como um ministro que servia à mesa.⁷ Ele está administrando um sacramento ao povo, não oferecendo um sacrifício a Deus.

Hoje em dia a Igreja Católica Romana, embora não tenha rescindido oficialmente os cânones do Concílio de Trento, vem

[2] O rito da Confirmação, usado nas Igrejas Reformadas, se dá por volta dos catorze anos de idade.

tentando reformular a sua doutrina do culto da eucaristia em termos que sejam menos ofensivos à consciência protestante. Eles afirmam claramente que a morte de Cristo “foi o único, perfeito e suficiente sacrifício pelos pecados do mundo inteiro” e que “não pode haver repetição e nada se pode acrescentar àquilo que Cristo conquistou ali de uma vez por todas”.⁸ Mas também, ao dizer que Cristo se ofereceu por nós, referem-se à igreja como participante dessa oferta, de modo que nós compartilhamos dela. Acontece que essa linguagem é perigosamente ambígua; afinal, nós só participamos do sacrifício de Cristo no sentido de que compartilhamos dos benefícios desse sacrifício, não no sentido de que somos parte dele.

Qual é, então, a relação entre nós e o sacrifício de Cristo? A relação é múltipla. Nós lembramos o seu sacrifício com grata adoração. Participamos pela fé de seus benefícios salvíficos. Desfrutamos juntos da comunhão que ele nos possibilitou. E, como resposta, oferecemo-nos também em sacrifício a Deus. No entanto, não participamos nem podemos fazer parte da oferta que Cristo fez de si mesmo. Sugerir isso é confundir duas coisas que precisam permanecer claramente distintas: a sua oferta e a nossa, “a perfeita e a maculada, a expiatória e a eucarística, a iniciativa divina e a resposta humana”.⁹

A ESTRUTURA DO CULTO

As diversas denominações desenvolveram as suas próprias tradições para a celebração ou administração da Ceia do Senhor, algumas mais, outras menos elaboradas, mas praticamente todas com o mesmo padrão básico. Geralmente, seja isso fato consciente ou não, o culto se divide em três partes que vamos identificar como “Ante-Comunhão” (a preparação da congregação), “Comunhão” (a oração eucarística ou ação de graças pelo pão e pelo vinho, seguida da distribuição dos elementos) e “Pós-Comunhão” (a oração final e despedida do povo). Nas igrejas mais litúrgicas essa estrutura tende a ser elaborada como segue.

1 *Ante-Comunhão*

Mais uma vez, permitam-me abordar o assunto partindo da realidade da minha igreja. Quem elaborou a liturgia anglicana foi o Arcebispo Thomas Cranmer. Como ele levava muito a sério as condições sob as quais os pecadores devem ser encorajados a participar da Mesa do Senhor, muitos acham que ele exagerou na preparação penitencial. Todos nós gostamos do espírito de alegria e celebração que permeia a maioria das liturgias modernas. Pode-se argumentar, no entanto, que ela reflete uma reação exagerada. Não é fácil combinar arrependimento e celebração num mesmo momento de culto. De qualquer maneira, em muitos cultos protestantes ainda se discernem os três aspectos preparatórios da liturgia mencionada. Diante da pergunta “O que se pede daqueles que vêm à Ceia do Senhor?”, vem a resposta: “Examinem a si



mesmos, se eles se *arrependem* verdadeiramente de seus pecados anteriores, propondo-se firmemente a levar uma nova vida; se têm uma fé viva na misericórdia de Deus através de Cristo, com uma grata recordação de sua morte; e se vivem em *caridade* com todos os homens”. Arrependimento, fé e amor são, portanto, delineados como condições para se vir à Mesa do Senhor; e a Ante-Comunhão nos dá uma oportunidade de cumpri-las publicamente.

A prática de recitar os Dez Mandamentos em público é muito saudável hoje em dia, quando a lei de Deus é pouco conhecida e bastante depreciada. Precisamos ouvir pelo menos a síntese que Cristo fez da lei, nos dois mandamentos de amar a Deus e amar ao próximo. Pois é a lei que revela e condena os nossos pecados, e assim nos chama ao arrependimento. Então, se a lei nos conduz ao arrependimento, é o evangelho que nos conduz à fé.

Após a leitura das passagens de uma Epístola e um Evangelho, e às vezes também do Antigo Testamento, segue-se uma exposição bíblica. Em algumas igrejas recita-se, depois disso, o Credo Niceno como uma resposta de fé à palavra de Deus lida e exposta.

Mas não basta estarmos em uma boa relação com Deus em penitência e fé se, por outro lado, a relação com os nossos semelhantes, quer homens ou mulheres, não estiver correta. O amor, portanto, completa o trio. Ele se expressa na nossa intercessão pelos outros, nas nossas ofertas (já que em muitas igrejas é costume que a oferta da Comunhão seja destinada aos necessitados) e especialmente na troca da Paz. Os apóstolos, tanto Paulo como Pedro, ordenaram aos irmãos que cumprimentassem uns

aos outros com um “beijo santo” (2 Coríntios 13.12; 1 Tessalonicenses 5.26) ou com um “beijo santo de amor” (1 Pedro 5.14). A recente recuperação desse costume em muitas igrejas ao redor do mundo (seja através de um abraço, um aperto de mão ou o que for apropriado para cada cultura) é muito bem-vinda, contanto que permaneça como um gesto autêntico de reconciliação em Cristo.

Somente depois dessa expressão de arrependimento, fé e amor é que, no Livro de Orações de 1662, o ministro colocou a exortação: “Vocês que se *arrependem* verdadeiramente e sinceramente de seus pecados, e que estão em *amor* e caridade com o seu próximo... aproximem-se com fé...”. Quando, hoje em dia, isso não é pronunciado, eu sinto falta, pois tem o efeito de “cercar a Mesa” (como os presbiterianos colocam), isto é, de deixar claras as condições para se receber a Comunhão. Com certeza, a Mesa está aberta aos pecadores; caso contrário, quem dentre nós poderia chegar a ela? Mas são os cristãos *penitentes* que são bem-vindos à Ceia do Senhor.

2 Comunhão

Logo antes da distribuição dos elementos vem o que Cranmer chamou de “A Oração de Consagração” e o que hoje geralmente se conhece como “A Oração de Ação de Graças” ou “A Oração da Eucaristia”. A bela oração de Cranmer começava com uma elaborada declaração da “terna misericórdia” de Deus em dar seu Filho para morrer na cruz, “que fez ali (ao oferecer se a si

mesmo de uma vez por todas) um sacrifício, oblação e satisfação total, perfeito e suficiente, pelos pecados do mundo inteiro”. O estilo poderia ser tachado de “empolado” por aqueles que vivem em busca de erros, mas pelo menos ninguém poderia ouvir essa afirmação domingo após domingo sem perceber a finalidade e suficiência do sacrifício expiatório de Cristo. A seguir, Cranmer introduziu uma oração pedindo que aqueles que estivessem recebendo o pão e vinho pudessem também compartilhar do corpo e do sangue de Cristo; e concluiu com a narrativa da instituição da Ceia, na qual o oficiante repetia as palavras e ações de Cristo, e *assim consagrava os elementos para o uso especial na Comunhão*.

Algumas liturgias recentes estão construídas em cima de um padrão diferente, baseado nas quatro ações sucessivas de Jesus na “sala do andar superior” (Lc 22). Primeiro ele “tomou” o pão e o vinho em suas mãos. Em seguida ele “deu graças”. Depois “partiu” o pão em pedaços. Por último ele “dêu” os elementos aos apóstolos reunidos em torno dele. Esse formato em quatro etapas ainda pode ser seguido hoje. Primeiro, aquele que preside toma o pão e o cálice em suas mãos. Depois ele dá graças, conduzindo a congregação numa oração de gratidão; esta pode abranger desde a criação, a encarnação, a crucificação, a ressurreição, a exaltação e o dom do Espírito Santo, se bem que, a meu ver, a ênfase do próprio Cristo na centralidade da cruz nem sempre é suficientemente acentuada. Em seguida o oficiante parte o pão, que já foi consagrado na oração de ação de graças, e transmite à congregação as palavras da instituição ecoadas em 1 Coríntios 10.16-17. E finalmente ele compartilha os elementos com as pessoas, geralmente envolvendo outros na distribuição.

3 *Pós-Comunhão*

No culto de Comunhão elaborado por Cranmer havia uma conclusão bastante complexa, que consistia da Oração Dominical (o Pai-Nosso), uma oração de consagração, o Glória e a Bênção. Quase todo mundo concorda que isso é muito longo, e alguns até se arriscariam a dizer que se constitui num anticlímax. O seu grande valor, no entanto, é que a primeira oração, que pede a Deus que “aceite este nosso sacrifício de louvor e gratidão”, é deliberadamente separada da oração de consagração e ainda vem depois de receber os elementos. Desse modo fica bem claro, e sem margem para qualquer dúvida, o fato de que o nosso sacrifício é uma *resposta* de gratidão ao sacrifício *de Cristo* e que não é de maneira alguma parte do que ele fez.

As liturgias modernas, ao contrário da de Cranmer, tendem a considerar a própria Comunhão como o clímax do culto e portanto abreviam a conclusão. Às vezes elas consistem de uma única oração e bênção. A oração, então, deveria combinar um agradecimento pelo corpo e sangue de Cristo, um oferecimento de nós mesmos como sacrifícios vivos e uma oração para que sejamos enviados ao mundo para viver de acordo com a Sua glória. Segue-se a bênção, junto com a despedida “Ide em paz para amar e servir ao Senhor”.

É desse serviço a Cristo no mundo que vamos tratar no último capítulo deste livro.

GUIA DE ESTUDOS – CAPÍTULO 9

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. O que você considera mais valioso na Ceia do Senhor? Como você poderia melhorar isso?
2. O que você mais gosta e o que menos gosta quanto à comunhão na sua igreja? O que poderia fazer de positivo para solucionar isso, sem desapontar outras pessoas?

Promessa

A fidelidade de Deus – Josué 1.9; Isaías 41.10.

Orações

- Nº 11 na p. 239 – pela nossa igreja local.
Nº 12 na p. 239 – para que as pessoas reconheçam cada vez mais a importância da Ceia do Senhor.

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo Bíblico

Lucas 22.1-32

Estudo em Grupo

Cada um na sua vez completa a frase “Duas das coisas que eu tenho gostado mais no grupo são ...” Quanto essas duas coisas são verdade em relação à comunhão na sua igreja? Como você poderia ajudar algumas delas a se tornarem mais verdadeiras?

Resposta

Participe de um Culto de Comunhão o mais cedo possível. Se vocês forem um grupo, compartilhem um juntos.

Verificação

Você é um membro comprometido de uma igreja local, participando (ou preparando) na celebração da Ceia do Senhor?

LEITURA RECOMENDADA:

SOPRO DO ESPÍRITO – 1 CORÍNTIOS: A CEIA DA UNIDADE NA COMUNIDADE – Págs. 97 à 105 – Encontro Publicações

LANÇAREI AS REDES: O SANGUE DA ALIANÇA – Págs. 254 à 258 – Encontro Publicações

O Novo Testamento apresenta Jesus Cristo como servo. Na verdade, ele é visto como *o servo*, “o servo do Senhor”, o pleno cumprimento das passagens sobre o servo encontradas em Isaías 42–53. Ele mesmo disse: “Nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir” (Marcos 10.45), e também: “Eu estou entre vocês como quem serve” (Lucas 22.27). Além disso, nos Evangelhos nós o vemos servindo a Deus através do serviço aos outros. Ele pregou, ensinou e curou. Alimentou os famintos e lavou os pés dos outros. Nenhum serviço era desprezível nem difícil demais para ele. Como Paulo diria mais tarde, ele “esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo” (Filipenses 2.7).

Agora Jesus nos chama a seguir os seus passos, a imitar e até mesmo aperfeiçoar os ideais de serviço que ele foi o primeiro a fazer. Aliás, é este o nosso chamado: “Assim como o Pai me enviou, eu os envio” (João 20.21; compare com 17.18). Nisso, como em tudo o mais, ele deve ser o nosso modelo. Devemos dedicar nossas vidas para servir, assim como ele fez. Nós somos, em primeiro lugar, *seus* servos, assim como ele foi o Servo do Senhor. Paulo, Pedro, Tiago e Judas não hesitaram em começar suas cartas no Novo Testamento designando a si mesmos como “um escravo

de Jesus Cristo”. Eles sabiam que Jesus os havia comprado e por isso eles eram possessão sua e tinham de estar a seu dispor. Em segundo lugar, a forma principal de servi-lo era servindo aos outros. “Embora eu seja livre de todos”, Paulo pôde escrever, “fiz-me escravo de todos” (1 Coríntios 9.19). Isso significa que como cristãos nós somos duas vezes servos, pois proclamamos “a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por causa de Jesus” (2 Coríntios 4.5).

TESTEMUNHO E SERVIÇO

Mas que forma o nosso serviço deveria ter? Eu quero defender um conceito muito mais amplo e completo de serviço cristão do que é costumeiro entre nós. Tanto “serviço” quanto “ministério” traduzem a mesma palavra grega, *diakonia*. É fato que, especialmente quando se antepõe o artigo definido, muitas vezes se pensa em “ministério” como algo limitado ao clero ordenado. Mas o ministério cristão é praticado na mesma proporção por leigos quanto por pastores, na sociedade secular assim como na igreja. Na verdade esta é uma palavra que inclui todo tipo de serviço prestado por alguém para alguém em nome de Cristo.

Primeiro, convém dizer que existem diferentes *formas* de ministério, em resposta a diferentes necessidades. Já que o próximo a quem devemos amar e servir é um ser integral (corpo e alma) que vive em comunidade, devemos preocupar-nos com o seu bem-

estar total – físico, espiritual e sócio-político. Todas as três áreas podem ser ministério cristão. A nossa preocupação principal é com o bem-estar espiritual eterno da pessoa, isto é, que ela possa conhecer a Cristo como seu Salvador e Senhor. Todos nós somos chamados a dar testemunho dele sempre que surja uma oportunidade. Mas o bem-estar material de nosso próximo também é da nossa conta, como nos ensina a parábola do Bom Samaritano. Não há e nunca houve necessidade de questionar qual dos dois é o mais importante, se evangelismo ou responsabilidade social. Esse debate só expressa um dualismo entre corpo e alma, entre este mundo e o próximo, que não encontra respaldo na Bíblia. Somos chamados tanto a testemunhar como a servir – as duas coisas são parte integrante de nosso ministério e missão como cristãos.

Segundo, há diferentes *tipos* de ministério, conforme o dom e a vocação de cada servo. Eles podem servir com suas orações, seus dons, seus interesses e capacidades, encorajando ou engajando-se em alguma atividade. Em terceiro lugar, existem diferentes esferas de ministério dependendo de onde Deus nos colocou, começando com nosso próprio lar e local de trabalho, continuando com nossa igreja local e vizinhança e culminando com as necessidades do mundo mais amplo. Um ministério verdadeiramente “holístico” vai compreender estes três aspectos. Obviamente Deus nos chama a nos especializarmos de acordo com nossa vocação, conforme os dons, os interesses e oportunidades de cada um. Mesmo assim, ministério cristão significa pessoas inteiras servindo pessoas inteiras no mundo inteiro.

Neste capítulo me concentrarei nas diferentes esferas do ministério cristão, sem esquecer suas diferentes formas e tipos. Essas esferas são cinco círculos concêntricos que vão se propagando, a começar do nosso “centro” pessoal (lar e trabalho), passando pela igreja e vizinhança, até atingir o mundo todo.

MINISTÉRIO CRISTÃO EM NOSSO LAR

De acordo com a Bíblia, o casamento é uma instituição divina e não humana, e “Deus faz que o solitário more em família” (Salmo 68.6). De fato, existe na Escritura uma forte ênfase no anseio de Deus por uma vida em família que seja estável, fonte de apoio, amor e enriquecimento. O seu ideal é que comecemos a vida em uma família, crescamos relacionando-nos com nossos pais, irmãos e irmãs (se os tivermos) até que (de acordo com o propósito geral de Deus) nos casemos e constituamos nossa própria família. E em cada estágio nós temos para com cada membro de nossa família uma responsabilidade dada por Deus. Os jovens não deveriam tratar sua casa como um hotel, embora, é claro, tenham a liberdade de desenvolver interesses fora dela. Os pais nunca deveriam se envolver tanto com sua profissão ou trabalho ou igreja, com as tarefas de sua comunidade ou atividades de lazer, a ponto de relegar seus filhos (ou cônjuge) a segundo plano. O livro de Provérbios tem muito a dizer quanto à responsabilidade dos pais em relação à educação dos filhos.

Existem tantos fatores na cultura ocidental moderna que contribuem para a desintegração das famílias (particularmente o divórcio e o abuso infantil) que se faz necessária uma ação positiva para mantê-los unidos. As famílias cristãs, em particular, deveriam ter uma postura consciente e não permitir que a televisão se torne um empecilho para as atividades familiares, quer sejam passeios, esportes, música, teatro, jogos ou leitura conjunta. E quando um ou outro membro da família deixar o lar é importante continuar mantendo contato através de cartas, visitas e telefonemas. Assim, quando todos os jovens tiverem partido e os pais ficarem sozinhos e forem envelhecendo, sabem que não serão esquecidos. Se alguns membros da família forem cristãos e outros não, nem precisa dizer que eles devem compartilhar Cristo com estes – não pregando sermões, mas orando fielmente por eles e vivendo uma vida abnegada e coerente enquanto esperam por uma oportunidade de lhes falar de Cristo com humildade e naturalidade.

O ministério cristão é bem mais amplo do que isso, mas a verdade é que “a caridade começa em casa”.

MINISTÉRIO CRISTÃO EM NOSSO TRABALHO

O local de trabalho é a segunda esfera na qual somos chamados a servir, a exercitar um ministério cristão. Há cristãos que entendem isso apenas em termos de evangelização – acham que o seu emprego é primordialmente uma oportunidade para testemu-

nhar aos seus colegas ou companheiros de trabalho. Isso é verdade, principalmente se eles forem os únicos cristãos ali, e especialmente se o seu testemunho se refletir acima de tudo na qualidade de seu trabalho. Mas o nosso trabalho diário tem o seu próprio valor como forma de ministério cristão, totalmente independente da questão evangelística. Nós precisamos de uma filosofia cristã de trabalho.

O lugar certo para começar é em Gênesis 1, onde vemos Deus como um trabalhador atencioso, criativo, diligente e responsável. Depois de criar o mundo, ele continuou supervisionando, sustentando e renovando-o. Então, ao criar os seres humanos à sua própria imagem, ele os fez igualmente trabalhadores criativos. Lembrar que ao trabalhar estamos sendo *como Deus* acrescenta honra e dignidade ao nosso labor. O nosso trabalho ganha mais importância ainda porque nos permite beneficiar a outros, tanto porque ao ganhar nosso salário podemos sustentar nossa família e ajudar os necessitados, quanto porque o produto de nosso trabalho contribui para o bem comum.

Existe, no entanto, uma visão ainda mais nobre de trabalho. Deus quer que o vejamos como uma forma de cuidarmos do que é dele por ordem dele, e até mesmo em parceria com ele, papel para o qual ele nos designou. Ele fez a terra e então disse aos seres humanos que a sujeitassem e dominassem (Gênesis 1.26-28). Ele plantou um jardim e então colocou Adão ali para o cultivar e cuidar (Gênesis 2.8, 15). Quer a tarefa seja global (a terra) ou local (o jardim do Éden), o princípio de mordomia era o mesmo. Deus repassou para administradores humanos a responsabili-

dade de proteger o meio ambiente e desenvolver seus recursos. Portanto, é mais do que o papel de mordomos, em que Deus é o senhor da terra e nós gerenciamos sua propriedade; é uma parceria genuína na qual Deus deliberadamente se humilha e pede a nossa colaboração. Ele cria; nós cultivamos. Ele planta; nós desenvolvemos. O que ele dá se chama “natureza”; a nossa contribuição chama-se “cultivo”. O cultivo é impossível sem a natureza, já que não teríamos nada a cultivar se Deus não tivesse dado. Mas a natureza, por sua vez, tem valor limitado sem o cultivo, já que Deus nos deu a matéria-prima e deixou para nós a tarefa de convertê-la em bens.

Cada trabalho honrado, quer seja manual ou mental, ou os dois, quer seja assalariado ou voluntário, por mais simples e humilde que seja, deve ser visto pelo cristão como uma espécie de cooperação com Deus, na qual nós participamos com ele na transformação do mundo que ele fez e submeteu aos nossos cuidados. Isto se aplica na mesma proporção a quem trabalha na indústria e no comércio, em repartições públicas e em qualquer profissão, assim como a donas-de-casa e mães de família. O grande mal do desemprego é que ele nega esse privilégio a algumas pessoas. Agora, de que forma vamos exercer a nossa parceria com Deus – em termos seculares, que carreira vamos seguir, que empregos vamos assumir – isso dependerá mais do que tudo do nosso temperamento e talentos, da educação e capacitação que recebemos. Todo cristão deveria dar tudo de si com a maior satisfação no serviço de Deus, de modo que tudo o que somos e tudo o que temos nos traga realização e não frustração.

MINISTÉRIO CRISTÃO EM NOSSA IGREJA

Geralmente quando as pessoas se referem a “ministério cristão” estão falando de trabalho na igreja, isto é, serviço feito na igreja e para a igreja, e em particular do trabalho dos pastores e líderes de igreja. Mas, como vimos, ministério não é uma coisa limitada ao clero e à igreja. Mesmo assim, nossa igreja local é uma esfera importante do ministério cristão. Todo cristão deveria ser membro de uma igreja, e todos os membros de igreja deveriam ser ativos no serviço de sua comunidade cristã.

É claro que em toda igreja existem muitos trabalhos voluntários que são desempenhados por um grupo nobre de heróis e heroínas geralmente não reconhecidos. Estou pensando em atividades como limpar a igreja, arrumar as flores, organizar aqui, consertar ali, servir o cafezinho, lavar os pratos, conferir a oferta, fazer os depósitos, cuidar da contabilidade, cantar no coral, tocar no culto, cuidar do som, recepcionar os novatos, cuidar da creche, ensinar na Escola Dominical, dirigir grupos, participar do presbitério, e assim vai. Estas e outras tarefas são vitais para o desenvolvimento tranqüilo de uma igreja.

O que é triste é que a visão de trabalho leigo na igreja geralmente pára por aí. O motivo é que há uma distinção rígida demais entre “clero” e “leigos”, com uma distinção secundária entre ministério “pastoral” (que é território do clero) e serviço “prático” (que os leigos podem desempenhar). Agora, é verdade que no Novo Testamento a principal função do pastor é ensinar, o que inclui pregar para a congregação, aconselhar as pessoas e preparar gru-

pos. Mas não existe motivo pelo qual esses e outros ministérios “pastorais” não possam ser compartilhados por crentes talentosos, capacitados e designados para isso. Muitas igrejas têm “anciãos”, “presbíteros” e “diáconos” que trabalham em íntima cooperação com os pastores. Às vezes eles também pregam, dirigem cultos, auxiliam na distribuição da Ceia, fazem visitas e aconselhamento, dirigem grupos de estudo e comunhão, preparam pessoas para o batismo, auxiliam em cursos de novos membros, preparação para o batismo e para o casamento e supervisionam diferentes áreas da vida da igreja.

É, pois, um erro referir-se ao pastorado como “o ministério”, porque isso dá a impressão de que não existe nenhum outro. A verdade é que existem centenas de diferentes ministérios cristãos, tanto na igreja como na comunidade em geral. Agora, é verdade que ser vocacionado para o ministério do pastorado ordenado é um privilégio muito especial. É uma “nobre função” (1 Timóteo 3.1), já que os pastores são chamados a “pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com seu próprio sangue” (Atos 20.28). Mas não deveríamos colocar o clero em um pedestal, e muito menos o clero colocar-se nele. Muito pelo contrário, deveríamos reconhecer os diversos dons que Deus dá ao seu povo e desenvolver uma equipe de líderes na igreja local que inclua leigos e clero, homens e mulheres, assalariados e voluntários, jovens e velhos, cujos dons sejam usados na edificação da igreja.

MINISTÉRIO CRISTÃO EM NOSSA VIZINHANÇA

Além do lar e do trabalho, os cristãos pertencem a duas outras comunidades, a saber, sua igreja local (que nós acabamos de considerar) e sua vizinhança imediata. Idealmente estas duas áreas geográficas deveriam coincidir. Esse negócio de “viagem sagrada” (percorrer uma grande distância cada vez que se vai à igreja) é compreensível em algumas situações, mas tem uma séria desvantagem: separa a nossa vida de igreja da nossa casa e vizinhança.

Todos os discípulos de Jesus foram enviados “ao mundo” por ele (João 17.18). O que é, então, o “mundo” para o qual ele nos enviou? E com que propósito ele nos enviou para lá? “O mundo” não significa necessariamente o planeta Terra, embora nós tenhamos uma responsabilidade global (que consideraremos logo adiante). Significa antes qualquer parte da comunidade humana, perto ou longe, que não conhece nem honra a Deus. Na terminologia bíblica, e especialmente nos escritos de João, “o mundo” geralmente significa aquilo que nós chamamos de “sociedade secular”. É para alguma parte desse “mundo” que somos chamados a ir. Não podemos simplesmente optar por permanecer na segurança dos nossos templos desfrutando a comunhão gostosa que isso nos proporciona. É claro que se o nosso lugar de trabalho (ou mesmo a nossa casa e família) for um ambiente não cristão, então nós já vamos diariamente “para o mundo”.

SAL E LUZ

Mas por que Jesus mandou seus seguidores para o mundo? O motivo que ele deu no Sermão do Monte é que ele quer que nós sejamos “sal” e “luz” (Mateus 5.13-16). As duas metáforas indicam que os cristãos devem permear a sociedade não cristã assim como o sal penetra na carne e a luz brilha em meio à escuridão. Os dois implicam que ele espera que nós influenciemos e mudemos a sociedade, da mesma maneira que o sal inibe a decomposição bacteriana e a luz reduz e até mesmo bane a escuridão. Juntos eles ilustram a missão da igreja. Devemos deixar nossa *luz* (que é a luz de Cristo e seu evangelho) brilhar de tal modo que através de nossas palavras e obras as pessoas venham a acreditar nele. E, como, devemos impregnar firmemente a sociedade com os valores e os padrões do reino de Deus e assim ajudar a impedir a sua deterioração.

Isso inclui a nossa vizinhança mais próxima. Um simples lar cristão que se destaque pelo exemplo pode ter uma enorme influência no bairro. E a igreja local deve influenciar a comunidade local, tanto espalhando as Boas Novas quanto se envolvendo de modo construtivo na vida da sociedade local. Não podemos desfrutar o privilégio de adorar a Deus na igreja e rejeitar a responsabilidade de testemunhar na comunidade. Seria muito bom se cada igreja tivesse uma “comissão de estratégia” cujo papel fosse pesquisar e planejar formas adequadas de divulgar o evangelho entre os moradores do bairro. Poderiam organizar uma visitaçãõ de casa em casa, ou a distribuição massiva de folhetos ou convites

para programações específicas na época do Natal ou Páscoa, por exemplo. Ou organizar eventos (na igreja ou em outro lugar) para o qual pudessem convidar todos os moradores da circunvizinhança. Poderiam incentivar pequenos grupos de membros da igreja a se envolverem em aspectos específicos da vida comunitária – por exemplo, tornando-se sócios de clubes ou associações recreativas locais onde pudessem eventualmente trazer alguma contribuição implementando valores cristãos em alguns dos serviços prestados, ou tentando introduzir (ou incrementar) uma seção de livros cristãos na biblioteca pública.

Mas nem todo envolvimento cristão na comunidade local precisa ser organizado pela igreja local. Membros individuais da igreja podem tomar suas próprias iniciativas, em parte para divertir-se, mas também por serviço. É muito importante que cristãos conhecidos dêem sua contribuição no governo local, que sejam membros de diretórios de escolas e que sirvam como voluntários em alguns dos inúmeros serviços comunitários existentes. São muitas as oportunidades para isso: organizações cívicas, associações de bairros, serviços telefônicos emergenciais tipo “*disque-ajuda*”, centros de atendimento e auxílio a desempregados, albergues, hospitais, asilos, prisões, instituições para meninos de rua, menores infratores ou adolescentes grávidas, grupos ambientais, e tantos outros.

MINISTÉRIO CRISTÃO EM NOSSO MUNDO

Foi somente nos anos recentes que o crescente movimento verde popularizou o conceito de “um mundo”, isto é, que o planeta Terra é como uma frágil espaçonave e que nós somos responsáveis pelo seu cuidado e manutenção. Já na década de 1960 a ilustre economista Barbara Ward nos chamava a desenvolver um sentimento de “comunidade planetária e compromisso planetário”. Mas os cristãos é que deveriam ter sido os pioneiros desse pensamento, e séculos atrás, já que a Bíblia ensina claramente sobre a unidade do planeta e da raça humana. Isso implica em que cada ser humano é nosso próximo, e sua raça, nação, classe ou língua em particular em nada diminui é a responsabilidade que temos. Urge que, em nome de Cristo, repudiemos todo e qualquer localismo estreito e limitado e desenvolvamos, em vez disso, uma cidadania consciente do mundo. Os cidadãos cristãos do mundo estão igualmente comprometidos com a missão mundial e preocupados com as questões mundiais.

A missão mundial (algumas vezes chamada de evangelização) não deve ser descartada como *hobby* de uns poucos fanáticos, ou por considerá-la incompatível com a tolerância religiosa exigida em nossas sociedades cada vez mais pluralistas. De modo algum! Ela é parte integrante de nossa obediência cristã, pois foi o próprio Senhor ressurreto que estabeleceu essa assim chamada Grande Comissão, quando disse: “Vão e façam discípulos de todas as nações” (Mateus 28.19). A missão mundial é uma expressão natural do amor de Deus, que o moveu a dar o seu Filho

pelo mundo (João 3.16). Além disso, Deus o “exaltou à mais alta posição”, dando-lhe o lugar de suprema honra à sua direita, para que diante dele “se dobre todo joelho... e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor” (Filipenses 2.9-11). Se esse é o desejo de Deus, deve ser também o nosso. Por isso alguns são chamados para serem mensageiros transculturais das boas novas. Esses “missionários”, como se convencionou chamá-los tradicionalmente – ou “parceiros de missão”, título bastante usado hoje em dia – dão a sua participação disseminando o evangelho através do mundo. Mas todos nós, sem exceção, deveríamos contribuir de alguma forma para a missão mundial dada por Deus à sua igreja. A melhor maneira de fazer isso é cultivando um interesse deliberado por uma ou duas missões ou missionários em particular, lendo sobre eles para manter-nos informados, correspondendo-nos com eles e apoiando-os fielmente com orações e ofertas regulares.

“Preocupação com as questões mundiais” significa um compromisso paralelo com questões de paz, justiça e meio ambiente. Como os problemas são tantos e muito variados, provavelmente deveríamos selecionar um deles (de acordo com os interesses de cada um) e procurar manter-nos informados e envolvidos. Talvez a melhor maneira aqui seja juntar um grupo que se comprometa a estudar e atuar na área em questão, seja a fome, o problema dos sem-teto, a desigualdade econômica entre Norte e Sul, ecologia, a santidade da vida humana, conflitos raciais ou direitos humanos.

Este breve panorama das diferentes esferas do serviço cristão – lar e emprego, igreja, comunidade e mundo – pode parecer assustador. Todos nós temos tempo e energia limitados. Para ser

franco, o simples fato de lembrar que todo mundo não pode fazer tudo já me deixa aliviado. Aliás, nem é bom tentar, pois Deus é quem constrói sua igreja, e ele chama diferentes membros do seu corpo para se concentrarem em diferentes ministérios. Todos nós temos um ministério cristão a desempenhar em nossos lares e em nosso trabalho. Isso é uma responsabilidade que não podemos evitar. Agora, quanto ao resto do nosso escasso tempo, se vamos investi-lo em nossa igreja local, na comunidade ou em questões globais, ou se vamos dedicar algum tempo para cada um, nós é que temos de decidir conscientemente diante de Deus. Os nossos dons, nossa personalidade, o contexto em que vivemos, nossos interesses e o sentido de chamado ajudarão a discernir o propósito de Deus para nossa vida. O que é claro é que somos chamados a dedicar nossas vidas para servir. E a palavra de Deus é clara: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens” (Colossenses 3.23).

*Ensina-me, meu Deus e Rei
a ver-te em tudo aqui
e em qualquer coisa que eu fizer
servir somente a ti.*

*Que ver-te em tudo que eu fizer
transforme os atos meus:
será puro e nobre o que era comum
se feito “para Deus”.*

*No coração de um fiel servo teu
saber que é “por amor”
transforma em honra o mais vil labutar
“em nome do Senhor”.*

*Esta é a pedra singular
que em ouro tudo faz,
pois o que, ao tocar, Deus torna seu
não perde o valor jamais!*

George Herbert (1633)

GUIA DE ESTUDOS – CAPÍTULO 10

Veja as orientações nas páginas 11-13.

ELEMENTOS BÁSICOS

Perguntas

1. Se alguém de sua família que não é cristão achar que você está virando um religioso fanático, como irá lhe explicar que ser cristão é mais do que só “ir à igreja aos domingos e fazer suas orações”?
2. Em qual das cinco esferas de serviço abordadas neste capítulo você acha que é mais fraco? Como poderia fortalecer a sua contribuição nesta esfera?
3. O que você entende pela frase “o seu serviço é perfeita liberdade”? Até que ponto isso é verdade para você?

Promessa

Sabedoria divina – Tiago 1.5

Direcionamento de Deus – Salmo 32.8-9

Orações (escolha)

Nº 13 (p. 240) – pelo nosso trabalho diário

Nº 14 (p. 240) – pelo serviço a Deus

Nº 15 (p. 241) – por paz, justiça e o meio ambiente

Nº 16 (p. 241) – pela missão mundial da igreja

OUTRAS POSSIBILIDADES

Estudo Bíblico

Romanos 12.1-13

Estudo em Grupo

O que vocês poderiam fazer como grupo para completar e aprofundar este curso juntos e ao mesmo tempo servir a outras pessoas?

Analisem estas e outras sugestões:

-Promover uma festa para suas famílias ou amigos não cristãos

-Apresentar um relatório dramatizado do curso numa reunião da igreja, ou dirigir um culto juntos

-Desenvolver e patrocinar alguma atividade de ação social

Resposta

Cada pessoa do grupo deverá criar o seu próprio “cartão de visita”, descrevendo (em no máximo três palavras cada) o seu papel ou função em cada uma das cinco esferas de serviço. Depois troquem os cartões entre si, de modo que durante a próxima semana cada um fique encarregado de orar por outra pessoa e tudo o que ela faz.

Verificação

De que maneiras você está servindo a Cristo?

LEITURA RECOMENDADA:

DE VOLTA À FONTE - RESGATANDO A ESPIRITUALIDADE – Eugene H. Peterson, 104 pp. – Encontro Publicações.

A VERDADE DO EVANGELHO – John Stott, 141 pp. – Encontro Publicações.

CONCLUSÃO

Se você está se preparando para batizar-se e/ou tornar-se membro da igreja, sua admissão pode ser um marco definitivo em sua vida – até mesmo uma virada, algo que sempre recordará com gratidão. Mas o significado disso para você irá depender muito do cuidado que envolverá esse preparo.

Eu, sinceramente, espero que antes de chegar o dia em que irá declarar publicamente que se arrependeu e entregou-se a Cristo você esteja certo de tê-lo feito em particular, abrindo a porta do seu coração para ele.

E nos anos que se seguem, espero que cultive com muita disciplina o hábito de orar e ler a Bíblia todo dia, bem como de participar dos cultos e da Ceia do Senhor, de modo que, fortalecido por esses “meios da graça”, você possa crescer na fé, amor, santidade e sabedoria, obedeça à vontade e aos mandamentos de Deus e dedique sua vida ao seu serviço, quaisquer que sejam as formas que isso venha a assumir. Então certamente descobrirá, assim como eu o fiz, a verdade do que diz o velho ditado: liberdade perfeita é servir a Deus.

ALGUMAS ORAÇÕES

Existem diferentes maneiras de orar. A maioria dos cristãos prefere orar de modo espontâneo. Outros gostam de escrever e usar orações prontas.

Menos comum, mas muito compensador, é compilar e usar orações que foram escritas por homens e mulheres de Deus no passado. Algumas dessas orações estão incluídas na coletânea a seguir.

1. PARA QUEM ESTÁ SE PREPARANDO PARA O BATISMO

Pai Celestial, concede que ao preparar-me para o batismo eu possa ter bem claro o meu relacionamento contigo, de modo que ao ser batizado eu possa professar a minha fé com sinceridade e determinação e receber, por intermédio da água, a certeza de que tu me lavaste e me deste vida nova através de Jesus Cristo, nosso Senhor.

2. PARA O DIA DO BATISMO

Eu hoje cinjo ao meu peito
o nome da Trindade – meu pavês
e invoco esse nome forte:
os Três em Um e Um em Três.
Hoje eu me cinjo da força
de Deus para suste e guiar,
seu olhar para vigiar,
seu poder para ficar,
seu ouvir quando eu precisar.
A sabedoria de Deus para ensinar,
o escudo para proteger, sua mão para me guiar
sua palavra para me dizer o que falar,
sua hoste celestial para me guardar.
Cristo esteja comigo, Cristo dentro de mim,
Cristo atrás de mim, Cristo adiante de mim,
Cristo ao meu lado, Cristo para me ganhar,
Cristo para confortar e restaurar,
Cristo abaixo de mim, Cristo acima de mim,
Cristo na quietude, Cristo no perigo,
Cristo nos corações de todos os que me amam,
Cristo na boca do amigo e do estrangeiro.

*Peitoral de São Patrício
Século V d.C., adaptado*

3. PELOS NOVOS MEMBROS NA IGREJA

Senhor, faze de mim um instrumento de tua paz. Onde há ódio, que eu leve amor; onde há ódio, perdão; onde há dúvida, fé; onde há desespero, esperança; onde há escuridão, luz; onde há tristeza, júbilo. Mestre Divino, dá que eu possa procurar não tanto ser consolado quanto consolar; ser compreendido menos que compreender; ser amado menos que amar. Pois é dando que se recebe, perdando que somos perdoados, e morrendo que nascemos para a vida eterna.

Atribuída a São Francisco de Assis, morto em 1226

4. POR QUEM ESTÁ EM BUSCA DE CERTEZA

Senhor Jesus, tu morreste pelos nossos pecados na cruz, e prometes receber todos que chegarem a ti. Dá-nos a graça de descansar na obra que consumaste e confiar na certeza da tua palavra, para que possamos saber que tu nos perdoaste, em teu nome.

5. POR PERSEVERANÇA NA VIDA CRISTÃ

Ó Senhor Deus! Quando aos teus servos confiares uma tarefa grandiosa, dá-nos saber também que não é o começo, mas a continuação da mesma, até a sua plena realização, com verdadeira glória, através d' Aquele que pelo cumprimento de tua obra deu sua própria vida, nosso Redentor, Jesus Cristo.

*Sir Francis Drake, 1587,
No dia em que viajou para Cadiz*

6. POR CRESCIMENTO NA COMPREENSÃO DA PALAVRA

Ó Senhor, Pai celestial, em quem está a plenitude da luz e da sabedoria, ilumina nossas mentes pelo teu Espírito Santo, e dá-nos graça para recebermos tua palavra com reverência e humildade, sem o que ninguém pode compreender tua verdade. Pelo amor de Cristo.

João Calvino, adaptada

7. POR CRESCIMENTO EM SANTIDADE

Ó Deus, o Deus de toda bondade e graça, tu és merecedor de um amor maior do que podemos dar ou entender; encha nossos corações com tal amor por ti, que nada é duro demais para nós sofrermos em obediência à tua vontade; e dá que em amar a ti nós possamos nos tornar a cada dia mais como tu, e finalmente obter a coroa da vida que tu prometeste àqueles que te amam, em Jesus Cristo nosso Senhor.

Adaptada do Manual Farnham Hostel, século XIX

8. POR UMA FÉ CONFIANTE NA TRINDADE

Todo-poderoso e eterno Deus, tu te revelaste como Pai, Filho e Espírito Santo, e vives em perfeita unidade de amor. Dá que nos apeguemos sempre a essa fé com firmeza e alegria, que adoremos tua divina majestade e que finalmente nos tornemos um contigo, que és três pessoas em um único Deus, para sempre e eternamente.

Igreja da Sul da Índia, adaptada

9. PELA LEITURA DA BÍBLIA

Bendito Senhor, que fizeste com que toda a Escritura Sagrada fosse escrita para o nosso aprendizado, ajuda-nos a ouvi-la, a ler, guardar, aprender e digeri-la para que, com paciência e pelo conforto de tua santa palavra, possamos abraçar e apegar-nos firmemente à esperança da vida eterna que tu nos deste em nosso Salvador Jesus Cristo.

Coletânea para Advento II, Livro Episcopal de Oração

10. POR AJUDA NO APRENDIZADO DA ORAÇÃO

Nós te pedimos, Senhor Jesus, como teus apóstolos fizeram, que nos ensines a orar. Mesmo sendo fraca a carne, nosso espírito está desejoso. Agradecemos-te por nos permitires chamar teu Pai de *nosso* Pai. Ajuda-nos a achegar-nos a ele com a simplicidade de uma criança, buscar a sua glória e compartilhar com ele nossas necessidade, por amor do teu nome.

11. POR NOSSA IGREJA LOCAL

Senhor Jesus Cristo, nós te louvamos porque estás edificando tua igreja ao redor do mundo. Imploramos as tuas bênçãos sobre as igrejas deste país, e especialmente sobre nossa própria igreja. Que o nosso louvor seja agradável a ti, que a nossa comunhão seja forte e cheia de amor e que alcancemos a nossa comunidade com sensibilidade, humildade e ousadia, para a propagação do teu reino e a glória do teu nome.

12. POR UM RECONHECIMENTO CADA VEZ MAIOR DA IMPORTÂNCIA DA CEIA DO SENHOR

Senhor Jesus Cristo, agradecemos-te humildemente por teres escolhido o pão e o vinho como símbolos de teu corpo e sangue dados na cruz por nossos pecados e por teres ordenado que lembrássemos de ti desta forma. Aprofunda nosso arrependimento, fortalece nossa fé e aumenta nosso amor uns pelos outros, de modo que ao comer e beber este sacramento de nossa redenção possamos, pela fé e com ação de graças, alimentar-nos verdadeiramente de ti. Em teu nome digno e grandioso.

13. POR NOSSO TRABALHO COTIDIANO

Pai celestial, tu abençoaste o nosso trabalho nos dias da semana por teu próprio trabalho na criação e pelo labor de teu Filho num banco de carpinteiro. Dá aos líderes da nação sabedoria para solucionar o problema do desemprego. E àqueles que, dentre nós, têm trabalho a fazer, permite-nos não só realizar-nos através disso mas também gozar do privilégio de cooperar contigo no serviço à comunidade. Em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor.

14. PELO SERVIÇO A DEUS

Deus eterno, tu és a luz das mentes que te conhecem, a alegria dos corações que te amam e a força das vontades que te servem. Capacita-nos a conhecer-te para que possamos te amar de verdade, e que ao te amar assim possamos servir-te com todo o nosso ser, pois a perfeita liberdade se encontra em servir a ti. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

Agostinho de Hippo, morto em 430 d.C.

15. POR PAZ, JUSTIÇA E O MEIO AMBIENTE

Deus todo-poderoso, tu criaste o nosso planeta. Tu promoves a paz e amas a justiça. Dá teu próprio zelo e cuidado com o meio ambiente àqueles que estão o destruindo, tua paz aos lugares violentos do mundo e tua justiça aos despojados e oprimidos. E mostra-nos o que podemos fazer para levar adiante o teu propósito de amor. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.

16. PELA MISSÃO MUNDIAL DA IGREJA

Pai Celestial, tu exaltaste teu Filho Jesus Cristo ao lugar mais sublime, a fim de que todo joelho se dobre diante dele. Nós somos gratos porque em todos os países já existe quem confesse que ele é o Senhor. Abençoa aqueles que procuram divulgar as tuas boas novas. Enche-nos com teu Espírito para que nós também possamos testemunhar de Jesus. E dá que bem logo o mundo inteiro tenha ouvido a mensagem de Cristo e tido oportunidade de reconhecê-lo como seu Senhor e Mestre. Pelo seu nome.

NOTAS

Capítulo 1: Como se tornar cristão

1. Do Diário de John Wesley, registros de 24 e 29 de janeiro de 1738.
2. Ibid., registro de 24 de maio de 1738.

Capítulo 2: Como ter certeza de que se é cristão

1. Dr. e Sra. Howard Taylor, Hudson Taylor in Early Years (1911), 66-67. Ver também Roger Steer, J. Hudson Taylor: A Man in Christ (OMF, 1990), 6.
2. Não creio que este seja o lugar apropriado para uma defesa exaustiva da prática do batismo de crianças. Para quem deseje pesar os argumentos para isso eu coloco apenas três questões: (1) A prática do batismo infantil só se justifica no caso de filhos de cristãos professos; (2) Faz sentido quando lembramos que o Deus da Bíblia pensa e age levando em conta as famílias. A prática da circuncisão no Velho Testamento mostra que os filhos dos crentes estão incluídos na aliança de Deus (Gênesis 17); o que Jesus fez e ensinou mostra que eles fazem parte do reino de Deus (Marcos 10.13-16); e a afirmação de Paulo de que eles são “santos” mostra que eles são da igreja de Deus (1 Coríntios 7.12-14). Se esta é a sua condição por nascimento, parece correto acrescentar a isso o signo

do batismo. Além disso, o costume da igreja primitiva de batizar “os da casa” (Atos 16.15, 33; 1 Coríntios 1.16) provavelmente também incluía crianças, já que as palavras *oikos* e *oikia*, que significam “lar” ou “família”, eram muitas vezes sinônimo de famílias com filhos (cf. 1 Timóteo 3.4-5). (3) O batismo de infantes, embora seja uma questão defensável pelas Escrituras, não pode ser provado a partir delas. Não deve ser, portanto, exigido. Em vez de se separarem por causa disso, as igrejas deveriam reconhecer o batismo umas das outras e dar aos pais a liberdade de pedir que seus filhos pequenos sejam batizados ou não.

Capítulo 3: Como crescer na vida cristã

1. The London Churchman, agosto de 1956.
2. Atribuído a Hal Pink, em *A Treasury of Prayers and Praises for Use in Toc H* (1945).

Capítulo 4: “Creio em Deus Pai...”

1. The Central Message of the New Testament (SCM, 1965), 19-20.

Capítulo 5: “Creio em Jesus Cristo...”

1. Muitos leitores ficam intrigados com a forma como Mateus considera o nascimento virginal de Jesus um cumprimento de uma profecia de Isaías, segundo a qual “A virgem engravidará e dará à luz um filho, e lhe chamarão ‘Emanuel’,

que significa ‘Deus conosco’” (Isaías 7.14; Mateus 1.23). O problema é que Mateus cita a versão da profecia utilizada na Septuaginta, que traz a palavra grega *parthenos* (“virgem”), enquanto Isaías usou a palavra hebraica *almah* (muitas vezes traduzida como “jovem mulher”). Isso é uma charada bem conhecida. Mas dois pontos podem ser colocados em defesa de Mateus. Primeiro, Isaías não usou a palavra comumente usada no hebreu para mulher casada ou esposa (*ishshah*), mas um termo raro que às vezes se empregava para meninas não casadas. Talvez seja por isso que a Septuaginta escolheu *parthenos* para a tradução grega. Segundo, ao citar Isaías 7.14, Mateus enfatiza mais o significado do nome da criança, “Emanuel” (“Deus conosco”), do que a condição da mãe da criança. Estes dois pontos permitem concluir que, embora o texto de Isaías 7.14 não afirme claramente o nascimento virginal, é compatível com ele, e Mateus o citou com propriedade.

2. Ver, por exemplo, “era necessário que o Filho do homem sofresse ...” (Marcos 8.31).

Capítulo 6: “Creio no Espírito Santo...”

1. J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit* (InterVarsity Press, 1984), 65-66.
2. 1 Pedro 1.16, citando Levítico 11.44-45; 19.2; 20.7, etc.
3. Romanos 12.3-8; 1 Coríntios 12.4-11, 27-31; Efésios 4.7-13; e 1 Pedro 4.10-11.

4. Roland Allen, *Pentecost and the World* (Oxford University Press, 1917), 36.
5. *Ibid.*, 40.
6. *Ibid.*, 91.

Capítulo 7: Os Valores morais

1. Efésios 6.1; Colossenses 3.20. A desobediência aos pais é vista no Novo Testamento como um sintoma de desintegração social (Romanos 1.30; 2 Timóteo 3.2).

Capítulo 8: A Leitura da Bíblia e a oração

1. De uma entrevista com ele publicada em *Cristianity Today* no dia 20 de abril de 1979.
2. Bakers Book House.
3. Edição Revisada, 1983.
4. De um capítulo intitulado “Do You Pray?” em *Home Truths* por J. C. Ryle, não datado, 114, 121.
5. Citado por W. E. Sangster em *The Pure in Heart: A Study in Christian Sanctity* (Epworth, 1954), 201.
6. Da exposição de Calvino sobre Mateus 6.8 em sua obra *Commentary on a Harmony of the Evangelists* (1558).

Capítulo 9: A Vida em Comunhão e a Ceia do Senhor

1. C. S. Lewis, *Surpreendido pela Alegria* (Editora Mundo Cristão, 1998). 238-39.
2. Stephen C. Neill, *Christian Faith Today* (Penguin, 1955), 174.
3. Richard Hooker, *Laws of Ecclesiastical Polity*, 67.6.
4. Latimer, *Works*, 2.286.
5. Citado de *The Journal of John Wesley*, em 3 de setembro de 1739.
6. Sessão 22, cap. 2.
7. É verdade que em alguns contextos hoje a palavra “altar” perdeu seu significado original de lugar designado para o sacrifício. Isso acontece, por exemplo, quando num apelo evangelístico as pessoas são chamadas “ao altar”, ou quando um homem refere-se ao seu casamento como “levar a esposa ao altar”. Mesmo assim, é importante atentar para as palavras e seus significados. No contexto da Santa Ceia é sábio usarmos a palavra “mesa” no lugar de “altar”, para mostrar que acreditamos que a ocasião é uma ceia e não um sacrifício.
8. Afirmação constante do Parágrafo 5 do documento sobre a Eucaristia produzido pela Comissão Internacional Anglicana Católica Romana.
9. *An Evangelical Open Letter* em ARCIC, dirigida ao Episcopado Anglicano, Páscoa de 1988.